ANNO XXXIX. NUMERO 71.

SABBADO 28 DE MARÇO DE 1863

Por tres mezes adiantados 5$000.
Por tres mezes vencidos 6$000

Por anno adiantado 19$0000
Porte franco para o subscriptor

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇAO' DO NORTE.
Parahiba, o Sr. Antonio Alexandrino de Lima; Natal, o Sr. Antonio Marques da Silva; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Pará, Manoel Pinheiro & C.; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

ENCARREGADO DA SUBSCRIPÇAO' DO SUL.
Alagoas, o Sr. Clementino Falcão Dias; Bahia, o Sr. José Martins Alves, Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.

PARTIDA DOS ESTAFETAS.
Olinda, Cabo e Escada todos os dias.
Iguarassu', Goianna e Parahiba nas segundas e sextas-feiras.
Santo Antão, Gravatá, Bezerros, Bonito, Garuaru', Altinho e Garanhuns nas terças feiras.
Páo d'Alho, Nazareth, Limoeiro, Brejo, Pesqueira, Ingazeira, Flores, Villa Bella, Tacaratu' Cabrobó, Boa-Vista, Ouricury e Exu' nas quartas feiras.
Serinhãem, Rio Formoso, Tamandaré, Una, Barreiros, Agua Preta e Pimenteiras nas quintas feiras.
Ilha de Fernando todas as vezes que para alli sahir navios.
Todos os estafetas partem as 10 horas da manhãa.

EPHEMERIDES DO MEZ DE MARÇO.
5 Lua cheia as 11 horas, 20 m. e 38 da m.
12 Quarto ming. as 3 horas, 30 m. e 14 s. da t.
19 Lua nova as 11 horas, 12 m. e 2 s. da m.
27 Quarto cresc. as 5 horas, 32 m. e 38 s. da m.

PREAMAR DE HOJE.
Primeiro as 10 horas e 54 minutos da manhãa.
Segundo as 11 horas e 18 minutos da tarde.

PARTIDA DOS VAPORES COSTEIROS.
Para o sul até Alagoas á 5 e 23: para o norte até a Granja a' 7 e 22 de cada mez; para Fernando nos dias 14 dos mezes de jan., marc., maio, julho, set. e nov.

PARTIDA DOS OMNIBUS.
Pára o Recife: do *Apipucos* ás 6 1/2, 7, 7 1/2, 8 e 8 1/2 da m.; de *Olinda* ás 8 man. e 6 da tarde; de *Jaboatão* ás 6 1/2 da m.; do *Cachangá* e *Varzea* ás 7 da man.; de *Bemfica* ás 8 da m.
Do Recife: para o *Apepucos* ás 3 1/2, 4, 4 1/4, 4 1/2, 5, 5 1/4, 5 1/2 e 6 da tarde; para *Olinda* ás 7 da manhãa e 4 1/2 da tarde; para *Jaboatão* ás 4 da tarde; para *Caxangá* e *Varzea* ás 4 1/2 da t.; para *Bemfica* ás 4 da t.

AUDIENCIA DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.
Tribunal do commercio: segundas e quintas.
Relação: terças e sabbados ás 10 horas.
Fazenda: quinta ás 10 horas.
Juizo do commercio: segundas ás 11 horas.
Dito de orphãos: terças e sextas ás 10 horas.
Primeira vara do civel: terças e sextas ao meio dia.
Segunda vara do civel: quartas e sabbados a 1 hora da tarde.

DIAS DA SEMANA.
23 Segunda. Ss. Victorino e Frumencio mm.
24 Terça. Instituição do SS. Sacramento.
25 Quarta. ✻ Annunciação de Nossa Senhora.
26 Quinta. Ss. Ludgero e Braulio ob.
27 Sexta. As Dores de N. Senhora; S. Leandro.
28 Sabbado. Ss. Prisco Malco e Pastor mm.
29 Domingo. S. Bertholdo c.; S. Jonas m.

ASSIGNA-SE
no Recife, em a livraria da praça da Independencia ns. 6 e 8, dos proprietarios Manoel Figueiroa de Faria & Filho.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 24 de março de 1863.

Officio ao Exm. ministro brasileiro em Paris.—Havendo falta de pus vaccinico, como me representou o Dr. commissario vaccinador desta provincia, rogo á V. Exc. se sirva de remetter-me ao menos uma vez por mez a quantidade, que julgar conveniente, enviando opportunamente a respectiva conta para ser paga.

Aproveito a opportunidade para apresentar á V. Exc. os meus protestos de estima e consideração.

Dito ao brigadeiro commandante das armas.—Sirva-se V. Exc. de expedir suas ordens, afim de que amanhãa ás 7 horas da noite esteja postada no theatro de Santa Isabel uma guarda de honra, até terminar o espectaculo, que ali deve ter lugar.

Dito ao mesmo.—Envio á V. Exc. para os fins convenientes as inclusas guias dos sentenciados militares, que finalisaram as suas penas no presidio de Fernando, e consta da relação junta.

Dito ao visconde da Boa-Vista. — Sirva-se V. Exc. de mandar postar, em frente da igreja do Paraiso, uma guarda de honra de um dos batalhões da guarda nacional sob seu commando superior, afim de acompanhar a procissão do Senhor Bom Jesus das Chagas, que da mesma igreja tem de sahir no dia 29 do corrente, ás 2 1/2 horas da tarde.

Dito ao mesmo.—Sirva-se V. Exc. de mandar postar em frente da igreja da Santa Cruz da freguezia da Boa-Vista uma guarda de honra de um dos batalhões da guarda nacional sob seu commando superior, afim de acompanhar a procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos, que tem de sahir daquella igreja no dia 27 do corrente, ás 3 horas da tarde.

Dito ao mesmo.—Queira V. Exc. expedir suas ordens, para que o batalhão n. 1 de artilharia da guarda nacional deste municipio, assista aos actos da semana santa, que se tem de celebrar na matriz de S. Frei Pedro Gonçalves desta cidade, e acompanhe as respectivas procissões.

Dito ao mesmo.—Agradecendo ao governo imperial, como foi declarado em aviso da repartição do imperio de 9 do corrente, a felicitação que lhe dirigiram o tenente coronel commandante, officiaes e praças do segundo batalhão deste municipio, pelo resultado das questões suscitadas ultimamente pela legação britannica na côrte: assim communico á V. Exc. para que o faça constar aos signatarios da referida felicitação.

Dito ao mesmo.—Sirva-se V. Exc. de expedir suas ordens, para ser postada em frente da matriz da freguezia de Muribeca uma guarda de honra de um dos batalhões da guarda nacional sob seu commando superior, afim de assistir alguns actos da semana santa, que se tem de celebrar naquella matriz.

Dito ao inspector da thesouraria de fazenda.—Ao Dr. Tristão de Alencar Araripe, mande V. S. pagar a quantia de 12$, em que importa o aluguel de seis mezes vencidos no ultimo de dezembro do anno passado, da casa que serve de quartel ao destacamento do termo do Exu', como se vê do recibo junto em duplicata, que para esse fim me foi remettido pelo chefe de policia com officio de hontem sob n. 488. — Communicou-se ao Dr. chefe de policia.

Dito ao inspector da thesouraria provincial.—Recommendo á V. S., que mande pagar ao Dr. Tristão de Alencar Araripe conforme solicitou o chefe de policia em officio de hontem sob n. 488 a quantia de 12$ proveniente do aluguel de seis mezes vencidos em 31 de dezembro do anno proximo passado da casa, que serve de cadeia no termo de Exu', como se vê do recibo junto em duplicata. — Communicou-se ao Dr. chefe de policia.

Dito ao mesmo.—Mande V. S. pagar a Antonio Augusto Maciel ou ao seu procurador, a quantia de 50$, em que segundo o recibo junto em duplicata, que me foi remettido pelo chefe de policia com officio de hontem sob n. 490 importa o aluguel de 3 mezes vencidos no ultimo de fevereiro deste anno, da casa que serve de cadeia no termo de Barreiros.

Dito ao desembargador procurador da corôa, fazenda e soberania nacional. — Queira V. S. emittir o seu parecer ácerca da materia do incluso officio do juiz commissario da villa do Bonito datado de 17 do corrente.

Dito ao director das obras militares.—Declarando o brigadeiro commandante das armas em officio de hontem datado, que ainda não se effectuaram os concertos, de que necessitam os apparelhos da illuminação a gaz do quartel do segundo batalhão de infantaria e cuja execução se lhe recommendou que promovesse de accôrdo com os agentes da respectiva companhia, em data de 24 de outubro ultimo, determino á V. S. que cumpra quanto antes essa ordem, communicando o resultado.

Dito ao director do arsenal de guerra.—Mande V. Exc. pôr a disposição do commandante superior deste municipio a musica de menores desse arsenal, afim de marchar com um dos corpos da guarda nacional desta cidade na parada que deve ter lugar amanhãa as 4 horas da tarde.—Communicou-se ao commandante superior.

Dito ao commandante superior da guarda nacional de Goianna.—Mande V. S. postar em frente da Ordem Terceira do Carmo dessa cidade uma guarda de honra de um dos batalhões da guarda nacional sob seu commando superior, afim de acompanhar a procissão de Triumpho, que tem de sahir daquella igreja no dia 29 do corrente.

Dito ao commandante superior da guarda nacional de Olinda e Iguarassú.—A' vista do que informou V. S., em data de 18 do corrente, sobre os requerimentos do tenente da 1ª companhia José Joaquim Lopes de Almeida, e do alferes porta-bandeira João Baptista da Silva Manguinho Junior, do batalhão de infantaria da guarda nacional de Olinda, mande V. S. passar-lhes a guia de que trata o art. 45 do decreto n. 1130 de 12 de março de 1853, visto terem mudado de residencia o 1º para esta capital, e o 2º para a do Aracaty, no Ceará.

Dito ao commandante superior da guarda nacional de Santo Antão.—Mande V. S. postar em frente da igreja matriz da freguezia de Santo Antão, uma guarda de honra de um dos batalhões da guarda nacional sob seu commando superior, afim de acompanhar a imagem do Senhor dos Passos, que tem de sahir em prossisão da referida matriz no dia 29 do corrente.

Dito ao Dr. juiz de direito interino de Garanhuns.—Restituindo a Vmc. os documentos que vieram annexos ao seu officio de 18 de fevereiro ultimo, sob n. 21, tenho a dizer em resposta que, em vista da informação junta por copia da contadoria de fazenda, a que se refere a do respectivo inspector, datada de 20 do corrente, sob n. 215, só aos legitimos herdeiros do finado José Pinto de Araujo Madureira poderá ser entregue a gratificação que elle venceu como encarregado do tratamento dos desvalidos atacados do cholera morbus na villa de Bom Conselho, e por isso não pode ter lugar o pagamento por conta dessa gratificação da quantia de 50$000 despendida com o enterro do mencionado pratico, conforme Vmc. solicitou no citado officio.

Dito ao Dr. juiz municipal da 1ª vara desta cidade.—Envio a Vmc., para os fins convenientes, as inclusas guias dos sentenciados de justiça, que finalisaram no presidio de Fernando o tempo da pena a que foram condemnados, e constam da relação junta.

Relação dos sentenciados de justiça a que se refere o officio de S. Exc. o Sr. presidente da provincia desta data.

João Antonio Teixeira.
Claudino José de Farias.
Manoel da França Farias.
Francisco de Sales.
Manoel Lourenço da Conceição.
Innocencio Ferreira da Silva.

Dito ao mesmo.—Transmitto a Vmc. para ter o conveniente destino, a inclusa guia do sentenciado de justiça Miguel Pereira dos Anjos, que veio remettido do presidio de Fernando de Noronha, afim de finalisar nesta capital o tempo da pena a que fôra condemnado.

Dito ao director das obras publicas.—Constando do officio do inspector da thesouraria provincial datado de 19 do corrente e sob n. 122, que não appareceram licitantes a obra dos reparos da ponte do Bujary nas tres vezes em que foi a praça, recommendo a Vmc., que mande executar essa obra por administração, ou impreitada de conformidade porém com o respectivo orçamento.—Communicou-se ao inspector da thesouraria provincial.

Dito ao Dr. João Francisco Duarte.—Tendo me sido declarado em aviso da repartição do imperio de 9 do corrente, que o governo imperial agradece a felicitação que Vmc., e diversos cidadãos residentes nessa comarca dirigiram ao mesmo governo por motivo das questões suscitadas ultimamente pela legação britannica na côrte, assim o communico a Vmc. para que o faça constar aos assignatarios da referida felicitação.

Dito ao padre Francisco P. Duarte.—Tendo-me sido declarado em aviso da repartição do imperio de 9 do corrente que o governo imperial agradece a felicitação que V. Rvms., e diversos cidadãos residentes no districto de Correntes dirigiram ao mesmo governo, por motivo das questões suscitadas ultimamente pela legação britannica na côrte, assim o communico a V. Rvm., para que o faça constar aos assignatarios da referida felicitação.

Dito ao gerente da companhia Pernambucana.—Inteirado do conteudo de seu officio de 23 do corrente, tenho a dizer-lhe, que me informe a quem pertencem as cinco barricas de que trata o citado officio, e por conta de quem foram ellas embarcadas para o presidio de Fernando.

Dito ao tenente-coronel Thomaz de Aquino Cavalcanti.—Cumpre que Vmc. apresente documentos que comprovem as allegações que fez contra a junta revisôra de qualificação da freguezia do Bulque, em sua representação, que nesta data remetto a informar ao juiz de paz presidente da mesma junta.—Officiou-se a esse respeito ao predito juiz de paz

Dito aos Srs. Antonio de Lemos Vasconcellos, e Manoel Antonio da Paixão Mello, membros da junta revisora da qualificação da freguezia de Gravatá, e mais eleitores supplentes.—Cumpre que Vmcs. e mais eleitores provem com os documentos que tiverem as allegações que fazem contra a maioria da junta revisora de qualificação dessa freguezia, em sua representação, que nesta data remetto a informar ao juiz de paz presidente da referida junta.—Officiou-se neste sentido ao predito juiz de paz.

Portaria.—O presidente da provincia conformando-se com as propostas do tenente-coronel commandante do 2º batalhão de infantaria da guarda nacional deste municipio sobre que informou o respectivo commandante superior em officio de hontem, sob n. 32, resolve, na conformidade do artigo 48 da lei n. 602 de 19 de setembro de 1850, não só remover da 8ª para a 3ª companhia o tenente Thomaz Francisco de Sales Rosa, mas tambem promover aos postos do mesmo batalhão abaixo declarados os cidadãos seguintes:

6ª Companhia.
Tenente, o alferes da 8ª Manoel Juvencio de Sabois.

7ª Companhia.
Tenente, o alferes da mesma Joaquim Pereira de Mendonça.

8ª Companhia.
Capitão, o tenente da 3ª Olympio Gonçalves Rosa.
Tenente, o alferes da 8ª José Henrique da Silva.
Communicou-se ao commandante superior.

Dita.—Os Srs. agentes da companhia brasileira de paquetes a vapor mandem dar passagem de ré até o Rio de Janeiro, se houver vaga para passageiros de estado, no vapor *Tocantins*, que se espera do norte ao bacharel Pedro de Albuquerque Autran.

Dita. — O presidente da provincia, attendendo ao que lhe requereu o bacharel Paulo Martins de Almeida, promotor publico da comarca do Rio Formoso, resolve conceder-lhe um mez de licença com vencimentos para tratar de sua saúde nesta capital.

Dita. — O presidente da provincia conformando-se com a proposta do Dr. chefe de policia n. 493 de 23 do corrente, resolve exonerar o bacharel Pedro de Alcantara Peixoto de Miranda Veras do cargo de delegado de policia do termo do Ouricury, e para o substituir nomeia o capitão Antonio Cabral de Mello Leoncio.—Communicou-se ao Dr. chefe de policia.

Dita.— O presidente da provincia conformando-se com a proposta do Dr. chefe de policia desta data, resolve exonerar o bacharel Francisco Teixeira de Sá do cargo de delegado de policia do termo de Páo d'Alho.—Communicou-se ao Dr. chefe de policia.

Dita.—O presidente da provincia resolve conceder ao bacharel Francisco José Fernandes Gitirana a exoneração que pedio do cargo de promotor publico da comarca de Tacaratú, e para o substituir nomêa o bacharel José Ladislão Pereira da Silva.— Fizeram-se as necessarias communicações.

Dita.— O presidente da provincia conformando-se com a proposta do Dr. chefe de policia, n. 484, de 21 do corrente, resolve exonerar a Marcionillo da Silva Lins, do cargo de subdelegado do districto da Escada 1º da freguezia do mesmo nome, e para substitui-lo nomêa o capitão José Sancho Bezerra Cavalcanti.— Communicou-se ao Dr. chefe de policia.

Expediente do secretario do governo

Officio ao commandante superior do Recife.—O Exm. Sr. presidente da provincia manda communicar á V. Exc., que o director do arsenal de guerra tem ordem para fornecer as pedras de ferir, chumbeiras e cartes para pifanos, solicitados em seu officio n. 34 de 23 do corrente para o 1º batalhão da guarda nacional deste municipio.

Dito ao 1º secretario da assembléa legislativa provincial.—Em additamento ao meu officio de 7 do corrente, sob n. 37, passo por copia ás mãos V. S. de ordem de S. Exc. o Sr. presidente da provincia para ser presente a assembléa legislativa provincial a informação prestada pelo Dr. chefe de policia, em 19 deste mez, relativamente as perseguições feitas em Santo Antão pelo respectivo delegado contra os eleitores e varios cidadãos daquelle lugar.

Dito ao commandante do *Itajahy*.—S. Exc. o Sr. presidente da provincia manda declarar a V. S. em resposta ao seu officio desta data, que fica inteirado de ter fundeado neste porto procedente do Maranhão a corveta a vapor *Paraense*.

Dito ao 1º secretario da assembléa legislativa provincial.—S. Exc. o Sr. presidente da provincia manda remetter á V. S. para ser presente á assembléa legislativa provincial o contrato junto que nesta data celebrou com o barão do Livramento para o calçamento completo da capital, pelos diversos systemas ahi indicados.

S. Exc. depois que recebeu dessa assembléa os papeis relativos ao dito calçamento, que por elle lhe foram devolvidos com o officio de V. S. de 17 do corrente mez, continuou a instar com o mesmo barão, afim de conseguir as reducções nos preços de sua proposta, que lhe havia offerecido no officio dirigido ao mesmo datado de 3, e que á assembléa foi remettido com o de S. Exc. de 5 deste mesmo mez.

Não obstante esses esforços empregados por S. Exc. para obter aquellas vantagens para a fazenda provincial, só se pôde conseguir em parte, consistindo ellas afinal em que o prazo de tres annos para a amortisação da divida provincial, que pelo excesso de capitaes applicados ao calçamento, além das consignações respectivas, se houver de contrahir, foi ampliado de tres a cinco annos, o abate offerecido de dez por cento para esse caso nos preços do orçamento, elevado a 15 por cento no caso de ser feito o calçamento, unicamente segundo as forças das ditas consignações, elevado a 23 por cento em relação ao systema de parallelipipedos, e ao de 25 ao de pedras faciadas.

Por este modo os preços dos diversos systemas de calçamento ficaram reduzidos aos que vão declarados na condição setima do contrato junto, que pareceram a S. Exc. nas condições de serem aceitos, visto que são todos consideravelmente inferiores aos preços por que até aqui tem ordinariamente contratado qualquer d'elles.

Releva declarar de ordem do Exm. Sr. que exigindo o contratante em compensação do abatimento por elle feito no preço do calçamento pelo systema de pedras faciadas, que fosse dispensada a camada de pedras quebradas, de que trata o § 1.º do artigo 3.º do orçamento, e informando o director das obras publicas que nenhum inconveniente havia nisto em relação áquelle systema de calçamento, e que era com effeito dispensavel a dita camada de pedras quebradas, S. Exc. assim o resolveu, e fez consignar no contrato.

Sua Exc. submettendo pois o referido contrato a assembléa legislativa provincial espera, que a mesma resolverá a respeito de sua approvação, modificação, ou regeição, como em sua sabedoria julgar mais conveniente a provincia.

Vão juntos os orçamentos, que serviram de base a esse contrato.

Despachos do dia 24 de março.

Requerimentos.

Antonio Bento da Cunha Cavalcanti.—Informe o Sr. director geral da instrucção publica.
Antonio Pinto Rodrigues.—Não tem lugar.
Domingos José de Freitas.—Não tem lugar.
O mesmo.—Deferido com o despacho desta data em requerimento identico.
Francisco Roberto de Souza.—Informe o Sr. capitão do porto.
José Francisco do Carmo.—Remettido ao Sr. capitão do porto, para conceder a licença pedida, de conformidade com a sua informação de 21 do corrente.
João Elias de Oliveira.—Não tem lugar.
José Felix da Camara Pimentel Junior.—Informe o Sr. director do arsenal de guerra.
José Rodrigues das Dores.—Prove, que vive em companhia de sua mulher.
José Faustino Marinho Falcão.—A' vista da informação indeferido.
Luiz José Nunes de Castro.—Informe o Sr. inspector da thesouraria de fazenda.
Commendador Manoel Camillo Pires Falcão.—Indeferido á vista da informação.
Bacharel Miguel Bernardo Vieira de Amorim.—Informe o Sr. inspector da thesouraria de fazenda.

Commando das armas.

Quartel-general do commando das armas de Pernambuco na cidade do Recife em 26 de março de 1863.

ORDEM DO DIA N. 198.

Tendo os corpos da guarda nacional que em concorrencia com os de 1ª linha do exercito pertencentes a esta guarnição formado a grande parada que hontem á tarde teve lugar por occasião de se festejar o anniversario do juramento da constituição politica do imperio, sob o commando em chefe do general commandante das armas; tem hoje o mesmo general de cumprir o grato dever em patentear a esses corpos quanto satisfeito está e de dirigir-lhes os seus cordeaes agradecimentos pela maneira garbosa, asseio e nitidez dos uniformes com que se apresentaram os da mesma guarda, rivalisando nas manobras que executaram como os mais bem disciplinados corpos, devido sem duvida ao capricho e dedicação por essa disciplina manifestada pelos seus brios os chefes, em quem não falta zello, intelligencia e capacidade para bem os dirigir. O general quando á testa de semelhante força, revestio-se de bastante orgulho porque conta que em occasiões criticas, a distincta e briosa guarda nacional desta heroica provincia, lhe será o mais poderoso auxilio para conservar illesa a honra e dignidade da nação.

Os corpos de linha que concorreram na mesma parada, merecem do general especial menção, nem só pelo asseio e garbo com que se apresentaram, como pela regularidade de todos os seus movimentos e manobras que executaram, especialmente o 2º batalhão de infantaria, devido ao incansavel zelo com que o seu chefe procura instrui-lo e disciplina-lo; não sendo tambem menos dignos de louvor o Sr. commandante da companhia de cavallaria, pelos esforços que empregou para que a força da mesma, que entrou em parada, se apresentasse com a maior nitidez, bem como a companhia de artifices, que guarneceu o parque de artilharia.

Assignado.—*Solidonio José Antonio Pereira do Lago.*

Conforme.— *José Ignacio de Medeiros Rego Monteiro*, capitão ajudante de ordens encarregado do detalhe.

PERNAMBUCO

ASSEMBLEA LEGISLATIVA PROVINCIAL

SESSÃO ORDINARIA EM 18 DE MARÇO DE 1863.

Presidencia do Sr. visconde de Camaragibe.

Ao meio dia, feita a chamada, achando-se presentes 24 senhores deputados.

Abre-se a sessão.

Lida a acta da sessão anterior é approvada.

O Sr. 1º secretario dá conta do seguinte.

EXPEDIENTE.

Um officio do secretario do governo, declarando que, a arrematação ultimamente annunciada pela thesouraria provincial, respeito a ponte provisoria de Pirapama, é a mesma de cujo concerto trata o relatorio de S. Exc.; e igualmente fazendo ver a necessidade urgente que ha da factura de uma outra ponte nesse mesmo ponto.—A' commissão de obras publicas.

Um requerimento de João Joaquim de Siqueira Varejão, pedindo uma gratificação dos serviços, que presta ao expediente e escripturação da repartição fiscal de illuminação á gaz.—A' commissão de petições.

Outro de Francisco José Dias da Costa e Rufino José do Rego, estabelecidos com açougue na rua do Rangel desta cidade pedindo, que esta assembléa declare se ditos seus estabelecimentos se achem comprehendidos na postura addicional da camara municipal provisoriamente approvada.—A' commissão de posturas.

Outro da irmandade do Senhor Bom Jesus das Dores, administradora da igreja de S. Gonçalo desta cidade, pedindo a consignação de uma quota na lei do orçamento com applicação ás obras da mesma igreja.—A' commissão de orçamento.

Outro de José Miguel do Espirito-Santo, administrador da obra da capella de Nossa Senhora do Rosario, pedindo quota para as mesmas obras.—A' commissão de orçamento.

ORDEM DO DIA.

Continuação da discussão do projecto, que fixa a força policial.

O Sr. Luiz Felippe:—Sr. presidente. Nunca careci mais da indulgencia de meus ouvintes do que agora, porque tambem nunca vim á tribuna em circumstancias mais desfavoraveis para mim. Vou entrar no debate com o espirito abatido e o coração profundamente compungido. São duas desvantagens que muito vão influir sobre mim. A primeira nasce da convicção em que me acho de que vou tomar tarefa superior as minhas forças (não apoiados); o que sinto tanto mais quanto tenho de responder ao discurso de um dos primeiros talentos desta casa. E a segunda do constrangimento que sente o meu coração por, me ver eu forçado á manifestar os motivos, que tenho para quebrar as relações de longos annos, relações, que mantive com o partido dos nobres deputados, em cujos principios aprendi a dar os meus primeiros passos, á fazer as minhas primeiras armas politicas; para separar-me de homens com quem mantive sempre muito boas relações particulares, e de quem tenho recebido por mais de uma vez demonstrações bem significativas de apreço pessoal, de que conservarei a mais grata recordação.

Tudo isto, Sr. presidente, torna a minha situação bem penosa; entretanto desde que se accusa aos agentes do governo que merece minha confiança, desde que se accusa o partido, a que eu tenho a honra de pertencer, o meu silencio seria indesculpavel aos olhos desse partido e da provincia.

Entro no debate, no proposito muito firme de não offender a quem quer que seja; declaro muito terminante e sinceramente, que não pretendo trazer fel para esta discussão, não pretendo descer á personalidades, porque desejo respeitar a todos, desde o mais pequeno, até ao mais altamente collocado, porque reclamo que se tenha igual procedimento para comigo, e para com aquelles, a quem me acho ligado. Revelando este proposito, Sr. presidente, eu de antemão peço aos illustres membros, que me advirtam, sempre que me escape qualquer expressão, que possa fazer nascer recriminações, qualquer pensamento, que pareça involver uma offensa, peço-lhes, digo, que não seja isso tomado á má parte.

O Sr. Barão de Muribeca:—Conforme.

O Sr. Luiz Felippe:—Estou dizendo, que peço que me advirtam, porque eu estarei prompto a retirar qualquer palavra, que possa por ventura suppôr-se offensiva.

Entrarei na materia.

O illustre membro, Sr. presidente, que hontem encetou o debate, e occupou durante toda a sessão a attenção da casa, começou reproduzindo uma censura que um dos illustres membros da commissão de policia, meu distincto amigo, já havia formulado contra a minoria, e que eu supponha já ter desfeito. O nobre deputado acompanha o seu collega de commissão na surpreza, que lhe causou o procedimento da minoria, não tomando logo a palavra para impugnar o projecto de fixação de força; e diz elle:—embora a minoria esteja de accordo com o governo, embora ella não devesse vir para aqui instituir um exame sobre a administração, todavia ella devia fornecer á maioria opportunidade para faze-lo, apresentando, de accordo com as vistas governamentaes, proposta para que se augmentasse a força policial.

O Sr. Souza Reis:—E principalmente porque a minoria declarou muito expressamente, que adoptava o projecto tal qual.

O Sr. Luiz Felippe:—Sr. presidente, a minoria não demonstra estar em dessacordo com as idéas de quando aceitou o projecto. O facto de ter o Exm. presidente da provincia dito em seu relatorio que a força era insufficiente, não devia levar a concluir, que corresse á minoria a obrigação de apresentar emendas no sentido de augmenta-la, porque não é uma necessidade nova que S. Exc. vem nos annunciar, visto como, todos os annos, em todos os relatorios os presidentes desta provincia tem exposto aquella verdade, isto é, que o corpo de policia tem estado sempre aquem das exigencias do serviço publico, que a força não tem sido bastante para satisfazer á essas exigencias. Sem que por isto, as assembléas, ainda as mais amigas dos presidentes se julgassem obrigadas á dar grande desenvolvimento ao corpo policial; e isto porque se reconhecia que se fosse attendida semelhante reclamação de modo satisfatorio, toda a receita da provincia seria consumida n'aquelle serviço. Esta casa, pois, tem sido parca em conceder augmento de força aos presidentes, ainda mesmo aos mais amigos, e neste pensamento estava a minoria quando declarou que não se oppunha ao projecto da commissão. Além disto, meus senhores para que apresentar emendas, sabendo de antemão que ellas hão de ser repellidas pela maioria da casa? (Apoiados.)

Dada, portanto esta explicação quanto á censura que o nobre deputado reproduzio, eu vou entrar n'outra ordem de considerações, que S. Exc. hontem aqui expendeu: vou acompanha-lo no campo da politica.

Sr. presidente, o nobre deputado hontem, ou apreciou mal a nossa historia, de que elle me chamou ignorante, ou commetteu erros, anachronismos perfeitos, ou leu-a com olhos bem apaixonados e prevenidos. Elle principiou fallando de desgostos latentes.

O Sr. Fenelon:—Desgostos não.

O Sr. Luiz Felippe:—...de tendencias manifestadas por certos homens para se desligarem do partido a que pertenciam.

E' verdade, Sr. presidente, nesta parte o nobre deputado foi muito exacto; elle mostra que á sua perspicacia não escapou este symptoma caracteristico da nossa situação politica nestes ultimos 14 annos.—(Trocam-se apartes) Se desde já começam a interromper-me com tantos apartes, não sei como poderei continuar, e quando terminarei.

Um Sr. Deputado:—Temos muito tempo.

O Sr. Luiz Felippe:—Mas, eu não tenho forças, nem quero abusar da attenção dos nobres deputados (Não apoiados)

E' a verdade, Sr. presidente, de ha muitos annos que reina a discordia entre os conservadores; e o que deu causa a isto, e o vulto que esses desgostos tomaram, até ao apparecimento do partido progressista, nós iremos vendo no correr do meu discurso.

Quando fallei pela primeira vez nesta materia e declarei que a politica progressista se filiava á de *conciliação* e della descendia, á avaliar pelas reclamações que de todos os lados surgiram, pareceria que sem duvida eu tinha avançado um grande paradoxo politico, e o nobre membro que me precedeu occupou-se em demonstrar que assim era. Com o exame da historia dos partidos, em que vou entrar, das tendencias de fusão que elles mostraram tantas vezes e dos factos de que somos testemunhas, eu espero levar á evidencia que a minha proposição é verdadeira, e que, portanto, não devia causar estranheza aos nobres deputados.

Sr. presidente. Em 1853, o Sr. marquez de Paraná, esse homem gigante, que tão eminente papel representou em nossa politica, apresentou a idéa de conciliação como programma de governo e teve a felicidade de ver que a bandeira, que então levantava reunia grande numero de sectarios. Elle havia comprehendido que o paiz já estava cançado de ver-se dividido entre conquistadores e conquistados, vencedores e vencidos; que era tempo de acabar com a proscripção que havia cinco annos pesava sobre um grande partido, que se havia commettido grandes erros, tivera tambem longa espiação; que as vantagens, bem como os onus da nossa associação politica, deviam indestinctamente tocar á todos; que sem ter em attenção os antigos partidos, larga margem se devia abrir á todas as aspirações legitimas, e então proclamou o esquecimento dos antigos odios e divisões e o começo de uma nova era. Uma politica que assentava sobre bases tão generosas, não podia deixar de fazer largas conquistas. E assim aconteceu.

A maioria do partido conservador acompanhou aquelle partido chefe, e o programma foi tendo a execução que a época permittia. Mas isto se não operou sem que os animos mais exaltados do partido do marquez de Paraná protestassem contra a direcção que ia elle dando ás cousas politicas do paiz; e vozes prestigiosas se destacaram do centro do partido e vieram dar maior saliencia aos desgostos que então appareceram. Designadamente fallarei dos Srs. Nebias e Sayão Lobato, cabos de guerra escolhidos para orgãos das queixas na camara dos deputados e para soltarem o alarma no campo de seus correligionarios.

Um Sr. Deputado:—E o Sr. Saraiva?

Outro Sr. Deputado:—E no senado?

O Sr. Luiz Felippe:—No senado disse o Sr. Souza Reis, que o Sr. marquez de Olinda tambem o fez: não affirmo, nem contesto.

O Sr. Pinto de Campos:—E' facto historico.

O Sr. Souza Reis:—Destinguio-se até muito.

O Sr. Luiz Felippe:—Nesse tempo haviam muitos incredulos.

O Sr. Barão de Muribeca:—Hoje ha muito mais.

O Sr. Fenelon:—Hoje ha muitos *credulos*.

Outro Sr. Deputado:—E muitos que não acreditam na *liga*.

O Sr. Luiz Felippe:—O marquez do Paraná não desanimou e foi seguindo seu caminho.

Pensavam muitos então que a inauguração da nova politica não passava de uma cilada armada aos incautos; que o marquez de Paraná o que pretendia era manter-se no poder, que sua politica seria toda pessoal, de conquista de nomes e não de principios, e então, emquanto laboravam neste engano custaram a aceitar as novas idéas. Foi seguramente este o motivo porque aquelles estadistas á que os nobres deputados ha pouco se referiam moveram guerra ao gabinete Paraná, e effectivamente se pronunciaram contra a politica de *conciliação*.

O Sr. Souza Reis:—Mas não contra a politica de *tolerancia*.

O Sr. Luiz Felippe:—A politica de *tolerancia*, *conciliação*, moderação e justiça, constituiam o mesmo programma.

(Não apoiados).

(Trocam-se muitos apartes.)

O Sr. Luiz Felippe:—O nobre deputado referio-se ao gabinete anterior, ao gabinete Itaborahy, áquelle durante cuja administração se deu a opposição parlamentar.

Este facto ainda vem em apoio do que eu disse, isto é, demonstrar que já nesse tempo os conservadores estavam entre si desgostosos, e que começava a notar-se a divisão delles em moderados e exaltados.

(Não apoiados)

O Sr. Luiz Felippe:—Já o facto da opposição parlamentar o tinha demonstrado.

O Sr. Pinto de Campos:—Oh! senhor, eu fiz parte della. A questão era tão pessoal naquelle tempo!

O Sr. Luiz Felippe:—Eu hei de appellar mais de uma vez para o testemunho do meu nobre amigo.

A opposição parlamentar, pois, revelava como acabei de dizer, o desgosto de que eu fallei ha pouco, a divisão do partido conservador em elemento moderado e elemento exagerado. (Não apoiados.)

A opposição parlamentar exprimia já o elemento moderado, reagindo contra o exclusivismo de certo circulo da côrte, contra a influencia indebita que o governo queria exercer em todos os negocios publicos, á custa de prestigio e força do corpo legislativo, que se pretendia annullar, e cujas prerogativas eram frequentemente invadidas e finalmente contra a tendencia manifesta de matar o elemento provincial, representado então pelos conservadores moderados, aquelles que não queriam o exclusivismo.

Um Sr. Deputado:—A opposição parlamentar queria isso?

O Sr. Luiz Felippe:—Sim, senhor, queria tudo isto.

(Trocam-se apartes.)

O Sr. Luiz Felippe:—Isto mostra, que já não reinava entre os conservadores harmonia de pensamento, ejexistia em seu seio o germen da divisão.

O Sr. Pinto de Campos:—Não ha tal; apenas veio o ministerio, em que teve confiança, confundio-se o partido.

(Trocam-se muitos outros apartes)

O Sr. Luiz Felippe:—Depois da politica de *conciliação* ser inaugurada, deu-se ainda um facto, que vem corroborar á idéa que avancei, e foi a adopção da lei dos circulos.

O nobre marquez de Paraná já tinha lançado as sementes do partido progressista, e as primeiras pedras do alicerce em que elle assenta.

O Sr. Fenelon:—Olhe, que o partido liberal não admitte a conciliação, não a quer.

O Sr. Luiz Felippe:—Sou tão interrompido por apartes, que não posso manifestar as minhas idéas, e os apartes de V. Exc. me encommodam mais do que os de outro qualquer: peço-lhe que me poupe.

O Sr. Fenelon:—Oh! meu collega!

O Sr. Luiz Felippe:—Peço-lhe isto como um favor de amisade.

O Sr. Fenelon:—Então não poderei assistir á discussão.

O Sr. Luiz Felippe:—Não, eu não exijo isto; senão pode assistir á ella sem interromper-me, neste caso, resigno-me a ouvir os seus apartes.—Fiz este appello ao nobre deputado na persuasão de que lhe posso merecer alguma attenção.

O Sr. Fenelon:—Toda, toda, e até o conto no numero dos meus melhores amigos.

O Sr. Luiz Felippe:—Não sei como possa regeitar a idéa de conciliação o partido que a ella tanto deve, e que fez fusão com os conservadores moderados que abraçaram de coração.

Um Sr. Deputado:—Mas não aceita a *conciliação*.

Outro Sr. Deputado:—E menos a *liga*.

O Sr. Luiz Felippe:—Adoptada a lei dos circulos, idéa pela qual os liberaes tanto clamavam e por elles tão preconisada, e isto por effeito dos esforços do marquez de Paraná, que não duvidou para tal fim romper com muitos membros importantes do seu partido, notavelmente com o Sr. conselheiro Eusebio de Queiroz, o mais genuino representante do elemento exaltado; dado assim aos liberaes um penhor de que a politica de conciliação não visava somente congregar pessoas, mas idéas; conhecendo assim aquelle partido que as medidas do gabinete eram de ordem a tranquilisa-lo quanto a lealdade com que iam sendo realisadas as promessas que o chefe do gabinete á todos havia feito, foi cedendo de algumas de suas idéas mais exageradas e approximando-se mais e sinceramente daquelles que sabiam attender as justas aspirações sem fazerem destincção de crenças.

Tendo, pois, desapparecido o antigo antagonismo politico, visto como os liberaes já haviam renunciado ás suas idéas exageradas, e protestavam á constituição do paiz tanto respeito como os melhores conservadores; tudo foi caminhando de modo á conduzir-nos á uma fusão de idéas, de pensamento e de pessoas, e de facto, muitos daquelles que a principio repelliram a politica de conciliação acabaram por acreditar nella e conceder-lhe o seu apoio.

Eis o germen do partido progressista desenvolvendo-se e frutificando.

O Sr. Pinto de Campos:—O nobre deputado não se lembra que os Srs. Zacharias e Saraiva, que o Sr. Rego Barros e outros, que hoje se dizem da liga combateram a lei dos circulos?

Um Sr. Deputado:—E o senhor marquez de Olinda?

Outro Sr. Deputado:—E o Sr. Maranguape.

(Trocam-se outros apartes.)

O Sr. Luiz Felippe:—E o que tem isto? tambem muitos dos actuaes correligionarios dos nobres deputados votaram por ella. O facto que o marquez de Paraná tornando-se o chefe do partido moderado e apoiado no elemento liberal conseguio torcer aquella grande idéa lei do paiz, e deste acontecimento politico de grande alcance nasceu indubitavelmente o partido progressista, a que os nobres deputados hoje denominam *liga*.

(Apoiados da minoria.)

O Sr. Luiz Felippe: — Temos visto, pois, de que modo se fundiram os dous elementos e iremos ainda vendo como em todas as phases importantes dos nossos ultimos tempos se tem elles auxiliado reciproca e proveitosamente.

A' esse periodo importante de nossa historia, seguio se a ascenção do gabinete de 4 de maio, de que fizeram parte os Srs. marquez de Olinda e Souza Franco, e que os exaltados, amigos dos nobres deputados....

O Sr. Barão de Muribeca:—Os exaltados são os amigos da expansão do credito.

O Sr. Luiz Felippe:—Ainda não cheguei lá, meu collega.

(Ha um aparte.)

O Sr. Luiz Felippe:—Esse gabinete, por suas idéas de tolerancia, de conciliação, continuador da politica do marquez de Paraná, e que por isto mereceu do partido dos nobres deputados a denominação de gabinete de—mosaico equilibrio,—não deixou perecer a obra iniciada tão felizmente e foi por isto fortemente combatido nas camaras pelo partido exaltado.

(Ha um aparte.)

O Sr. Luiz Felippe:—A questão do credito, de que falla o nobre deputado é de outro caracter.

Esse gabinete, como disse, continuador da politica do marquez de Paraná, concorreu para que melhor se desenvolvessem os sentimentos de mutua affeição e accordo já existentes entre os conservadores moderados e liberaes então representados pelos Srs. Olinda e Souza Franco.

Um Sr. Deputado: — Isto será só lá para o Pará

O Sr. Luiz Felippe:—Isso é o que o nobre deputado quer dizer. O paiz todo sabe do contrario.

O Sr. Souza Reis:—É o que o paiz todo sabe.

O Sr. Fenelon:—E a prova está na opposição que os liberaes fizeram a esse gabinete.

O Sr. Luiz Felippe:—E' engano de V. Exc., meu collega; á esse tempo estava eu na camara dos Srs. deputados, e sou testemunha do apoio que os liberaes prestavam ao gabinete, apoio que era secundado por sua imprensa. E nesse tempo tive o prazer de ver a meu lado o meu nobre amigo o Sr. Pinto de Campos apoiando igualmente o gabinete, o meu nobre amigo o Sr. Carneiro da Cunha, e toda a deputação de Pernambuco, que então se achava lá.

O Sr. Pinto de Campos:—E por que?

O Sr. Luiz Felippe:—Porque os nobres deputados então comprehendiam bem que a época já não era de exclusivismos; porque queriam acompanhar o sentimento predominante, ir de accordo com o espirito publico, porque os nobres deputados comprehendiam bem, que as reacções já não podiam ser bem recebidas pelo paiz, que não queria retrogadar....

Um Sr. Deputado:—Hoje podem.

O Sr. Luiz Felippe:—.... que as idéas extremas nelle não encontrariam apoio, e então os nobres deputados, embora de má vontade, prestavam sua adhesão a esse mesmo gabinete, a que os seus hoje correligionarios denominavam—o *gabinete mosaico*,—de equilibrio.

O Sr. Pinto de Campos:—O nobre deputado nessa parte é um pouco injusto comigo suppondo-me má vontade na maneira porque eu então acompanhava o ministerio.

O Sr. Luiz Felippe:—Digo isto pelas idéas que V. Exc. manifesta, mas não eram todos os conservadores, que apoiavam o gabinete; havia uma phalange aliás bem respeitavel dirigida pelo Sr. conselheiro Eusebio, que declarou-se em opposição a esse gabinete, por motivo da politica que executava.

Retirou-se do poder o gabinete Olinda-Souza Franco, em cuja administração, como vimos, mais se tinha desenvolvido e consolidado o espirito de fusão dos dous partidos nelle representados, e succedeu-lhe aquelle que foi presidido pelo Sr. visconde de Abaeté, o de 12 de dezembro, cuja principal tendencia foi contrariar, senão destruir inteiramente os effeitos da politica conciliadora e de tolerancia praticada pelos seus antecessores. Os exaltados sentiram-se ameaçados e feridos em seus mais caros interesses e procuraram com todo o esforço reagir contra aquella politica.

Os moderados e liberaes por sua vez se prepararam para o combate, e o terreno escolhido foi a reforma bancaria então apresentada pelo gabinete, a qual nada tendo em si de politica assumio depois esse caracter pelo desejo que os partidos tinham de medir as suas forças.

O Sr. Souza Reis:—Isto é que é apreciar!

O Sr. Luiz Felippe:—Em que pesa a minha apreciação?

O Sr. Francisco João:—Eu sinto que o nobre deputado esteja mettido em um sipual tão enredado.

O Sr. Barão de Muribeca:—Elle está collocado de novo nesse terreno, não se pode mecher.

O Sr. Luiz Felippe:—Não me faz injuria em dizer isto, todo o mundo sabe que estou de novo aqui, mas seguindo um grande partido, á quem sempre acompanhei.

Ahi, se disse, procederam mal os moderados, por que, tendo negado apoio ao gabinete—Abaeté,—por amor da lei bancaria, concederam-no ao gabinete—Ferraz—que a quiz mais restrictiva.

Sr. presidente, neste ponto ainda a apreciação dos nobres deputados não me parece verdadeira: eu já disse que o terreno da lei bancaria não foi escolhido senão como campo para os partidos se medirem (não apoiados,) nunca se reconheceu que ella fosse uma lei politica, nunca ella foi aceita como bandeira de partido algum.

Um Sr. Deputado:—Naquella occasião foi.

O Sr. Luiz Felippe:— Não, senhor, é que as vezes os gabinetes fazem questão politica por qualquer motivo, este não o foi, porque não se tratava de idéa, que constituisse um principio politico, não tinha tal importancia.

O Sr. Aguiar:— Só nesse caso é que uma lei é politica?

O Sr. Luiz Felippe:— Todos sabem como se resolveu a primeira parte dessa questão com a sahida do gabinete Abaeté, que foi substituido pelo de que foi presidente o Sr. conselheiro Ferraz.

Para este resultado vimos ainda concorrendo unidos os moderados e liberaes.

Censura-se por incoherentes alguns dos membros desse gabinete, por terem recusado apoio ao seu antecessor, e aceitado medidas restrictivas, no pensar dos nobres deputados, apresentadas pelo respectivo ministro da fazenda. Tal incohe-

MUTILADO

rencia não existe, porque o projecto então apresentado era menos restrictivo.

Um Sr. Deputado :—Menos restrictivo, não.

O Sr. Barão de Muribeca :—Menos franco, mas insidioso.

O Sr. Luiz Felippe : — Sr. presidente, eu não posso apreciar bem agora a differença entre os dous projectos, porque não os tenho presentes...

O Sr. Barão de Muribeca :—Póde ser.

(Ha um outro aparte.)

O Sr Luiz Felippe :.... mas, sei que o projecto do ministerio Abaeté, em suas disposições cardeaes era mais severo, mais rigoroso, menos liberal do que o do ministerio Ferraz.

O Sr. Barão de Muribeca : — Que disposições eram essas ?

O Sr. Luiz Felippe :— O projecto Abaeté propunha, que os bancos dentro de 3 annos deviam estar habilitados para fazer o troco de suas notas em ouro, e que se não o podessem fazer se lhe retiraria o privilegio de emissão, e mesmo seriam acabados.

Um Sr. Deputado :— Se diminuiria a emissão.

O Sr. Luiz Felippe : — Perdôe ; não era isto, não havia diminuição parcial ; a proporção foi então estabelecida pelo ministerio Ferraz, cujo projecto neste ponto era muito mais liberal do que o do ministerio Abaeté, porque exigindo o troco das notas em ouro, dava o prazo, creio eu que de 5 annos.

Um Sr. Deputado :—Seis mezes.

O Sr. Luiz Felippe :—Para começar... E se por ventura suas notas não podessem ser convertidas dentro do prazo marcado, então se estabelecia uma certa proporcionalidade na diminuição da emissão : segundo me recordo, essas são as suas principaes disposições.

Um Sr. Deputado :— Mas, restringindo sempre o prazo.

O Sr. Luiz Felippe :—Não, senhor, não foram 6 mezes, foram 5 annos. (Não apoiados.)

(Trocam-se apartes.)

O Sr. Luiz Felippe : — Havia differença : o 1º projecto marcava 3 annos como prazo fatal para a conversão sem condição alguma, e outro marcava 6 mezes, como diz o nobre deputado para ter começo a operação, mas ampliava o prazo para a conversão total, e dispunha que gradualmente fossem os bancos diminuindo a circulação das notas, caso não podessem realisar o seu troco em ouro dentro dos seis mezes.

Um Sr. Deputado : — 5 annos é de facto um prazo maior do que 3, mas começando a conversão dentro de 6 mezes, é mais restricto.

O Sr. Luiz Felippe :—Principiando dentro de 6 mezes, mas acabando em 5 annos.

Um Sr. Deputado :—Mas pelo outro principiava dentro de 3 annos.

O Sr. Luiz Felippe :—Mas, queria a conversão completa de uma vez.

Um Sr. Deputado : — E o outro que dava 6 mezes ?

O Sr. Luiz Felippe :—6 mezes para principiar a operação, mas o prazo era de 5 annos, as condições eram outras, e o cambio então era desfavoravel, e o ouro de mais difficil obtenção.

Um Sr. Deputado :— Ora, ora ! O cambio muda de momento a momento.

O Sr. Luiz Felippe :— Mas nesse tempo havia muita falta de ouro.

O Sr. Barão de Muribeca :—Que importa isso ?

O Sr. Luiz Felippe :—Isto influe muito, porque impunha aos bancos maiores sacrificios.

O gabinete, portanto, sem ter, a meu ver, praticado um acto de incoherencia, porque, como demonstrei, as circumstancias eram outras, deu justa satisfacção ás exigencias de então, e continuou no caminho politico, já traçado por alguns dos seus antecessores, isto é, continuou cada vez mais a dar força, a congraçar, a cementar a união, que havia entre o elemento moderado, e o elemento liberal.

O Sr. Barão de Muribeca : — Isso é do nobre deputado.

O Sr. Luiz Felippe :—Isto é da historia.

O Sr. Barão de Muribeca : — A historia carece sabe-la para conta-la.

O Sr. Luiz Felippe : — E' verdade, e cada um a aprecia a seu modo, sendo que muitas vezes os que mais suppõe sabe-la são os que mais a ignoram.

O Sr. Barão de Muribeca :—A apreciação é differente da historia.

O Sr. Luiz Felippe :—Mas os factos historicos podem ser apreciados por differentes modos.

Seguiram-se as eleições de 1860. O ministerio proseguia na senda politica que tinha encetado.

O Sr. Barão de Muribeca :—Qual era ?

O Sr. Luiz Felippe :—Queria que na representação nacional tivessem entrada aquelles que pelos seus merecimentos, talentos e virtudes podessem aspirar a essa honra.

Um Sr. Deputado :—Julgado isso por quem ?

O Sr. Luiz Felippe :— Julgados por aquelles que tinham de eleger.

O Sr. Barão de Muribeca : — Ahi é a questão toda, é tal poder occulto que se diz haver.

(Trocam-se apartes.)

O Sr. Luiz Felippe : — Está mal informado : o governo prometteu ser imparcial, e manteve sua promessa.

O Sr. Barão de Muribeca :—Não é exacto ; sei cabalmente do contrario, tenho todas as provas.

O Sr. Luiz Felippe : — Os liberaes á principio desconfiaram das intenções do governo, mas ao depois lhe fizeram justiça. (Não apoiados da maioria.)

(Trocam-se apartes.)

O Sr. Luiz Felippe :—Pelo menos não houveram hostilidades, e na côrte o partido liberal reconheceu que o governo não tinha intervido na eleição, sendo eleito tres liberaes.

Um Sr. Deputado : — Viu que não podia ganhar, cedeu.

O Sr. Luiz Felippe :—Em S. Paulo a eleição se fez de modo á descontentar os correligionarios dos nobres deputados, que queriam que o governo interviesse no sentido dos seus interesses e foram eleitos 4 liberaes.

Um Sr. Deputado :—E os liberaes acreditavam no governo mesmo em S. Paulo ?

O Sr. Luiz Felippe : — Os liberaes acreditavam que o governo não tivera interferencia — indebita — na eleição.

Um Sr. Deputado :— E as accusações feitas ao Sr. Henriques ?

O Sr. Luiz Felippe :—Os liberaes sabiam que o governo podia ter lhes fechado a porta, e não o fazendo dava provas dos sentimentos moderados, de que se achava possuido. Em Minas vimos ainda respeitada a liberdade de voto, e a representação da provincia, composta em partes iguaes de membros dos dous partidos. Na verificação dos poderes ainda o comportamento dos moderados foi regulado pelos mesmos principios de que estivera animado o governo. Elles mostraram que em negocio tão melindroso só se tinham deixado dominar pelo mais escrupuloso espirito de justiça. (Apoiados e não apoiados.)

O Sr. Barão de Muribeca : — Não mostraram nada.

Outro Sr. Deputado : — Se isto prova alguma cousa, prova em favor do ministerio Caxias.

O Sr. Luiz Felippe : — O nobre deputado não entendeu a minha proposição. Eu referi-me aos homens que tinham apoiado e feito parte do gabinete de 12 de agosto, que, sei bem, já não existia quando se verificaram os poderes dos deputados.

Tiveram os liberaes mais esta occasião de verificar que as promessas feitas pelo marquez de Paraná não era uma cilada que se lhes tinha armado, pois que em todos os tempos tinham sido mantidas pelos conservadores moderados, cuja boa fé mais de uma vez elles tinham tido occasião de experimentar. Conheceram que nada perderiam em fundir-se com aquelles que, ao contrario dos exaltados, que mandavam cerrar fileiras, não punham embaraços á que suas justas pretenções fossem attendidas.

Eu queria apreciar, e talvez até certo ponto fosse obrigado a faze-lo, os negocios eleitoraes com relação a esta provincia ; mas são chagas, que estão ainda frescas, e eu não quero faze-las sangrar ; são negocios da terra, pessoaes, que podem ter caracter de intriga, e que me levariam á tratar de individualidades.

O Sr. Pedro Affonso :— Disso é que era bom, que o nobre deputado se occupasse.

(Ha um outro aparte.)

O Sr. Luiz Felippe :— Para que os nobres deputados me querem obrigar a isso ? Falo-hei, portanto.

O nobre deputado hontem fallou (e isto é um parenthesis ao meu discurso) em inclusões e exclusões, e attribuindo principalmente a essa época e aos factos, que então occorreram, o nascimento do partido progressista ; o nobre deputado chamou de perfidos alguns dos ministros que então faziam parte do gabinete.

Sr. presidente, o nobre deputado foi muito parcial e apaixonado no juizo que nos expendeu quando apreciava essa época triste de nossa historia. Elle enxergou no gabinete o desejo de hostilisar o partido conservador em Pernambuco, deu a entender que em seu seio haviam symptomas de desconfiança contra os chefes conservadores daqui. Porém, Sr. presidente, não passa isto de mera suspeita da parte do nobre deputado...

O Sr. Barão de Muribeca :— Póde ser suspeita delles, quanto á mim é convicção.

O Sr. Luiz Felippe :— O que vimos então, Sr. presidente ? Vimos que os deputados conservadores haviam sahido do Rio em setembro, tendo combinado na chapa com o governo.

O Sr. Barão de Muribeca :— Emquanto á totalidade dos candidatos, não apoiado : está mal informado.

O Sr. Luiz Felippe :—Acho que não.

A unica divergencia, que então havia, versava sobre os negocios de Goianna...

O Sr. Barão de Muribeca :—Havia mais alguma cousa. Quer que lh'o diga ?

O Sr. Luiz Felippe :—Diga.

O Sr. Barão de Muribeca : — O Sr. conselheiro José Bento.

O Sr. Luiz Felippe :—Logo chegarei lá. Os negocios de Goianna constituiram a unica divergencia, que havia entre o pensamento dos ministros de então e o dos chefes conservadores em Pernambuco.

O Sr. Barão de Muribeca :—A unica, não.

O Sr. Luiz Felippe :— Consta-me que então se concordou em que se deixaria a cada um dos candidatos pleiteantes de eleição a liberdade de faze-lo, vingando afinal a eleição daquelles que maiores recursos tivesse em seu favor.

Um Sr. Deputado : — Devia ser assim, mas não foi.

O Sr. Luiz Felippe: — E' o que os nobres deputados pensam e o que os factos contrariam.

Attribuio-se ao ministro da marinha perfidia, por que tendo concordado nisto, fazia recommendações ao presidente, e interessava-se pela eleição desse, que elle affirmava já não proteger.

Sr. presidente, eu estou autorisado de affirmar, que o ministro da marinha desde que declarou, que abria mão da candidatura do Sr. Souza Carvalho, um só passo não deu para que ella vingasse.

O Sr. Barão de Muribeca : — E, eu, sem autorisação de ninguem digo, que assim não foi.

O Sr. Catanho : — Nesta parte apoio o que disse o nobre deputado, o Sr. Luiz Filippe.

O Sr. Luiz Felippe : — Eis-aqui um testemunho bastante valioso, por que o nobre deputado exercia autoridade n'um dos pontos mais importantes do districto, é amigo do Sr. Paes Barreto, e é um caracter insuspeito. (Apoiados.)

O Sr. Barão de Muribeca : — E eu, serei suspeito ?

O Sr. Luiz Felippe : — Não digo isso ; mas V. Exc. póde entender os factos de uma maneira quando elles se passaram de outra. E se não, que apresentem cartas do Sr. conselheiro Paes Barreto, recommendando o Sr. Carvalho. Querer-se-hia que elle o guerreasse ?

O Sr. Souza Reis : — Quem nos podia contar isso bem, era o Sr. Ambrozio.

O Sr. Luiz Felippe : — Se o Sr. Ambrozio deixava acreditar isto, ignoro, mas sei que elle não tinha recommendações do Sr. Paes Barreto para faze-lo. Talvez tivesse, por si, alguma paixão á exercer.

E, de mais, o testemunho do Sr. Ambrozio nada vale ; para mim tanto faz o Sr. Ambrozio dizer—sim—como dizer—não.—

Um Sr. Deputado : — E' seu correligionario.

O Sr. Luiz Felippe: — Que me importa que seja meu correligionario ? Sou acaso obrigado a defender todos os meus correligionarios ?

O Sr. Barão de Vera Cruz : — O Sr. Ambrozio tinha um grande defeito, que é não ter satisfeito a tudo quanto delle exigiam.

O Sr. Luiz Felippe : — Sr. presidente, existiam n'aquelle tempo taes entidades destinctas, havia a maioria do gabinete moderado, havia o Sr. Almeida Pereira, que, esse sim, é que foi o perfido. ....(Não apoiados.)

Um Sr. Deputado : — Aqui !

O Sr. Luiz Felippe : — Sim, aqui.

Como dizia, havia a expressão do elemento exagerado do partido conservador, representado pelo Sr. Almeida Pereira; o partido moderado pelos Srs. Rego Barros e Paes Barreto, e o Sr. Ambrozio, que não sabia o que queria e que estava ao serviço ora de um ora de outro.

O Sr. J. Mello Rego : — Admira que nomeassem um presidente nessas condições para Pernambuco.

O Sr. Luiz Felippe : — Não era conhecido.

Ora, o chefe de policia estava nas idéas do Sr. Almeida Pereira.

Um Sr. Deputado : — O chefe de policia ?

O Sr. Luiz Felippe : — Sim, senhor.

Um Sr. Deputado : — Está manifestamente enganado.

O Sr. Luiz Felippe : — O chefe de policia estava nas idéas do Sr. Almeida Pereira.

Um Sr. Deputado : — O nobre deputado disse que elles se correspondiam.

O Sr. Luiz Felippe : — Disse que estavam em intelligencia, e se se correspondiam directamente, ou por intermedio de terceiro, não vem a questão ; o certo é que o chefe de policia era o reflexo do pensamento do Sr. Almeida Pereira no gabinete.

(Apoiados e não apoiados.)

Um Sr. Deputado : — Houve desaccordo entre o chefe de policia e o presidente ?

(Trocam-se outros apartes.)

O Sr. Luiz Felippe : — Não sei se houve desaccordo, por que, como já disse, nunca soube o que o Sr. Ambrozio queria.

Um Sr. Deputado : — Então a que vem dizer isto ?

O Sr. Luiz Felippe : — Por que o Sr. Ambrozio ora dizia que havia de attender ao Sr. ministro de marinha, era que faria, o que Sr. Almeida Pereira ordenasse : eis-aqui por que digo que não sei que papel elle faria, e eis por que destingui tres entidades n'aquella época.

(Apoiados e muito bem.)

O Sr. Veiga Pessoa : — Era ahi que estava a liberdade do voto ?

O Sr. Luiz Felippe : — Se eu quizesse descer a apreciação dessa administração ominosa . . . .

Um Sr. Deputado : — Ominosa ?

O Sr. Luiz Felippe : — Ominosa.

O Sr. Barros Barreto : — Apoiado.

O Sr. Barão de Muribeca : — Eu o acompanhava.

O Sr. Luiz Felippe : — Já vê como eu sou imparcial.

O Sr. Barão de Muribeca : — Mas, não por que elle mandava 80 praças para Goianna, mas, não por ter dado portarias em branco.

O Sr. Souza Reis : — Isso é que eu queria que se apreciasse.

O Sr. Luiz Felippe : — Não é isso o meu fim.

Nós vimos que para toda a parte se dirigiam recommendações encontradas do gabinete, isto é, umas dadas pelo elemento moderado, outras pelo elemento exagerado.

Um Sr. Deputado : — O elemento moderado, mandava as portarias em branco, e á força.

(Trocam-se outros apartes.)

Um Sr. Deputado : — O Sr. Villela já tinha sido deputado pelo Bonito.

O Sr. Luiz Felippe: —Ora, pelo amor de Deus ! isto não vem a questão, meu collega. Que importa que já tivesse sido deputado ?

Um Sr. Deputado :— Quem fez opposição ao Sr. Villela ?

O Sr. Luiz Felippe : — Fazia o partido conservador, e o governo era favoravel á sua pretenção.

Nós vimos por aqui recomendada uma candidatura, de que Pernambuco nunca se lembrou, e que appareceu como uma bomba, foi a candidatura do Sr. Sergio.

Um Sr. Deputado : — E por que o elemento moderado não apoiou a candidatura do Sr. Dr. Feitoza, unico liberal, que se apresentou com elementos na capital ?

(Trocam-se outros apartes.)

O Sr. Luiz Felippe : — Directamente não a embaraçaram. O que eu sei é que o partido liberal deu a sua votação ao Sr. conselheiro Paes Barreto.

Vozes : — Aonde, aonde ?

O Sr. Luiz Felippe : — Aqui no Recife.

Um Sr. Deputado : — Conte-nos essa historia.

O Sr. Araujo Barros : — Continúe.

O Sr. Fenelon : — O partido liberal deu-lhe unicamente 18 votos na freguezia de S. José.

O Sr. Luiz Felippe : — Não sei quantos deu, mas o numero não influe. Aprecie ahi o facto de concorrer o partido liberal para que sua eleição vingasse, e n'elle tiro ainda argumento para demonstrar que não havia já antagonismo entre os liberaes e moderados.

Eis, portanto, a liga progredindo, vivendo, robustecendo-se.

O Sr. Barão de Muribeca : — Depois que recebeu o auxilio poderoso do nobre deputado, é que ella cresceu.

O Sr. Luiz Felippe : — Ou isto é uma ironia . . . .

O Sr. Barão de Muribeca : — Ironia ? Não.

O Sr. Luiz Felippe : — Que auxilio posso eu prestar ?

Em relação á eleição do terceiro districto, vimos ainda a divergencia que reinava no gabinete; o partido do Sr. Almeida Pereira recommendava a candidatura do Sr. conselheiro José Bento, aliás muito digno de representar qualquer districto, o moderado a do Sr. Dr. Domingos de Souza Leão, que, não menos digno do que o Sr. José Bento. O que houve ? Sabemos perfeitamente, que em favor do Sr. conselheiro José Bento empregaram todos os esforços os chefes conservadores em Pernambuco, guerreando o Sr. Dr. Domingos, tambem conservador, sómente por ser moderado, havendo á ponderar que no Rio de Janeiro todos haviam concorrido em coadjuvar sua eleição por aquelle districto.

Um Sr. Deputado : — No terceiro districto ?

O Sr. Luiz Felippe : — Sim.

O Sr. Barão de Muribeca : — O ministro de marinha é grande cousa no ministerio, mas em eleições é tanto, como qualquer individuo:

O Sr. Luiz Felippe : — Eu já disse, que então já o manifestava a luta dos dous elementos, representando o Sr. Almeida Pereira o elemento exagerado, e os Srs. Rego Barros e Paes Barreto o elemento moderado, e era por isto que o Sr. Almeida Pereira e os conservadores exaltados de Pernambuco não queriam a eleição do Sr. Dr. Domingos.

Um Sr. Deputado : — Não faça injuria ao partido conservador de Pernambuco, dizendo que elle se sujeitava ao Sr. Almeida Pereira.

(Apoiados.)

O Sr. Luiz Felippe : — Eu não disse isto, e se o dissesse não fazia injuria á um partido attribuindo-lhe ligações com um ministro que tinha os mesmos interesses, os mesmos pensamentos politicos quando esteve na provincia.

Um Sr. Deputado : — Que relações adquirio elle quando esteva aqui ?

O Sr. Luiz Felippe : — Eu sei lá com quem elle entretinha relações ?

Manifestou-se portanto a divergencia, a tendencia que já havia para uma separação, apoiando-se o candidato, que era apresentado pelos exaltados, e combatendo-se o que era apresentado pelos moderados, contrariando-se assim o accordo que já havia sido feito no Rio de Janeiro.

O Sr. Barão de Muribeca : — Está mal informado.

O Sr. Luiz Felippe : — Estou muito bem informado. Tinha-se combinado entre o governo e os chefes conservadores na provincia, que o Sr. José Bento apresentar-se-hia pelo quarto districto, e o Sr. Domingos de Souza Leão pelo terceiro.

O Sr. Barão de Muribeca : — Não senhor, não se combinou isso.

O Sr. Luiz Felippe: —Entretanto o que se vio ? Não se procurou remover os embaraços que se foram apresentando e nem conciliar as duas candidaturas que se encontravam pelo mesmo districto.

O Sr. Barão de Muribeca : — Apoiado.

O Sr. Luiz Felippe : — E por que se não fez isto ? Talvez por que se quizesse lugar para um outro candidato, queria se mais uma vaga ; eis a razão. E como se receiava, que o elemento moderado então oppuzesse uma barreira na côrte ao elemento puro, ao elemento exaltado, queria-se ir d'aqui preparado, e contando com recursos valiosos para a victoria. Resumida assim a historia eleitoral de Pernambuco em relação ao 2º e 3º districto, poder-se-ha perguntar, quaes foram os perfidos ? aquelle que tendo declarado que não apoiaria á candidatura de um seu amigo, e que manteve com toda a lealdade a sua promessa ; ou aquelles que havendo combinado no Rio de Janeiro n'uma chapa, aqui a alteraram e romperam o accordo ? Responda quem tiver conhecimento dos factos.

Satisfis, bem que muito perfunctoriamente o desejo dos nobres deputados, apreciando as eleições de nossa provincia, e tenho consciencia de have-lo feito sem offender á personalidades. Aqui fecho o parenthesis de meu discurso.

Proseguindo, direi, que o resultado da verificação de poderes tinha demonstrado aos liberaes que sinceras e puras eram as intenções dos moderados, e cada vez approximava mais uns de outros. Essa approximação inquietava os exaltados, que á todo o custo queriam defender o [illegible] reputavam seus dominios e resolveram tudo [illegible] para apressar a queda do gabinete de 12 de [illegible]gosto, e foi que appareceu a celebre carta do Sr. Almeida Pereira....

Um Sr. Deputado :—Conte a historia dessa carta.

O Sr. Luiz Felippe :—.... em que [illegible] horisonte se lhe mostrava pejado de nuvens ne[illegible] e queixando-se de que seus companheiros [illegible]cusavam os meios precisos para salvar [illegible]ia em perigo.

Um Sr. Deputado :—Não havia isso.

O Sr. Luiz Felippe :—Havia ; a carta foi lida.

Isto foi um signal de alarma dado no campo conservador e que já havia ha mais tempo sido annunciado por uma circular do Sr. marquez de Caxias e outros conservadores exaltados.

O Sr. Nascimento Portella :—A circular do Sr. Caxias é muito anterior ao seu ministerio.

(Trocam-se outros apartes.)

O Sr. Luiz Felippe :—Dizia eu que, dado o alarma feita a recommendação de que seria preciso cingir, apertar cada vez mais o circulo de ferro, para que não fugisse o *uti possidetis*, os moderados de sua parte se preparam para a luta ; comprehenderam o perigo que os ameaçava, e approximaram-se cada vez mais dos seus antigos adversarios. Então, o que á principio não tinha sido mais que uma tendencia, se bem que cada vez mais augmentasse e caminhasse para a realidade, manifestou-se com todo o vigor e o partido progressista ou liga appareceu cheio de vida oppondo resistencia decidida ao conservador exaltado.

Travou-se a luta e succumbio o gabinete Caxias, sendo approvada, embora se dissesse que por uma circumstancia casual, a emenda que a opposição apresentava ao projecto de resposta á falla do throno.

O Sr. Barão de Muribeca :—Foi derrotada porque os ligueiros não estavam devidamente assiados.

O Sr. Luiz Felippe :—Porque não faz o nobre deputado justiça aos contrarios ?

(Ha um aparte.)

O Sr. Luiz Felippe :—Antes disto, porém, e ia-me esquecendo deste facto importante, já tinham sido expellidos do seio do gabinete de 2 de março os dous conservadores moderados que delle faziam parte. O ministerio queria pôr em pratica as medidas energicas de que fallava o Sr. Almeida Pereira em sua carta e queria sómente companheiros todos bem decididos (apoiados); elles, pois, foram lançados fóra porque eram profanos (apoiados).

Um Sr. Deputado :—Quem eram ?

O Sr. Luiz Felippe :—Os Srs. Saraiva e Sá e Albuquerque.

Um Sr. Deputado :—E nunca explicaram os motivos de sua sahida ?

O Sr. Luiz Felippe :—Os nobres deputados sabem que a lealdade, que os membros d'um gabinete devem guardar para com os seus collegas, obriga-os muitas vezes a ser silenciosos.

Um Sr. Deputado :—Mas quando ha provocação formal, como é que foi feita na camara, ha obrigação de explicar-se.

O Sr. Luiz Felippe :—O Sr. Saraiva fê-lo com as reservas e conveniencias que sua posição impunha.

Um Sr. Deputado :—E o Sr. Sá e Albuquerque ?

O Sr. Luiz Felippe :—Não tinha assento na camara.

Um Sr. Deputado :—Não o teve depois ?

Outro Sr. Deputado :—Nem podia explicar-se fóra da camara ?

O Sr. Nascimento Portella :—E porque não o fez ?

O Sr. Luiz Felippe :—Porque quando tomou assento a questão já tinha perdido o interesse, e davam-se á seu respeito os mesmos motivos que á respeito do Sr. Saraiva.

O Sr. Souza Reis :—As razões que haviam para com o Sr. Saraiva, não se davam para com elle.

O Sr. Luiz Felippe :—Mas, o nobre deputado sabe bem, que as razões, que motivaram a sahida de um, motivaram de outro, sabe que eram dous membros harmonicos, que esposavam as mesmas idéas. (Apoiados.)

Derrotado, como dizia, o gabinete de 2 de março por effeito dos esforços combinados dos liberaes e conservadores moderados, organisou-se o ministerio Zacarias, que tão curta duração teve.

Todos sabem que difficuldades houveram para formar-se novo gabinete, e essas difficuldades não eram outras senão a consciencia que havia de que a corôa sem duvida continuaria a recusar o expediente da dissolução da camara ; e a certeza de que sem este recurso seria quasi impossivel viver, attenta a resistencia que aquella corporação apresentaria, e de que já havia dado prova, recusando apoio á um gabinete que apenas alguns dias tinha de existencia. Note-se que isto faziam aquelles que se dizem conservadores das instituições, respeitadores do principio da autoridade, não tendo ao menos a complacencia de esperar que um gabinete que ainda, pode-se dizer, não tinha vivido, fornecesse factos que motivassem uma opposição regular.

Um Sr. Deputado :—E' porque esses querem a realidade do systema representativo. (Apoiados.)

O Sr. Luiz Felippe :—A realidade do systema representativo querem os adversarios dos nobres deputados.

O Sr. Souza Reis :—Demonstre isso.

O Sr. Pinto de Campos :—Apresentaram-se nas camaras, e assaltaram as pastas ; como queriam ter apoio ?

O Sr. Luiz Felippe :—E não tiveram apoio na camara ? Não subiram pelos meios regulares ?

Um Sr. Deputado :—A prova do contrario é que cahiram.

O Sr. Luiz Felippe :—Cahiram por uma outra circumstancia, é porque tinham feito parte do gabinete Zacarias cinco deputados, que perderam suas cadeiras.

Um Sr. Deputado :—Isso o que prova ?

O Sr. Luiz Felippe :—Prova, que a camara estava dividida em dous grupos que se equilibravam, e que um ministerio de idéas muito pronunciadas era impossivel. Como dizer-se que o ministerio Zacarias não teve maioria para subir ? Não teriam sido os votos bem contados ?

Um Sr. Deputado :—E porque perdeu a maioria ?

O Sr. Pinto de Campos :—Nunca a teve.

O Sr. Araujo Barros :—Fez um serviço extraordinario esse ministerio ao paiz.

O Sr. Fenelon :—Que vinte e quatro horas !

O Sr. Luiz Felippe :—Quaes foram os votos, que elevaram o ministerio Zacarias ? Sem duvida alguma os dos moderados unidos aos dos liberaes, e ahi temos o principio da *conciliação*, da *liga*, se manifestando de um modo incontestavel.

Com a retirada do gabinete — Zacarias — subio o gabinete — Olinda, — que foi considerado e — iris da paz ; — foi a bandeira branca que se mostrou entre os partidos, e os liberaes, moderados e exaltados todos se apressaram em offerecer o seu apoio ao Sr. marquez de Olinda, com a unica excepção do Sr. Martinho de Campos.

O Sr. Barão de Muribeca :—Que foi o unico, que andou direito.

Outro Sr. Deputado :—Entretanto, os liberaes diziam pelo seu orgão na imprensa, que era um golpe, que a constituição e a camara recebiam.

(Trocam-se outros apartes.)

O Sr. Luiz Felippe :—Como o nobre deputado diz, confiaram nos cabellos brancos, e muito bem, porque o nobre deputado sabe, que o Sr. marquez de Olinda em seu programma appellando para seus precedentes, appellava para a sua administração de 1857 e 1858, que eram os seus precedentes mais recentes.

Um Sr. Deputado :—E appellando para a falla do throno ?

O Sr. Luiz Felippe :—Na parte administrativa. Os nobres deputados não se podem chamar á ignorancia desse acontecimento, de que agora se prevalecem para recusar o seu apoio do governo.

E porque o fazem, Srs. deputados ? Porque se recusa ao Sr. marquez de Olinda o apoio que se lhe offereceu ?

Um Sr. Deputado :—Porque enganou.

O Sr. Luiz Felippe :—Eu quizera ver isto bem patente, bem demonstrado.

O Sr. Souza Reis :—Ha de ver logo, não tenha cuidado.

O Sr. Luiz Felippe :—Quaes são os factos que vos podem servir de justificação á negação de apoio ao ministerio Olinda ? A demissão de quatro presidentes, isto é, do Sr. Correia, que já a tinha pedido, do Sr. Antão, Assis Rocha e José Bento ?

Um Sr. Deputado :—Como explica o pedido de demissão do Sr. José Bento ?

O Sr. Luiz Felippe :—Por uma deferencia, que se quiz ter para com elle.

Um Sr. Deputado :—Elle já agradeceu esta deferencia.

O Sr. Barão de Muribeca :—Mentindo-se não é que se tem deferencia.

O Sr. Luiz Felippe :—Isto não é mentir.

O Sr. Barão de Muribeca :—Não é mentir ?

O Sr. Luiz Felippe :—E' uma delicadeza sanccionada pelo estylo, um precedente estabelecido e adoptado nas secretarias.

Mas, quaes são os motivos de opposição ? A demissão de quatro presidentes. Pois então o partido conservador já fez politica pessoal ? O partido conservador, aquelle que quer o prestigio da autoridade, já recusa ao governo a faculdade de demittir agentes, que não são de sua confiança ?

Um Sr. Deputado :—Porque não fez o seu programma perante ás camaras ?

O Sr. Luiz Felippe :—Foi feito ; elle disse que adheria na parte administrativa ao programma, que se achava concebido na falla do throno.

Um Sr. Deputado :—Não fez tal distincção.

O Sr. Luiz Felippe :—E na parte administrativa o Sr. marquez de Olinda appellou para os seus precedentes.

(Trocam-se apartes.)

O Sr. Luiz Felippe :—Por conseguinte o Sr. marquez de Olinda não illudio a ninguem e continúa no seu posto.

Um Sr. Deputado :—No posto, que elle escolheu ultimamente.

O Sr. Luiz Felippe :—No posto, que escolheu de longos annos, no posto, que já tinha quando com o Sr. Souza Franco fez parte do gabinete de 1857, no posto, que tinha anteriormente sido mantido pelo Sr. marquez de Paraná, e em que foi apoiado na camara pela deputação de Pernambuco.

Diz-se, Sr. presidente, que o Sr. marquez de Olinda havia procedido com *perfidia*.....

O Sr. Souza Reis :—Pois não !

O Sr. Luiz Felippe :—....... com dubiedade, e creio mesmo que se empregou em relação á elle a palavra *vilania*.

Sr. presidente, eu fiquei doudo, consternado de ouvir na assembléa provincial de Pernambuco....

O Sr. Barão de Muribeca :—E o que disse o nobre deputado do Sr. Almeida Pereira ?

O Sr. Luiz Felippe :—....... de ver a assembléa provincial de Pernambuco, aquella que é obra do partido conservador, composta de homens conservadores atirar estes baldões affrontosos a face veneranda do vulto mais proeminente, que nós temos.

O Sr. Barão de Muribeca :—Mas, o Sr. Almeida Pereira pode soffrer ?

O Sr. Luiz Felippe :—Fiquei doudo de ver que aquelle nosso distincto patricio, aquelle homem illustre que tem encanecido no serviço da patria, que tem sido elevado aos cargos mais honrosos do paiz, inclusive o de regente, se visse hoje enxovalhado, e enxovalhado na assembléa da provincia que o vio nascer, e que se honra disso ; e enxovalhado pelos membros de um partido, que se diz respeitador da autoridade, sustentaculo do principio da autoridade !

O Sr. Souza Reis :—E quem desrespeita a autoridade ? Apreciei um facto publico do Sr. marquez de Olinda : que tem isto com a sua pessoa ?

Um Sr. Deputado :—Tambem não acabou de dizer o que quiz contra o Sr. Ambrosio ? Então callemos a bocca, não fallemos mais.

O Sr. Luiz Felippe :—As palavras, que eu empreguei quando me referi ao Sr. Ambrosio com relação á politica, não tem o sentido odioso, da palavra *vilania*.

O Sr. Souza Reis :—Em sentido politico tambem.

O Sr. Luiz Felippe :—Estamos, por tanto, nós os conservadores moderados unidos aos liberaes no posto, que tinhamos quando os nobres deputados se retiraram. (Reclamações, susurro.)

Estamos no posto, naquelle que mantinhamos, com os nobres deputados até o dia do encerramento das camaras, e que os nobres deputados depois desse encerramento abandonaram, retirando-se para ir fazer rancho á parte.

O Sr. Pinto de Campos :—Oh ! senhor ! os nobres deputados é que foram levantar sua tenda em outros arraiaes.

(Trocam-se outros apartes.)

O Sr. Luiz Felippe : — Nós e os liberaes partimos de pontos bem distantes, é verdade, fizemos uma longa jornada cheia de fadigas, achamos escólhos e precipicios nos caminhos, mas afinal nos podemos remir, achamos uma arvore frondosa debaixo da qual nos acolhemos, fizemos toda essa peregrinação, que durou 14 annos, fiados os quaes descobrimos a tenda debaixo da qual nos achamos recolhidos, esquecidos de nossas antigas dissenções e sem perguntarmos uns aos outros qual foi o nosso passado.

Todos aceitamos os factos como elles se estão passando.

Um Sr. Deputado :—Desde que ficaram no seu posto ? não sei que explicação possa ter isso.

O Sr. Luiz Felippe :—Conservamo-nos no posto, em que estavamos quando os nobres deputados fugiram.

Um Sr. Deputado :—Então, como fazem liga com os liberaes ?

O Sr. Luiz Felippe :—Por força da successão de factos e acontecimentos politicos que tenho commemorado.

(Trocam-se muitos apartes.)

O Sr. Luiz Felippe :—A minha peregrinação, responde ao nobre deputado, estava em querer fugir ao exclusivismo, em pretender quebrar esse circulo de ferro em que nos achamos.

O Sr. Barão de Muribeca :—E que tanto o nobre deputado elogiava.

O Sr. Luiz Felippe :—Nunca !

Um Sr. Deputado : — Quiz fugir da oligarchia.

(Ha um aparte.)

O Sr. Luiz Felippe :—A oligarchia é....

Um Sr. Deputado : — Então, não acredita nella ?

O Sr. Luiz Felippe : — Eu acredito porque a vejo.

O Sr. Catanho:—Outros o poderão dizer assim, mas, o nobre deputado não.

O Sr. Luiz Felippe :—Eu não sei, que necessidade tem o nobre deputado da trazer para a discussão a pessoa do individuo, que falla. Pois eu provoco o nobre deputado para dizer o que souber no sentido em que fallou.

O Sr. Catanho :—Eu não quero offender pessoalmente ao nobre deputado, mas como usa de uma linguagem, que pode desafiar a odiosidade, ha de ter paciencia, que tambem lhe diga alguma cousa.

O Sr. Luiz Felippe :—Pode dizer o que quizer ; mas, eu tenho sempre a ponderar, que não me dirigi ao nobre deputado nem a nenhum outro, e por isso parece que a minha pessoa devia igualmente ser posta fora da discussão. Considere-me collectivamente, como fazendo parte de um partido, mas deixe o individuo, apezar de que elle não receia a discussão em qualquer terreno, e tem consciencia de que se pode bater com muita vantagem, quando se tratar de sua pessoa.

Tendo eu, Sr. presidente, descripto o longo estadio, que percorremos, mostrado-os acontecimentos que deram nascimento e origem ao partido progressista, tenho respondido ao nobre deputado que me perguntou d'onde partimos. Dir-lhe-hei agora o que somos e o que queremos.

O partido progressista compõe-se dos conservadores moderados e liberaes, queremos a fiel execução da constituição....

Um Sr. Deputado :—Isso querem todos.

O Sr. Luiz Felippe :—Dizem-no todos, mas, nem todos o querem.

Um Sr. Deputado :—Isso tambem se pode dizer da *liga*.

O Sr. Luiz Felippe :—Quando houverem factos que demonstrem, que nossas palavras não passam de palavras, digam-no.

O Sr. Souza Reis :—Não se contentou com os factos de hontem ?

O Sr. Luiz Felippe :—Os factos de hontem eu pretendo deli-los.

O Sr. Souza Reis :—Quando se apontam factos praticados contra a lei, quer mais !

O Sr. Luiz Felippe :—Se eu ponho em duvida, que fossem contra a lei.

O partido progressista quer, que os talentos e as virtudes sejam os unicos titulos de admissão aos cargos publicos.

O Sr. Francisco João :—Quer todas as condições da felicidade social, etc,

O Sr. Luiz Felippe :—Olhe que o nobre deputado era meu companheiro na camara, porque era, como eu, conservador moderado.

O Sr. Francisco João : — Eu não sou peregrino.

O Sr. Luiz Felippe :—Arrependeu-se, e voltou.

O partido progressista quer o esquecimento do passado, quer a igualdade perante as leis, de modo que desnecessario se torne o appello ao favoritismo que tantos males nos tem causado ; não quer oligarchia.

Um Sr. Deputado :—O que é oligarchia ? Defina.

O Sr. Luiz Felippe :—Quer uma definição escolastica ? Oligarchia é o governo do paiz por poucos.

O Sr. Barão de Muribeca :—E é por poucos mesmo, o gabinete tem sete membros.

O Sr. Luiz Felippe :—Não fallo no governo official, meu collega.

O Sr. Barão de Muribeca :—Em que governo falla ?

O Sr. Luiz Felippe :—Fallo do governo de facto, desse governo que tem havido muitas vezes no nosso paiz.

O Sr. Francisco João :—E que ha actualmente.

O Sr. Luiz Felippe :—O partido progressista não quer distincções pessoaes, se não as que se fundam na lei.

O Sr. Barão de Muribeca :—Não quer distincções pessoaes ?

O Sr. Luiz Felippe :—Não, não quer, que alguem supponde-se obra do direito divino julgue-se autorisado a dizer aos outros : vós partistes do nada !

E' isto, o que o partido progressista não quer. Eis ahi, senhores, para onde vamos.

Concluindo nesta parte o meu discurso, vou occupar-me do que é relativo a administração provincial.

Eu não desserei a defender o nobre presidente da provincia dos baldões, das injurias mesmo, que o nobre deputado lhe atirou : reputo-o acima dessas injurias, penso que o não podem ferir e como o nobre deputado achou nisso prazer, fique elle gozando desse prazer, fique a elle toda a gloria desse procedimento (muito bem), que não lh'a quero roubar.

O Sr. Souza Reis :—Seria bom, que apontasse, quaes foram essas injurias.

O Sr. Luiz Felippe :—Não será injuria ter dito que o Sr. Silveira foi consignado ?

O Sr. Souza Reis :—Isso é injuria ?

O Sr. Luiz Felippe :—Acho que é.

Não será injuria dizer, que o presidente está sob o protectorado de alguem ?

O Sr. Souza Reis :—E se for verdade ?

O Sr. Luiz Felippe :—Não deixa de ser injuria.

O Sr. Souza Reis :—Como é verdade, tome o nobre deputado como quizer o modo porque eu me exprimi, que fico satisfeito.

O Sr. Luiz Felippe :—E eu tambem.

Me occuparei agora em responder á parte do discurso do Sr. Barão de Muribeca, quando revelando certos desvios da administração, e o exemplo contagioso das infracções da lei, chegou até a freguezia aonde ambos nós nascemos, a Jaboatão.

S. Exc. disse, que eram tres as tendencias da época, que os agentes da autoridade desviavam-se tão frequentemente da senda de seus deveres, que em Jaboatão o juiz de paz havia usado mal da jurisdição que a lei lhe confere para fazer convocações de eleitores ; que esquecendo preceitos mais comesinhos da lei, que lhe impunha a obrigação de se dirigir por officios aos eleitores e supplentes para que comparecessem na matriz, e fizera por meio de cartas á alguns somente.

O Sr. Barão de Muribeca :—Não foi assim justamente.

O Sr. Luiz Felippe :—Eu creio, que é verdade parte do que o nobre deputado disse ; creio, que nem todos eleitores e supplentes foram convocados : aceito o facto como real, mas contesto a intenção que o nobre deputado attribue ao juiz de paz.

O Sr. Barros Barretto :—Eu não fui.

O Sr. Luiz Felippe :—Aceito o facto como real, sem, todavia tirar delle argumento contra a administração, contra o procedimento do juiz de paz houve uma representação ao Sr. presidente da provincia, o negocio está affecto á sua apreciação, e em quanto elle não fôr decidido, o nobre deputado não póde tirar nem motivos de elogios, nem de censura para a administração. Não é assim ?

O Sr. Barão de Muribeca :—Não.

O Sr. Luiz Felippe :—Já tem ?

O Sr. Barão de Muribeca :—Já.

Um Sr. Deputado :—São desvios de um agente do governo.

O Sr. Luiz Felippe :—O juiz de paz é agente do governo ?

Um Sr. Deputado :—Tambem é delegado.

O Sr. Luiz Felippe : — Mas elle não convocou os eleitores como delegado.

O Sr. Barão de Muribeca :—Pois, não permitte, que eu conheça como obram as autoridades da nossa terra ?

O Sr. Luiz Felippe :—Pois, não !

De um outro facto se occupou o nobre deputado, e com bastante pezar meu vi, que, fazendo a exposição delle, o nobre deputado fez uma grave injustiça ao caracter, á homem que o nobre deputado conhece bem, e cujos precedentes e severidade de costumes lhe não são estranhos.

O nobre deputado, justo como é, jámais teria razão de vir aqui dizer, que aquelle individuo estava eivado do espirito de infracção as leis.

O Sr. Barão de Muribeca :—Eu não disse isto.

O Sr. Luiz Felippe :—O nobre deputado disse, que em Jaboatão tudo tendia á infringir a lei, denunciou uma infracção, e em seguida uma outra, e o individuo, que a tinha commettido, dizendo que elle tinha obrado scientemente.

O Sr. Barão de Muribeca :—Devia saber, porque um homem politico deve saber dessas cousas.

O Sr. Luiz Felippe :—Por isso é que eu digo, que o nobre deputado, que conhece aquelle caracter, que sabe, que elle é incapaz de transigir com uma trica de qualquer ordem e natureza que seja...

O Sr. Barão de Muribeca :—Isso não sei.

O Sr. Luiz Felippe :—Deve saber, e não tem o direito de pôr isto em duvida.

O Sr. Barão de Muribeca :—Não chega a tanto a minha sciencia.

O Sr. Souza Reis :—Uma trica eleitoral ?

O Sr. Luiz Felippe :—Elle não a commette.

O Sr. Barão de Muribeca :—Vamos analysar, se a commetteu, ou não.

O Sr. Luiz Felippe :—Eu vou lá, explico o facto, e asseguro ao nobre deputado que se dependesse disto o triumpho do partido, cujos interesses elle sustenta em Jaboatão, elle preferiria deixar fugir-lhe a victoria. (apoiados, muito bem.)

Eu appello para o testemunho de um dos nobres deputados que o conhece.

O Sr. Barros Barreto : — Faço delle este conceito.

O Sr. Luiz Felippe :—Vamos ao facto.

A freguezia de Santo Amaro de Jaboatão dá 27 eleitores ; na occasião da apuração da votação escreveram-se na acta os nomes dos 27 eleitores, e em seguida 27 nomes correspondentes a outros tantos supplentes, mas, occorreu, que o secretario da mesa parochial tivesse incluido no numero dos eleitores dous nomes, que não deviam estar ahi, segundo a ordem da votação, de modo que, ficaram dous menos votados, collocados no numero dos 27 eleitores, ao passo que dous mais votados, e que tinham direito a aquelles lugares, foram lançados mais embaixo. Foi isto um engano do secretario ; e então no fim da acta, quando elle se verificou e conheceu-se que tinham havido omissão de dous nomes em seus respectivos lugares, se fez esta declaração.

O Sr. Barão de Muribeca :—Mas depois de terem votado ?

O Sr. Luiz Felippe :—Isto foi quando se fez a eleição.

Vai o livro das actas para a matriz para fazer-se a chamada por occasião de reunir-se a junta de qualificação...

O Sr. Barros Barreto :—Não foi o livro.

O Sr. Luiz Felippe :—Livro, ou copia, mas copia tirada do livro.

Chamaram-se os 27 individuos que estavam primeiramente classificados sem attenção á declaração que se havia feito posteriormente ; entre os nomes d'esses 27 individuos estava o do Dr. Domingos de Souza Leão, e foi elle por tanto chamado a dar seu voto. Elle que não tinha assistido á eleição, que não vira lavrar-se a acta, elle que talvez nunca a tivesse lido...

O Sr. Barão de Muribeca : — Que talvez nunca tivesse ido á eleições.

O Sr. Luiz Felippe :—Não, senhor, elle tem ido á eleições ; é um cidadão que se interessa bastante pelos negocios publicos. ....

O Sr. Barão de Muribeca : — Quando é candidato ?

O Sr. Luiz Felippe :—Foi chamado seu nome, e elle votou convencido de que praticára um acto muito legal. (Apoiados.)

E quem quer que me tenha ouvido, livre de prevenções, eu creio que não póde deixar de concordar comigo, que a defeza que acabo de fazer a esse meu parente, de que aliás não precisava por ser bem conhecido, é a mais plena e cabal possivel.

O Sr. Araujo Barros :—Muito bem.

O Sr. Luiz Felippe :—Por afinidade irei aos negocios de Santo Antão.

Divido os negocios de Santo Antão em duas classes : primeira, os que se referem as perseguições, que o nobre deputado denunciou hontem á casa, e segunda, áquelles que se referem a guarda nacional.

O illustre Sr. Souza Reis, querendo demonstrar que os acontecimentos que tiveram lugar na cidade da Victoria eram filhos de caprichos e violencias das autoridades daquelle termo, teve de inverter o sentido de certas circumstancias, e calar outros. Eu referirei e referirei com exactidão, (e peço que me advirtam quando d'ella me afastar) tudo quanto aconteceu na Victoria.

Depois de passada a luta eleitoral do Sr. Sá e Albuquerque....

Um Sr. Deputado :—Houve a maior calma possivel...

O Sr. Luiz Felippe :—Não me consta que houvesse...

O Sr. Barão de Muribeca :—Luta denota alguma cousa ?

O Sr. Luiz Felippe : — O nobre deputado quer alambicar expressões...

Luta eleitoral, entendo que empreguei muito bem a expressão. Depois de passada a luta a que deu lugar a eleição do Sr. Sá e Albuquerque, ficaram os animos em Santo Antão um pouco irritados : houveram intrigas, houveram divergencias alli.

O Sr. Souza Reis :—Andou tudo tão calmo lá.

O Sr. Luiz Felippe :—Houve intriga, malquerenças, irritação.

O Sr. Souza Reis :—Isso é engano.

O Sr. Luiz Felippe : — Eu sei o que estou dizendo.

Um Sr. Deputado :—Quem ficou irritado ?

O Sr. Luiz Felippe : — Ambos os lados igualmente.

O Sr. Souza Reis : — A eleição foi tão pacifica em Santo Antão, que não produzio irritação nenhuma.

O Sr. Luiz Felippe :—Então não sei a que vem attribuir-se aquillo a intriga, se lá não a houve, se tudo correu como d'antes...

O Sr. Souza Reis :—Isso é que admira !

O Sr. Luiz Felippe :—Logo não tem o negocio a explicação que o nobre deputado dá e é mais rasoavel acreditar o que eu vou referir.

Pouco tempo depois reunio se a mesa na matriz que tinha de fazer a festa do orago, e informado de que o thesoureiro, que então se achava incumbido da festa pretendia por tal motivo fazer uma reunião e dar um jantar politico, retirou-lhe a confiança...

O Sr. Souza Reis : — Que tinha a mesa com isso ?

O Sr. Luiz Felippe :—Tudo.

O Sr. Souza Reis :—Porque ?

O Sr. Luiz Felippe :—Até esse negocio foi decidido pelo juiz de capellas e pelo Sr. bispo avista do compromisso.

O Sr. Souza Reis : — Por S. Exc. Rvma. não apoiado, está muito mal informado.

O Sr. Luiz Felippe :—Eu não vi o despacho de S. Exc. Rvma., mas consta-me que estava de accôrdo com o do juiz a que me referi.

O Sr. Souza Reis :—Pelo contrario, até S. Exc. Rvma. ordenou que se não fizesse a festa.

O Sr. Luiz Felippe :—Mas o certo é que a mesa convocada pelo juiz da irmandade cessou os poderes ao thesoureiro da festa.

O Sr. Souza Reis :—O nobre deputado não póde dizer assim, porque quem caça poderes é quem os póde dar, ou quem os tem dado.

O Sr. Luiz Felippe : — Foi reconhecido pelo juiz, que elle tinha essa autorisação, e em quanto o seu despacho não fôr revogado competentemente subsiste em toda a sua força.

Em vez do thesoureiro da festa, incumbio-se ao thesoureiro da irmandade todo o desempenho della, isto irritou o primeiro, e um partido que o apoiou, travando-se uma luta, donde resultou o ferimento de Cyrillo de tal. Cyrillo queixou-se ao delegado, fez-se corpo de delicto, e em vista delle foi reconhecido grave o ferimento que tinha soffrido esse individuo, e em consequencia da qualificação ao delicto, foram recolhidos a cadeia os indigitados perpetradores. Reclamaram contra a fidelidade do corpo de delicto, requereram *habeas corpus*, tendo, creio que, requerido antes exame de sanidade.

O juiz despachou esse requerimento, mas querendo arredar de si a suspeita de que tivesse sido induzido a designar peritos que fossem confirmar o juizo dos que tinham feito o corpo de delicto, foi que elle deu aquelle despacho, que o nobre deputado hontem qualificou de inepto, o qual era concebido nestes termos, mais ou menos—que o escrivão citasse individuos competentes para proceder ao exame. Nisto só houve um escrupulo do juiz...

O Sr. Souza Reis :—Escrupulo ?

O Sr. Luiz Felippe :—O juiz por si não quiz designar os individuos.

Um Sr. Deputado :—Se elle podia.

O Sr. Luiz Felippe :—Mandou que o escrivão citasse, para elle na occasião em que definisse o juramento, confirmar a nomeação.

(Trocam-se apartes.)

O Sr. Luiz Felippe :—Creio que esta é a pratica seguida n'outros juizos.

O Sr. Souza Reis :—Aonde ? aonde ?

O Sr. Luiz Felippe :—No juizo de orphãos, quando o juiz manda que o escrivão proponha pessoa idonea para tutor.

Um Sr. Deputado :—Isto é da lei.

MUTILADO

(Trocam-se outros apartes.)

O Sr. Luiz Felippe :—Em todo o caso, a nomeação definitiva não estava feita, mas o delegado reservava-se o direito de nomear...

Um Sr. Deputado :—Quando ?

O Sr. Luiz Felippe :—Quando procedesse ao exame de sanidade.

O Sr. Souza Reis :—Como podia ser essa nomeação ? Não vê o nobre deputado que não é possivel chegar a resultado nenhum com semelhante defesa ?

O Sr. Luiz Felippe :—Sim, senhor, antes de tomar o juramento é possivel ou não ?

Um Sr. Deputado :—Não, senhor.

O Sr. Fenelon :—E' tanto que se deu.

(Trocam-se outros apartes.)

O Sr. Luiz Felippe :—Se não haviam peritos, e o nobre deputado sabe perfeitamente, que um dos medicos apontados para esse exame, o Sr. Dr. Ferreira, não veio porque não lhe quizeram pagar o seu trabalho.

O Sr. Souza Reis :—E quem disse que se lhe dêssem 50$ viria ? Quem soube disto ? O nobre deputado não sabe o que se passou ?

O Sr. Luiz Felippe :—Sei.

O Sr. Souza Reis :—Pois, olhe : foi intimado o S[illegible]eira, que respondeu, que segurando-se o j[illegible]n 50$ elle estava prompto, o escrivão fez os [illegible] conclusos, e sem mandar que se intimasse a parte para que separasse o juizo, o juiz despachou :—cite-se outro.

O Sr. Luiz Felippe :—Porque a parte, que era interessada não procurou o despacho.

O Sr. Souza Reis :—Dahi se vê que o fim do juiz era protellar o exame de sanidade, até que podesse pôr a bom recado o individuo que tinha de ser examinado.

O Sr. Luiz Felippe :—Requereu-se *habeas corpus* á relação, vieram para aqui os papeis, a relação entendeu que corpo de delicto tinha sido mal feito, e concedeu a ordem pedida sob este fundamento.

O Sr. Souza Reis :—Além de declarar que pela descripção feita, os ferimentos não podiam ser graves.

O Sr. Luiz Felippe :—Deu-se *habeas corpus* e os individuos foram soltos, mas nesse interim, o nobre deputado havia requerido em Santo Antão o exame de sanidade que não pôde ter lugar pelo que já disse e ausencia de Cyrillo, ausencia que attribuio á manejo das autoridades de Santo Antão, que assim queriam evitar o exame de sanidade. O homem que não era obrigado á permanecer na Victoria, sahio quando, como, e para onde quiz.

(Ha um aparte.)

O Sr. Luiz Felippe :—Acredite na minha sinceridade, estou convencido de que isto se passou assim, não estou fazendo uma defesa, estou narrando um facto como creio que elle aconteceu.

Um Sr. Deputado :—De outro modo a defesa não podia aproveitar.

O Sr. Luiz Felippe :—Mas não são palavras para se ouvirem, é a minha convicção.

Um Sr. Deputado :—Deve ser sempre assim.

O Sr. Luiz Felippe :—Em Agua-Preta se achava Cyrillo, bastante doente ainda, quando daqui partindo o reverendo visitador que ia para Alagoas exercer o seu santo ministerio, vio-o e conheceu-o. E tendo ouvido dizer que elle se achava morto (penso que esta noticia só chegou aos seus ouvidos...)

O Sr. Souza Reis :—Só elle ?

O Sr. Luiz Felippe :—Parece.

O Sr. Souza Reis :—As testemunhas do processo.

O Sr. Luiz Felippe :—Então corria essa noticia por circulo muito limitado.

Mas, esse santo homem inspirado pelo desejo de fazer cessar os soffrimentos futuros de quem quer que fosse...

O Sr. Souza Reis :—Posso asseverar-lhe, que não foi sermão encommendado.

O Sr. Luiz Felippe :—Acredito.

Logo que esse senhor chegou a Agua-Preta, disse ao delegado do termo :—ha individuos presos por suppor-se que é morto um homem, entretanto que o meu secretario conversou com elle a pouco ; V. S. mande-m'o agarrar e remetter ao chefe de policia.

O Sr. Barros Barreto :—Foi uma obra de caridade.

O Sr. Barão de Maribeca :—E uma missão apostolica.

O Sr. Souza Reis :—Não mandou prender, mandou remetter ao chefe de policia que foi quem o prendeu.

O Sr. Luiz Felippe :—Deixem-me continuar. O digno delegado julgou-se autorisado a mandar aquelle homem para aqui, e a escolta que o conduzio chegou á secretaria de policia á hora, em que já o chefe de policia ahi não estava, tinha-se retirado para a sua casa, sendo que é costume, quando chegam presos á semelhante hora, serem recolhidos á detenção, para no dia seguinte se verificar a procedencia, e motivo da prisão, foi o que se fez com Cyrillo.

Mais tarde appareceu algum interessado no exame de sanidade, e pedio ao chefe de policia que o mandasse fazer.

O Sr. Souza Reis :—Logo com uma petição.

O Sr. Luiz Felippe :—O chefe de policia mandou informar ao administrador da casa de detenção, tendo a cautela de datar o despacho e declarar que eram sete horas da noite. Só no dia seguinte veio a informação.

Um Sr. Deputado :—Fatalidade !

Outro Sr. Deputado :—Não era possivel que elle já estivesse prevenido.

O Sr. Souza Reis :—Mas, se em vez de chefe de policia ter mandado informar o administrador da casa de detenção, ordenasse que lhe fosse apresentado o homem, não seria evitada essa demora ?

O Sr. Luiz Felippe :—Elle que não sabia de tal prisão, como havia de mandar buscar o homem ?

O Sr. Souza Reis : — Essa informação revela tudo.

O Sr. Luiz Felippe :—O certo é, que no dia seguinte appareceu lá o advogado para se mandar proceder ao exame de sanidade, e foi este designado para as nove horas, entretanto que o nobre deputado diz ; que o requerimento lhe fôra entregue ás dez.

O Sr. Souza Reis :—Sem duvida,

O Sr. Luiz Felippe :—Por quem ?

O Sr. Souza Reis :—Não sei.

O Sr. Luiz Felippe :—O Sr. Dr. Jacintho Pereira do Rego recebeu o despacho ás oito horas do dia.

O Sr. Souza Reis :—Não, senhor.

O Sr. Luiz Felippe :—Sim, senhor.

O Sr. Souza Reis :—Está perfeitamente enganado ; não sei que o Sr. Dr. Jacintho interviesse no auto de sanidade antes de se proceder a elle.

O Sr. Luiz Felippe :—O que sei, é que elle recebeu o despacho do chefe de policia.

O Sr. Souza Reis :—Está confundindo o requerimento em que se pedia o exame, com o proprio auto.

O Sr. Luiz Felippe :—Não, senhor, refiro-me á esse mesmo requerimento.

Marcou-se o exame para as nove horas, e não sei se o nobre deputado foi testemunha presencial dos esforços que então desenvolveu o chefe de policia, para que apparecessem medicos, que a elle procedessem.

O Sr. Souza Reis :—Não, não estava lá.

O Sr. Luiz Felippe :—Mas, deve saber, que foram chamados cinco ou sete medicos : era o dia anniversario da installação do Instituto Archeologico, muitos ou alguns dos medicos lá estavam, outros em suas occupações de forma que houve difficuldade em encontra-los, e só ás quatro horas da tarde se pôde isso conseguir.

O Sr. Souza Reis :—Foi encontrado justamente um, que estava na sessão do Instituto:

O Sr. Luiz Felippe :—Porque mora na mesma rua, viram-no passar, chamaram-no.

O Sr. Souza Reis :—Não, senhor, foi encontrado em caminho, defronte da igreja do Rosario.

O Sr. Luiz Felippe : —E' porque sabia o lugar certo, em que elle se achava.

O Sr. Souza Reis : — E' porque se queria precisamente aquelle.

O Sr. Luiz Felippe : —Não, senhor ; antes delle se chamaram 7 ou 8, o Sr. Pereira do Carmo e outros.

(Ha um aparte.)

O Sr. Luiz Felippe (continuando) :—Parece que o chefe de policia, tendo empregado tantos esforços em satisfazer a exigencia do nobre deputado, tinha direito a que se lhe fizesse mais justiça.

O Sr. Souza Reis :—Nesse ponto não posso.

O Sr. Luiz Felippe : — Fez-se o exame, nesse dia seguio se o *habeas corpus*, e tanto que já se dizia, que não se precisava mais de exame.

O Sr. Souza Reis : — Não se recusava ante o exame.

O Sr. Luiz Felippe : — Não tinham razão para tanta coragem, porque sabiam bem que as offensas se haviam dado.

O nobre deputado disse mais que as autoridades da Victoria acintosamente tinham demorado os detentos não obstante o accordão da relação, que os mandava pôr em liberdade.

Explicarei como isso se passou.

O accordão foi proferido aqui no dia, em que se procedeu ao exame de sanidade ; e extrahida copia deste, foi remettida pelo chefe de policia á autoridade processante, a qual não tinha ainda conhecimento do accordão.

(Ha um aparte.)

Mas, depois de feito o exame de sanidade, e fundando-se o accordão na improcedencia do corpo de delicto, e não estando ainda encerrado o processo, visto como haviam sido tomadas somente tres testemunhas, o delegado suppoz que com o exame de sanidade podia conservar os homens em prisão, porque tinha desapparecido o fundamento do accordão, que vinha a ser a falta de base para a classificação do delicto, visto ter sido o corpo de delicto reputado mal feito. Verificado, porém, pelo exame de sanidade, que haviam sido graves, elle entendeu que subsistia o motivo pelo qual já havia prendido os pacientes.

O Sr. Souza Reis : —Não, senhor, não diz isto.

O Sr. Luiz Felippe : — Eu sinto não ter aqui o exame.

O exame de sanidade tinha mais presumpção em seu favor do que o corpo de delicto, e fundado nisto, foi que o delegado......

O Sr. Souza Reis : —A mente do juiz não póde ser contra a verdade sabida e conhecida.

O Sr. Araujo Barros :—A verdade sabida e conhecida era o contrario.

O Sr. Barão de Maribeca : — Quem sabe responder a tudo é o Sr. Barros.

O Sr. Araujo Barros : —V. Exc. sabe mais.

O Sr. Luiz Felippe : — O delegado procedeu muito prudentemente.

O Sr. Souza Reis : —Muito violentamente.

O Sr. Luiz Felippe : —Emfim, nós respeitamos o julgado.

Acabou se, portanto, a intriga em Santo Antão, nada mais revela aquella animosidade que o nobre deputado hontem denunciou, e mesmo quando tal animosidade se désse, não tinha ella chegado a assustar as familias, os moradores daquella localidade, nem está ella ficando despovoada, como tambem avançou.

O Sr. Souza Reis : — Não é tanto assim.

(Trocam-se apartes.)

O Sr. Luiz Felippe :—O Sr. Alexandre de Hollanda está aqui, é verdade.

O Sr. Souza Reis :—Se estivesse em Santo Antão tinha sido preso.

Um Sr. Deputado :—O nobre deputado não sabe que se póde arranjar outra armadilha ?

O Sr. Luiz Felippe :—Eu não sou juiz em Santo Antão, não sou delegado.

O Sr. Barão de Maribeca : — Conforme, se as pazes se fizerem......

O Sr. Luiz Felippe : — Fallou-se ainda do preenchimento de postos da guarda nacional. O nobre deputado a este respeito creio que disse, que o presidente tinha procedido mal por considerar não organisado um corpo, que effectivamente o estava.

O assento da materia é a lei explicada pelos avisos, e com a leitura delles, parece-me que o nobre deputado deve convencer-se de que não houve razão na sua accusação (lê).

O Sr. Souza Reis : — Vamos a ver o que conclue da combinação da lei com o aviso.

O Sr. Luiz Felippe : — Resta a duvida sobre saber se o corpo estava ou não organisado ? Eu o contesto.

O Sr. Souza Reis :—Por que ?

O Sr. Luiz Felippe :—Porque determina o aviso que acabei de ler, que, para se considerar organisado um corpo, não basta simplesmente que hajam nomeações do commandante de parte dos officiaes, é preciso que estejam todos os corpos preenchidos, ou que o tenham sido originariamente.

O Sr. Souza Reis ; —Aonde encontrou isso ?

O Sr. Luiz Felippe : — Na lei (lê).

(Trocam-se apartes.)

O Sr. Luiz Felippe : — Tenho ainda aqui outro aviso que esclarece melhor a questão (lê).

O Sr. Souza Reis : —Que tem isso ?

O Sr. Luiz Felippe : — Este aviso tem perfeita applicação á materia.

Aqui está um aviso explicando o art. 48, que é bem concludente.

O Sr. Souza Reis : — Mas o que diz o art. 48 ?

O Sr. Luiz Felippe : (lê)

Este aviso manda desprezar da proposta.

Pouco mais ou menos foi isto o que se deu a respeito de Nazareth.

O Sr. Souza Reis : — Pouco mais ou menos ?

O Sr. Luiz Felippe : — Fallou-se na nomeação de pessoas não qualificadas.

Consta-me que todas as nomeadas estão qualificadas, mas eu reservo-me para apresentar prova ao nobre deputado que o convença.

A respeito do merecimento das nomeadas, não posso apreciar, não os conheço bem, porque [illegible]tou d'alli ausente ha muito tempo ; vejo, porém, que a questão da organisação foi a mesma, e portanto, o que eu disse a respeito de Santo Antão tem applicação a Nazareth.

Mas, dizem os nobres deputados : houve uma circumstancia aggravante, e é, que foram nomeados individuos para postos que não estão vagos.

Aqui está a copia d'um officio do commando superior de Nazareth, declarando que os postos, a que o nobre deputado se referio, deviam ser considerados vagos. Lê :

Eis-aqui, portanto, o commandante superior contendendo se com o Sr. presidente da provincia no sentido de serem considerados vagos estes postos. Assim se fez, e de accordo com isso tiveram lugar as nomeações.

O Sr. Souza Reis : —Mas note que os nomeados não foram para esses lugares, porém para outros que estão preenchidos.

O Sr. Luiz Felippe : — A propositura das vagas foi acceita pela presidencia.

O Sr. Araujo Barros : — Faça o favor de dizer quaes são os postos preenchidos para os quaes se fizeram nomeações.

O Sr. Luiz Felippe : — Parece-me que para os postos vagos, e de accordo com a proposta do commandante superior, foram feitas as nomeações.

Se os nobres deputados me mostrarem o contrario disso, eu então me occuparei mais largamente sobre esta materia.

Estou muito fatigado, extremamente fatigado, e entretanto, ainda tinha muito que fallar sobre outros negocios : se V. Exc. me permittisse o uso da palavra para amanhã.......

O Sr. Presidente : — O regimento não o permitte.

O Sr. Luiz Felippe : —Então deixarei para a 3ª discussão......

O Sr. Presidente :—Tambem não posso permittir que nessa occasião se discuta politica.

O Sr. Luiz Felippe : — Pois fa-lo-hei, quando houver occasião. Hoje me é impossivel.

(Muito bem, muito bem da minoria.)

A discussão fica adiada pela hora.

O Sr. Presidente designa a ordem do dia e levanta a sessão.

SESSAO ORDINARIA EM 19 DE MARÇO DE 1863.

Presidencia do Sr. visconde de Camaragibe.

Ao meio dia, feita a chamada, presentes 24 senhores deputados.

Abre-se a sessão.

Lida a acta da sessão anterior é approvada.

O Sr. 1º secretario dá conta do seguinte :

EXPEDIENTE.

Um requerimento de Claudino dos Santos Lopes Castello-Branco, professor publico de instrucção elementar da villa do Cabo, pedindo que se lhe mande pagar a gratificação por mais de 15 annos de exercicio de seu magisterio desde 7 de dezembro de 1853.—A' commissão de orçamento provincial.

ORDEM DO DIA.

Continuação da discussão de fixação de força policial.

O Sr. Francisco João : — Senhor presidente, quero crer, que em hora para mim, menos bem fadada, tive a honra de pedir a palavra a V. Exc., porque nunca, tanto como hoje, subindo a tribuna parlamentar, me senti possuido de emoção tão viva como aqui agora experimento.

A minha palavra vem, infelizmente para mim, repassada do sentimento de dôr em que meu espirito se afunda, quando vejo que aquillo que ha de mais caro para o nosso paiz, a moralidade dos seus partidos, é posta em duvida ; quando vejo, que o septicismo é arvorado como bandeira politica, quando vejo que as decepções umas as outras se succedem em larga serie, de modo a pôrem em confusão o espirito mais indagador e afilado, tornando-lhe impossivel a explicação de semelhante fenomeno.

A minha posição é ainda mais difficil, quando antevejo, que hei de tirar (o que é sempre um grande infortunio), o exordio para o meu discurso da pessoa do orador ; mas, sou forçado a faze-lo porque feliz ou infelizmente para mim, uma das fazes da minha vida politica se ajusta : e se prende ás crenças, que são actualmente postas em duvida.

E como em caso algum, senhor presidente, eu desejo fazer renuncia nem retratação do meu passado, é forçoso, que me explique, para que fique considerado, sob o aspecto politico, como o era quando appareceu na scena politica.

Antes porém, que vá mais longe, V. Exc. me dará licença para que me dispense de acompanhar essa peregrinação de 14 annos, que aqui hontem se denunciou á casa como um facto historico, porque para tanto me não sentiria com forças, nem tão pouco para dar-me ao estudo, verdadeiramente mortificador e improbo, que alguem emprehendeu para incontrar a origem do partido *liga* no primeiro ministerio, que se creou em seguida ao que debelou o grande movimento revolucionario, que desgraçadamente para toda a provincia a ensanguentou, sendo para lamentar que no fim de tão afanosa viagem não tivesse tido esse distincto peregrino a bondade, nem a complacencia de dizer-nos se o passeio estava acabado, se ainda hia mais longe.

Senhor presidente, se a questão da existencia da *liga* é tão importante, que a natureza de sua genealogia deva ser precisada e conhecida, para que seu merito seja apreciado, eu creio que é uma grande infelicidade minha o não ser dotado dessa faisca divina, com que Deus favorece os seus espiritos privilegiados, pois, se assim houvera sido destinguido, bem poderia levar a genealogia da *liga* até Sezostres.

O Sr. Luiz Felippe : —Só com a alampeda de Aladino.

O Sr. Francisco João : — Ou aliás se possuisse grandes conhecimentos de botanica, ou de ornithologia podia crear e explicar o systema da transformação das plantas, ou das borboletas, acreditando então a idéa da *liga* como verdadeira chrisalida, porque só assim eu poderia ter comprehendido tudo quanto os nobres deputados tiveram de explicar-nos sobre esse assumpto, e que se servio a prender-nos a attenção completamente, não foi porque o mytho monstruoso podesse ter sido apanhado, mas, porque as defferencias e cortezias que lhes devemos, e as suas elocuções sempre faceis e brilhante, nos trouxeram a esse dever !

Como não esteja muito habilitado a descobrir engenhosos meios, (apezar do que se me quer attribuir) no manejo necessario nestas palestras vejo-me obrigado para descobrir a *liga* a servir-me de meios muito communs, que estão á mão e a disposição de todos.

Um Senhor Deputado : — Por ahi irá bem.

O Sr. Francisco João : — Sou homem de espirito muito positivo, e de linguagem tambem mui simples. Eu encontro a *liga* apontada pelos paes que a crearam, e creio que não estão dispostos a renega-la.

Os annaes do parlamento de 1862, no que se refere ao ministerio do Sr. Zacarias, contêm a narrativa deste facto historico, em que aquelles chefes cheios de satisfação vieram apresentar ao parlamento depois sua filha memora que essa *liga* a despeito da exibição solemne e publica, é para muitos ainda duvidosa, tem estabelecido contestações quanto a paternidade, e duvidas sobre a vida que ella promette ter.

O Sr. Souza Reis : — Muito bem.

O Sr. Francisco João : — Senhor presente, eu neste ponto não posso e nem devo, assim reconhecido o nascimento da *liga*, acolhe-la em meu espirito, que a repugna a acceitar como fanal para direcção, porque acho-a debaixo de um horizonte indefinido, e que não offerece bussula que sirva a dirigi-se na immensidade do espaço oriçado de perigos que ella não pôde evitar.

Suppôr-me-hia por tanto despensado, senhor presidente, de continuar na direcção, que meu espirito indica, porque antes de mim membros mui notaveis do nosso parlamento tornaram a si esse empenho, e o satisfizeram de um modo muito glorioso para o seu bom renome, e até muito honroso para a illustração da nossa historia parlamentar.

Eu creio, senhor presidente, que a idéa da *liga*, que aliás é como que o conjuncto ou compendiario dos desaccordos, é a desparidade das côres, e pode-se explicar pelo systema dos raios solares ; creio ainda, que essa idéa mesmo apregoada por pessoas muito proeminente no paiz pela sua força, e energia de vontade, pela sua alta inspecção de pensamento, vem encontrar uma barreira invencivel na fé, que os partidos devem ter nas suas crenças, nas suas idéas. (Apoiados, muito bem.)

Senhores, isto que serve não só para os outros que me ouvirem, mas tambem para mim como norma, que meu pensamento tem seguido, me aproveito para por em relevo a minha vida curta e pequena em referencia a esta idéa, e em referencia a este acontecimento nos poucos annos que tive a honra de representar a nossa provincia na camara dos senhores deputados : vós haveis de permittir que eu prenda um facto ao outro, isto é, a idéa e a expressão dos meus principios a essa phase da minha vida.

Eu tive a honra de ter naquella camara como um dos animadores para mim mais proveitosos, como um dos caracteres de mais valia, e que mais me encorajava na trilha que segui o muito nobre e distincto conselheiro Paes Barreto, que comigo pensava então do mesmo modo, e deixa que a sua personalidade politica daquelles tempos esteja em opposição completa com a de hoje, quando os partidos são os mesmos, quando os factos que os crearam os mesmos se assignalam.

O Sr. Luiz Felippe : — Isto é, apoiando o ministerio—*Olinda*—.

O Sr. Francisco João : — Nessa sessão, senhor presidente, ainda eu vencendo estremecimentos proprios de caloiro, tive a honra de dirigir a palavra naquelle augusto recinto, e o fiz combatendo a maneira porque aos olhos do governo, debaixo de suas vistas, na côrte do imperio se procurava desfigurar o busto grandioso da nossa provincia, e o nobre conselheiro quando eu procurava uma a uma mostrar a verdade dos factos, me apoiava com todo aquelle enthusiasmo, e com todo aquelle ardor de que elle sabe se revestir nas causas que lhe tocam a peito. O nobre deputado mesmo, que fica fronteiro a mim nessa occasião me deu o alento, de que eu tanto carecia, mas então não percebi que o espirito do nobre deputado enchergava os primeiros passos dessa longa peregrinação de 14 annos......

O Sr. Luiz Felippe : — Já enxergava, e o nobre deputado peregrinou um pouco tambem nesse tempo.

O Sr. Francisco João : — Eu ! então mystificaram-me !

O Sr. Luiz Felippe : — Não, tem bastante intelligencia e bôa vista para descobrir o caminho que trilha.

O Sr. Francisco João : — Senhor presidente, o que se dizia então e o que hoje se repete ?

Se o que hoje se repete é verdade, o que então se dizia não o era ; (!) e os conselheiros de hoje são os conselheiros daquelles tempos Como explicar todas estas anomalias ?

O Sr. Araujo Barros : — Na marcha da sociedade.

O Sr. Francisco João : — Ou antes na condemnação da moralidade de cada um. (Apoiados, muito bem)

Infelizmente, senhor presidente, se me resta hoje o pezar de não ter sido comprehendido por um dos nobres deputados desta provincia (refiro-me ao representante do 1º circulo delle), cujo nome não é preciso que eu indique ; se não fui bem comprehendido por elle, se elle devisou nessa minha posição alguma cousa pouco agradavel para as relações que mantinhamos.. ...

O Sr. Luiz Felippe : — Se o applaudio com fervor......

O Sr. Souza Reis : — Não é desse que se trata.

O Sr. Francisco João : — .... Se essas recordações são hoje pouco agradaveis, porque memoram a interrupção dessas relações, sei a isso resignar-me, porque sempre me soube submetter de bôa vontade as decepções que derivam da coherencia de minhas opiniões ; e se alguma cousa tenho a lamentar é ver desvendada *a illusão* que punha a meu lado o Sr. conselheiro Paes Barreto, defendendo comigo a situação da provincia, comigo aplaudindo o pensamento de que essa situação era franca a todas as ligitimas aspirações, era leal ao pensamento de uma politica generosa, era conforme a todas as nossas necessidades politicas, pensamentos que encontrava o do nobre representante do circulo do Recife, que fazia denegação de taes apreciações.

Este desvertuamento, senhor presidente, e meu espirito se recusa a encontrar justificação della na actual caracterisação politica do nobre conselheiro Paes Barreto !

Sobre este ponto não devo ir mais longe......

A necessidade em que estava de justificar-me veio ainda a ser avivada pelo aparte com que o nobre deputado me interrompeu ha pouco, quando quiz fazer sentir que eu deixava de ver o que tinha debaixo das vistas, inculcando assim que eu tinha acompanhado as primeiras jornadas da *caravana*. Digo caravana porque fallava o nobre deputado de peregrinação, parecendo-me por isso bem cabido o termo, e com tanta maior razão, quando eu vejo que a derrota que o nobre deputado fez por terra era em direcção oposta a que antes fizera por mar o nobre marquez de Olinda, que dizia : — embarcamo-nos com bons companheiros de viagem, caminhamos por pontos certos em mares conhecidos — com razão devo crer que o trajecto se fez de um e outro modo.

O Sr Luiz Felippe :—Isto é poesia.

O Sr. Francisco João :—Se ha poesia no que digo, eu não fiz mais de que repetir aquillo que disseram os poetas, e bem sabe que eu gosto dos poetas.

Repito, Sr. presidente, o nobre deputado disse que eu vis sem vêr.

O Sr. Luiz Felippe :—Não, senhor.

O Sr. Francisco João :—Então disse, que eu tinha principiado a fazer esta viagem : tambem não ?

O Sr. Luiz Felippe :—Acompanhou-nos n'um periodo della.

O Sr. Francisco João :—Oh ! senhores ! fazia esta viagem para encontrar hoje a *liga*, e então ninguem a tinha nem ao menos em sonho desenhado !

Qual era a grande questão daquelles tempos, Sr. presidente ? Examinar se as condições de tolerancia para todas as opiniões, dando lugar a que ellas podessem ter representação constitucional no paiz, achavam-se prehenchidas ; o exame, a averiguação de estarem ou não as portas de bronze do futuro abertas á todos os talentos, á todas as aspirações, se havia algum circulo de ferro, ou como dizia o nobre deputado que agora acaba de levantar-se, se haviam sepos e correntes, em que haviam infelizes atrelados ; se haviam morgados, se haviam castellos, se havia tudo isto ; e se tudo isto se negava que houvesse, se aquelles que o negavam são os mesmos que affirmam hoje existirem ha 14 annos, durante os quaes peregrinaram para se libertarem e despedaçarem as correntes ! !

O Sr. Pinto de Campos :—Muito bem.

O Sr. Francisco João :—Oh ! senhores ! que mystificação para o espirito humano, que por mais audaz que elle seja em suas raras concessões, em seus vôos rapidos, é impossivel ser comprehendida ! Mas as explicações que se podem dar a estas contraposições de pensamento, não serei talvez eu que as dê : de que digo as inferencias são faceis de se deduzir, e a imparcialidade da historia, que tem luz e luz inexoravel, provavelmente commentará esse quadro politico, esse novo matiz, de um modo pouco consolador para os seus inventores.

Sr. presidente, ha um pensamento, que não posso deixar de traze-lo, porque elle sahe e accommoda-se perfeitamente a situação. A figura dos governos se compõe da physionomia dos partidos, e vice-versa, a physionomia dos partidos se adopta a figura do governo. Que idéa não se suppõe encarnada no governo quando a physionomia do partido é a da incerteza, da duvida, da abstração e da incoherencia ? Naturalmente esta physionomia dá a idéa que ha de transluzir igualmente no governo, que o governo desse partido ha de ser o da dubiedade, da incerteza e da incoherencia. (Apoiados).

E pergunto eu, com um fanal desta ordem que peregrinação por terra, ou que derrota por mar (insisto sempre nos dous differentes modos de viajar) poderemos seguir ?

Eu estou persuadido, Sr. presidente, e Deus queira que o meu coração, que é nuncio de desgraças, me minta neste momento ; mas eu prevejo, que uma grande tempestade se prepara aos destinos do paiz, eu enxergo que o horisonte toldado de nuvens carregadas nos fez estremecer, que o não é para tranquilisar.

Talvez que eu percorra carreiro oriçado de difficuldades e de embaraços, mas, fico contente, e direi com o poeta portuguez :

« Eu, desta gloria só fico contente
« Que a minha terra amei e a minha gente,

porque eu não desejo, que para abrir espaço a uma retratação, em opposição ao esboço historico da nossa provincia e do paiz, se possa dizer, como nesta casa foi asseverado, que não havia distincção de opiniões em todos os partidos do paiz, que essas distincções nunca tinham sido conhecidas, que quem fosse feliz bastante para encontra-las as apontasse ; portanto, Sr. presidente, qual seria o corolario desse quadro em referencia a provincia, em referencia ao Brasil inteiro ? Que [illegible]sma ficariam recebendo os nossos homens politicos, os nossos partidos ? Sem duvida a de pescadores politicos, de saltimbancos, de *condactieres* [illegible] um paiz que produzia desta gente, que era r[illegible]o e governado por elle, classificado como terra [illegible]tistiqueiros. Ora, Sr. presidente, eu crei[illegible]pigramma foi terrivel para todos os pol[illegible] porque o menos que se podia concluir dall[illegible] que os politicos não passavam de muito *bons* [illegible]*medianos* representando muito *máos papeis*.

M[illegible] assim exposto meu pensamento quanto a descoberta da *liga*, descoberta que não foi feita por mim, e que não poderá ser aproveitada emquanto não tivermos os signaes certos pelos quaes possa ser reconhecida em suas differentes evoluções.

O Sr. Barros Barreto :—Eu tambem sou dessa opinião.

O Sr. Francisco João :—Não quero ser pertinaz ; recebo-a e aceito emfim com o desenho que aqui vi fazer-se—opiniões em diametral opposição, cores continuadamente cambiantes de cima para baixo, de baixo para cima, em todos os movimentos, e em todas as direcções sem fixidade.

Parece que é assim que poderá ser encontrada a tal *liga*. (Apoiados).

O Sr. Fenelon :—E quem a encontrar o que deve fazer ?

O Sr. Francisco João :—Deixa-la passar talvez....

O Sr. Souza Reis :—E' bom sempre embargar-lhe o passo.

O Sr. Francisco João :—Sr. presidente, não sei se tenho commettido temeridade expressando-me deste modo : creio, que não, porque acredito, que qualquer que seja o pensamento sinistro que se enlace a *liga*, não será muito facil roubar a provincia de Pernambuco, e a nós o direito que sempre tivemos, que sempre se nos respeitou de levantarmo-nos contra a oppressão quando ella fôr pretendida. (Muito bem, apoiados).

O Sr. Luiz Felippe :— Eu tambem digo :—apoiado.

O Sr. Francisco João :—Portanto, Sr. presidente, eu supponho, que estou exercendo um direito, que me pertence, que está escripto na constituição do imperio, a qual todos nós devemos zelar, porque nella encontramos o *paladium* de nossas crenças.

Mas, Sr. presidente, se acontecer que os levitas do tabernaculo da lei esquecendo-se de tudo, esqueçam o que a si proprios devem, então tenho a lamentar uma grande desgraça....

O Sr. Pinto de Campos :—Não são levitas, são Brachamantes.

O Sr. Francisco João :—.... a nossa, a delles e a do paiz inteiro.

Caminhando por este modo, eu tenho seguido marcha variada, mas não tenho outro meio senão este, porque variada foi a viagem, cuja larga historia aqui referiram. Ora foram trazidos divergencias ministeriaes em referencia ás ultimas eleições, ora foram arrastadas pelos cabellos administradores desta provincia e trazidas a julgamento, ora pegou se n'uma grande porção de roupa suja e se lavou no meio da praça publica.

O Sr. Luiz Felippe :—Foi o Sr. Souza Reis que lavou essa roupa suja ?

O Sr. Francisco João :—Fomos nós.

O Sr. Souza Reis :—Agradou-lhe a resposta ?

O Sr. Francisco João :—Eu tocarei nestas cousas de modo a fazer sentir meu pensamento a camara, que tem a bondade de ouvir-me, mas o farei um pouco perfunctoriamente.

Sr. presidente, eu não sei bem porque se querendo analysar as ultimas eleições, nellas se misturou o nome do conselheiro Almeida Pereira, muito distincto parlamentar do paiz (apoiados), muito honrado cidadão, e pode-se dizer que dos caracteres mais nobres (apoiados), que se tem algum defeito, é um nobre defeito, cuidando de politica, não viver propriamente della. Não descubro tão pouco o motivo porque de involta com o nobre conselheiro se fez referencia ao Sr. Alencar Araripe, e ainda mais, até ao Sr. Ambrosio ; não descubro tambem a que proposito veio a narrativa, e descripção de tudo quanto foi dito sobre o aspecto de uma supposta camarilha, entidade no Rio de Janeiro descoberta pelo *Correio Mercantil* e que tanto servio para desvairar a opinião publica com lendas de papas, cardeaes, etc., etc.

Tenho para mim bem sérias desconfianças de que se quiz renovar costumes antigos do paganismo. Naquelles tempos quando os deoses se achavam irritados, aos manes se faziam sacrificios e hecatombes. Foi preciso renovar hoje essa antiga pratica, e fazer sacrificios, preparar-se hecatombes aos manes de algum herós para tornar propicios aquelles que querem tomar proporções de deoses de Olympo, e então foram desta vez victimas escolhidas o Sr. Almeida Pereira, o Sr. Araripe e até o Sr. Ambrosio. Infelizmente, porém, essas victimas não podem ter as mesmas consolações das victima da antiguidade pagã, porque áquellas se prestavam respeito, se entoavam canticos, e eram afinal coroadas de flores ; estas ao contrario são apupadas !

O Sr. Luiz Felippe :—O nobre deputado está as coroando agora.

O Sr. Francisco João :—Dá-me uma boa incumbencia.... Pois eu é que hei de coroar as victimas alheias ?

Eu creio, Sr. presidente, que se estes tres nobres cavalheiros merecem algum juizo menos favoravel, que a seu respeito deva ser feito, seria nos termos seguintes :—O Sr. Almeida Pereira talvez não tivesse toda a energia de vontade, todo o desembaraço que devera ter para com os seus collegas, menor somma de contemposição para com elles ; o Sr. Araripe talvez tivesse demariadamente comprimido as suas affeições ; para a sua honra e o seu elogio, mostrou-se ácima dos partidos, e então o seu caracter perde de preço aos olhos daquelles que sómente falgam com a docilidade aos seus calculos ; o Sr. Ambrosio, que nem sequer tenho a honra de o conhecer, talvez cahisse no defeito de fazer favores, caminhando muito as vezes, as vezes tendo medo de ir muito longe, e assim fazendo muito, por tudo não ter feito, se diz hoje que a affirmação ou negativa do Sr. Ambrosio nada significa ; de maneira que o Sr. Ambrosio exprime apenas o verbo *duvida* ! A ingratidão é um grande defeito... Que sirva de lição ao Sr. Ambrosio e a outros !

Mas tudo isto o que significa ? Que deve servir de sobre aviso a aquelles que se embarcam temerariamente nas emprezas, nos commettimentos, dos principios novos que são hoje apresentados ; e se pode a elles dizer, quando vós estiverdes completamente compromettidos, quando vós tiverdes feito sacrificio e abnegação, até mesmo daquillo que mais deveis prezar, e nunca dispensar, vós sereis atirados ás matilhas, e entregues aos azares da fortuna. (Apoiados, muito bem).

Triste lição para o passado, mas prudente aviso para o futuro (apoiados) !

Sr. presidente, eu quero ver se posso com cuidado expor certos principios, que tenho para mim como garantias de qualquer governo moralisado, governo constitucional, visto que eu sou conservador constitucional, e averiguar se a pratica de taes principios tem sido hoje guardada, se o foi em tempos proximos passados, se promette para o futuro ser seguida e acatada.

Grave solemma tem-se seguido por causa da eleição (refiro-me ao nobre deputado que está fronteiro a mim) do terceiro districto.

O Sr. Luiz Felippe : — Peço a palavra.

O Sr. Francisco João : — Sr. presidente, eu peço licença á camara para fazer uma dessas confidencias do coração, que tem sua explicação nos sentimentos da infancia, da mocidade, desta idade já em meio, em que me acho, confissão de todas as minhas affeições pelo digno candidato, que foi compromettido e prejudicado nesse pleito eleitoral : parece-me que o nobre deputado me conhece como amigo delle.

O Sr. Luiz Felippe : — Tenho-o nessa conta.

O Sr. Francisco João : — Amisade que é consagrada do meu coração, e reconhecida por meu espirito como devida as suas muito distinctas qualidades e nobres sentimentos.

Mas, na eleição desse districto, eu não sei nem posso referir ao nobre deputado as insinuações propriamente governamentaes que foram feitas, só o que sei, e posso asseverar ao nobre deputado é o seguinte : um chefe do partido conservador nesta provincia, se entendeu, como era costume sempre se entender, com os chefes do mesmo partido que faziam parte do gabinete de então, e se entenderam apenas na qualidade de deputados, que todos tinham, e procuraram o accordo entre todos aquelles que se achavam alistados nas mesmas fileiras.

Esforçaram-se todos em evitar os embaraços que podessem trazer encontro da candidatura do Sr. Domingos de Souza Leão, com a do Sr. conselheiro José Bento, sendo que com a anuencia deste ultimo foram promettidas pelos cavalleiros chefes, que estavam no governo, não por serem governo, mas, pela razão de chefes da mesma opinião, providencias que não sei bem quaes foram, mas, que deixaram de ser satisfeitas e servio apenas a promessa dellas á crear as difficuldades que occorreram, e deram como resultado infeliz a accumulação de candidatos, e o sacrificio de algum.

E' esta idéa que eu tenho.

O Sr. Luiz Felippe :—Agora é que o nobre deputado quer que se lave roupa suja.

O Sr. Francisco João :—Não : isto é roupa muito limpa, e é o que eu quero *mostrar*, porque concordo, e tenho para mim, que os governos teem o direito de crear uma opinião sua : os governos governam com a opinião, que os cria, mas, se teem esse direito de sustentar a opinião, teem tambem obrigação restricta de respeitar de modo completo o cumprimento das leis do paiz, e fazer com que todos os meios de influencia, que legitimamente a lei permitte, sejam por todos os cidadãos desembaraçadamente exercidos. Portanto não ha perigo nenhum, nem ha roupa suja em dizer que o chefe do partido conservador se entendia com outros chefes do partido conservador na mesma linha de sentimentos, na mesma direcção de opinião : e assim não commettia inconveniencias.

O Sr. Barão de Vera Cruz : — Não foi o primeiro que bolio na trouxa de roupa suja.

O Sr. Francisco João : — Nem eu disse nada, que podesse suppor isso

Tambem se tratou do districto pelo qual eu tenho a honra de ter um assento nesta casa, de modo a ficar patente o desgosto de certos espiritos pela eleição do distincto Sr. Sergio Teixeira de Macedo. Já antes de mim alguem deu a significação deste facto, e portanto, estou dispensado de demorar-me nelle, tanto mais quanto é um nome com á significação que dá o talento e a benemerencia de serviços.

O Sr. Pinto de Campos : — O Sr. Sergio é cidadão brasileiro muito distincto, e não havia inconveniente nenhum em ser deputado por esta provincia.

O Sr. Mello Rego (Joaquim) : — Diz muito bem, apoiado.

O Sr. Francisco João : — Sr. presidente, agora peço licença a V Exc. para occupar-me de revistar bem e examinar umas poucas de chavinhas de ouro, que foram mostradas aqui, e com que de algum modo ficaram offuscadas as nossas vistas, entendendo-se que cada uma dessas chavinhas abria extraordinarios cofres de bellezas não menos extraordinarias.

Essas chavinhas d'ouro pertencem a cofres que teem as seguintes inscripções :—o *uti possidetis*—arcanos dos Srs. Saraiva e Sá e Albuquerque—*Iris de paz*.—

Quanto ao *uti possidetis*, empregada a chave que serve a abrir o cofre, dentro deste apenas existe copia de um dito importante e espirituoso de Tacito :—Não pôdiam os Augures romanos depois de terem lido ao povo no livro dos destinos, se encararem sem sorrirem. (aplausos.)—

Eu farei agora, Sr. presidente, um reparo muito simples aos muito destinctos membros da *liga*, que de nós se retiraram, quando estiverem esses novos prophetas da nova lei em seu circulo intimo depois de haverem fallado ao povo explicando o *uti possidetis* e clamado contra elle provocando o seudesabamento, trazendo as queixas de sua peregrinação de 14 annos, não poderão notavelmente incararem-se sem deixarem-se de rir. (aplausos, hilaridade prolongada.)

A outra chave é de segredo, é a que pertence ao cofre dos arcanos do Sr. Saraiva, e do Sr. Sá e Albuquerque, ambos dous estimaveis cavalleiros. Com esta não posso fazer o menor movimento de experimentação.

Um Sr. deputado :—Esperiente sempre.

O Sr. Francisco João :—Não, a chave é de cofre de segredo, e é tambem de segredo ; somente póde ser manejada pelo Sr. Saraiva ou pelo Sr. Sá e Albuquerque que apresentaram o imperro inqualificavel, resistindo a todas as instancias feitas no parlamento por um e outro lado, a toda a sorte de provocação, e até mesmo á causa que parecia investiva ; a tudo isto foram inabalaveis, não explicaram convenientemente os motivos das suas retiradas do gabinete de 2 de março : não posso por tanto servir-me da chave.

Um Sr. deputado :—O Sr. Saraiva explicou-se.

O Sr. Francisco João :—Explicou-se, é verdade : mas de modo que se não pôde apanhar o segredo da chave.

A chave do cofre—Iris da paz—do ministerio Olinda é falsa.

Todo o mundo sabe que o sinal que Deus deixou de sua aliança á terra, foi o iris, que symbolisa a arca da aliança, e como o iris é cambiante nas cores, (*fallo sómente dos cofres politicos*) poderá ser o revelador da paz do ministerio Olinda, isto é, paz com todas as cores, abraçamento com todas as opiniões a harmonia com todos os desacordos.

Quanto a promessa de livrar a terra de deluvios e tempestades, essa não póde ser feita por elle, nem por elle cumprida, porque sómente Deus póde conjurar os perigos, que esse ministerio tem creado com a sua marcha incerta e desastrosa, que traz a duvida, gera o septicismo.

Eis aqui, Sr. presidente, todas as verdades, que pódem ser apreciadas e reveladas com as chaves d'ouro com que se pretende transviar a opinião, fazendo imbelimentos á credulidade.

Eu peço perdão a casa de fallar deste modo, porque eu não sei senão fallar como sinto e como penso, e amigo de julgar dos factos pela observação delles, eu vejo me obrigado a ser um pouco discriptivo para poder ser comprehendido : eis que explicam estas imagens, estas comparações, de que eu fiz emprego, abuzando da attenção da casa, do que peço disculpa.

Mas, Sr. presidente, eu tenho de entrar agora n'uma parte para mim muito espinhosa. Eu supponho, que não póde ter passado desapercebida para esta casa, nem para o publico a sensação dolorosa, e dessa animadôra que trouxe a exposição feita pelo nobre deputado que me precedeu o Sr. Souza Reis, da maneira parcial, em muitos casos, de excesso, das arbitrariedades em outroada violencia confirmada em alguns do atropelo da lei, e finalmente da sua sofismação, (muito bem), o que tudo constitue a larga estrada por onde o excesso caminha de modo a apontar escada, que não serve senão para mostrar que ali, no alto della, se fez e se fez o sacrificio da lei !. (muito bem.)

Sr. presidente, no estado do direito se ensina que a lei é tão sagrada, como a forma e processo della pois a forma e o processo são as melhores garantias, e escudo da mesma lei. Não sei se estes principios serão verdadeiros.

O Sr. Souza Reis :—Perfeitamente.

O Sr. Francisco João :—Mas, Sr. presidente, se é assim, naquelles casos em que o governo excedeu o arbitrio marcado na lei, quanto a forma, de que se servio, quanto ao meio que empregou, não deixou de a infringir ; nos casos em que elle fez o contrario d'aquillo que a lei determinava, ahi a sua violação é mais flagrante, porque eu creio que neste caso o direito e a forma do direito foram ambos postos de parte. Agora quanto aos da sophismação, eu acho que este procedimento tambem é muito censuravel, porque a sophismação da lei é tão perniciosa, tão desmoralisadora, como a violação aberta della (apoiados)..,

Um Sr. deputado :—Mais desmoralisadora.

O Sr. Francisco João :—Ou como diz o nobre deputado, é ainda mais, por que é o fingido respeito, que se presta a lei, servindo a ludibria-la da mesma maneira, que serve a desanimar a verdadeira virtude o vicio da hypocrisia.

Póde alguem querer supor que eu exagero, que o que acabo de dizer é uma amplificação.

Os factos, como foram produzidos nesta casa despensão toda e qualquer amplificação, não carecendo de um só recurso, de um só artificio de linguagem, porque por si fallam muito alto.

Não fallará por ventura muito alto, Sr. presidente, o facto de haver o nobre administrador da provincia, (quero guardar sempre as conveniencia de trato civil) exorbitado gravemente quando sophismando a lei decide na mesma especie de modos variados, pela diversidade dos lugares, e dos interesses a que se dirige a sua decisão ? não é isto consternador ?

O Sr. Araujo Barros :—Sendo assim, de certo.

O Sr. Francisco João :—Foi demonstrado antes de mim por um dos melhores discutidores, que eu tenho visto discutir...

O Sr. Souza Reis :—Muito obrigado.

O Sr. Pinto de Campos :—Apoiado, tem o sangue frio...

O Sr. Francisco João :—E que invejo.

A respeito da guarda nacional, por exemplo. Os nobres deputados, que estão coridos com as idéas liberaes, que não podem de modo nenhum estar em opposição com as idéas da constituição, que não podem tão pouco ter em menospreço as prorogativas que respeitam a guarda nacional, essa guarda civica, que nada tem de pretoriana de palacio (apoiados) ; como deixavam passar desapercebido o que fez o distincto presidente da provincia em referencia sobre tudo, a Santo Antão e Nazareth ? Sr. presidente, eu supponho que, este facto, de que me vou occupar um pouco particularmente, merece tanta attenção desta casa, que não deve ficar esquecido. Verificado que o nobre presidente da provincia fez auto de fé publico da lei da guarda nacional, esta casa não deve conservar-se impassivel, nem indifferente. (apoiado muito bem). Verificado que nós revivemos, que transportamo-nos ao tempo dos autos de fé e de carochas fataes, que ainda ha sambenitos, que condemna irremessivelmente, uma providencia é precisa.

Eu me explico.

O nobre administrador da provincia suppõe-se com o direito de organisar a guarda nacional de Nazareth, sob fundamento de que ella não estava organisada. O nobre deputado o Sr. Souza Reis mostrou referindo-se á lei da guarda nacional, e tambem a avisos que existiam, avisos talvez um pouco originaes, que ainda admittidos ainda assim da comparação dos mesmos com a lei, não podia resultar o menor veslumbre de duvida de que não autorisavam a supposta organisação da guarda nacional.

O Sr. Silveira de Souza, em quem sou primeiro a reconhecer, um moço de talentos, um lente muito distincto, e a quem não venho aqui fazer epigrammas, não quiz fazer applicação deste seu talento na questão, de que se trata, porque o digno administrador da provincia fez abstracção da lei, foi além de tudo, isto é, exauturou de patentes passadas em nome do nosso augusto monarcha a officiaes, que se achavam em exercicio e gozo de suas patentes, exauturou-os sem forma alguma de processo...

O Sr. Luiz Felippe :—Quaes foram esses ?

O Sr. Francisco João :—... e quando reclamações respeitosas, nos termos de defferencia e conveniencia com que os subalternos devem representar ao superior, o desvio, que foi feito na lei, apezar da boa vontade de seu superior, quando tudo isto é assim guardado e admittido pelas nossas regras de governo. se diz :—Cumpra e depois represente—! O que o presidente mandou foi isto :—fazei prestar juramento a Pedro, Paulo, Sancho ou Martinho, como capitães, tenentes etc., embora essas companhias tenham capitães e tenentes, porque o que eu quero é pôr em duvida o direito delles, porque quando praticado este abuso, os outros o serão facilitados pela introducção da desordem.

O Sr. Luiz Felippe :—Leia os nomes dos officiaes exautourados.

O Sr. Francisco João (Lê alguns apontamentos, dos quaes o Sr. Luiz Felippe toma notas.)

Já vê o nobre deputado que alguns officiaes foram sacudidos de seus postos e substituidos por outros.

Um Sr. Deputado : — O capitão Francisco de Paula a quem sacudio para fóra ?

O Sr. Francisco João :—A ninguem, tanto que não fallei nelle ; o que se verifica a seu respeito é que não estava qualificado, e por isso não podia ser nomeado, o que é questão de outra ordem. Eu gosto de apreciar as cousas como ellas são.

Supponho, Sr. presidente, que a apreciação destes factos é de um interesse muito grande, porque põe a limpo transgressões desta ordem, a que não podemos ser indifferentes, como conservadores constitucionaes, e se bem não sejamos progressistas, queremos o respeito, o zelo á aquillo que já é objecto de zelo e de respeito entre nós, daquillo que se acha consagrado em nossas leis.

O Sr. Luiz Felippe :—Não é privilegio dos nobres deputados. Isso é palavrão.

O Sr. Francisco João : — Palavrão é todo esse encarecimento de aberturas de circulos de ferro... Eu quero o zelo da conservação, e dispenso o progresso, porque quero respeito ao cumprimento fiel do que é lei, visto que o progresso na lei suppõe excesso, suppõe exageração.

Um Sr. Deputado :—E' o *summum jus*

O Sr. Francisco João :—Tambem a respeito da guarda nacional de Santo Antão se deu facto identico, e eu devera talvez aprecia-lo miudamente, mas, um nobre deputado já o expôz, e a esse respeito nada acrescentarei.

Ainda a respeito de Santo Antão se deu um acontecimento que serve a despertar o interesse, a animação do homem ainda o mais frio, o mais impassivel, e até direi, egoista. Pois, Sr. presidente, não estimula receios no espirito de qualquer que preza seu direito, que preza sua posição, seu modo de viver tranquillamente, ver que da noite para o dia, como se diz vulgarmente, do pé para a mão, como tambem diz o povo, que se póde dar por morto um homem, que está vivo, e condemnar outro, que está innocente, e que causa estranheza quando é posto debaixo de luz um facto dessa natureza ? Se estranha aquillo, que se deveria applaudir e louvar, aquillo que devia ser incumbencia *ex-officio* do supremo administrador da policia publica ? Pois, senhores, quando se ergue a alguem o crime, e póde haver fa-

MUTILADO

cilidade para demonstrar ao publico que criminoso não ha, porque crime não houve, não será a justiça publica a primeira empenhada em proteger a innocencia, que pôde ser compromettida? E qual era o melhor meio se não fazer a exhibição do individuo, que se dizia assassinado, morto? Sr. presidente, se todos esses factos, se todos esses desvios não constituem desgoverno, não constituem perigo, a respeito do qual os supremos poderes publicos devem se pôr de sobre-aviso, então é o caso de dizer como o orador romano quando os Grachos perguntavam aonde haviam sedições. Quis tulerit Grachos de seditionibus querentes.

Ainda depois de tudo isto, aquelles que têm confessado todos esses factos, estranham e perguntam:—aonde estão as violações, aonde estão as infracções da lei? aonde estão aquelles que a tem calcado e conculcado? aonde estão aquelles contra os quaes se levantam gritos geraes de indignação? O' senhores! a resignação humana tem tambem limites além dos quaes não é dado ir, nem mesmo aos homens os mais temerarios.

Sr. presidente, eu não posso concluir sem occupar-me de um modo muito accidental da circular do distincto chefe de policia.

No feixe da discussão de hontem o distincto deputado, que me fica fronteiro, dizendo-lhe eu em aparte, que acreditava, que a circular continha disposições patriarchaes, disse-me que eu tinha jogado uma amenidade. Não, nisto não ha amenidade, é um modo de dizer, querendo qualificar a cousa como a cousa é, porque eu creio, que o governo dos patriarchas teve algumas cousas boas, uma dellas a de ser ameno, porque era governo de familia.

O Sr. Luiz Felippe:—Mas, não sei a que vem isto.

O Sr. Francisco João:—Eu digo ao nobre deputado. Parece que o Dr. chefe de policia intervem na sociedade, não como ministro da lei, mas como um verdadeiro patriarcha dos tempos primitivos, fazendo justiça por si, e decidindo, como decide o Cadi lá em Constantinopla (risadas) O Cadi em Constantinopla decide pelo alcorão, pelo seu bom senso e pelo seu coração, porque não ha legislação escripta. Ora, o chefe de policia, que é um moço que tem *excellente coração* decide entre nós, apezar de termos lei escripta, pelos preceitos patriarchaes, combinados e explicados pelo seu *bom coração*.

O Sr. Araujo Barros:—Faça favor de demonstrar isto.

O Sr. Francisco João:—Com prazer o satisfaço. A lei impõe penas a taes e taes factos, ou pelo menos põe taes e taes individuos, que os praticam debaixo da jurisdição e vigilancia da policia, não querendo que elles sejam largados de vista; o nobre chefe de policia manda que sejam estes os preferidos para as armas, que a estes seja entregue a segurança publica!

O nobre chefe de policia não gosta de mal casados: é cousa de *muito bom coração*. Que fez elle? Crea uma medida de corrigir os mal casados, apezar de estabelecer um risco, o de fazer passar as mulheres casadas do poder de uns para o de outros que não são seus maridos. Por exemplo, ha rapazes debaixo disposição ajustamse, denunciam que um terceiro é mal casado, fazem com que elle seja embarcado, e a mulher fica ahi á disposição não do seu marido, que estava no *uti possidetis*, mas a mercê do *prime capien is*.. (grande hilaridade, applausos).

O Sr. Luiz Felippe:—O assumpto merecia ser tratado mais seriamente.

O Sr. Souza Reis:—Ainda mais?

O Sr. Francisco João:—Não fui eu que me ri, foi o nobre deputado e os outros. (Risadas).

Mas, Sr. presidente, eu peço ao nobre deputado, que me attenda.

Neste modo de ver as cousas parece-me que ha uma permissão, que é deixada como desafogo ao espirito de todo o mundo na maneira de argumentar, de palestrar, se me permittem o termo, e nem por esta forma eu tive em vistas fazer uma offensa...

O Sr. Luiz Felippe:—Mas, creio, que isto não é casa para palestrar.

O Sr. Francisco João:—Palestra parlamentar; não é termo escolhido por mim, outros o teem empregado, e se diz palestra judiciaria, palestra litteraria etc. d'onde vê, que empreguei um termo conveniente.

O Sr. Luiz Felippe:—Mas o nobre deputado parece antes estar em palestra familiar.

O Sr. Souza Reis:—Isto é familiar?

O Sr. Luiz Felippe:—O estylo, que o nobre deputado tem usado denuncia uma palestra familiar.

O Sr. Francisco João:—Ora, supponha-se, Sr. presidente, que por um infortunio meu, eu homem do povo, que não posso ser perfeito, muito menos com as leis novas não escriptas, vivendo ainda na lei velha, que não sei dizer as cousas senão pelo antigo systema; isto é, fallar uma linguagem, que o povo aonde eu nasci, e d'onde sou, me entenda e me comprehenda bem; haverá nisso desvio ou perigo? Porventura, Sr. presidente, o direito de ser liberal é morgado? o direito de fallar linguagem, que o povo comprehenda, que todos nós comprehendamos, é morgado de alguem? Ahi é que eu digo, não consinto esse tal *uti ponidetis*, esse direito ha de ser dado a todos nós, filhos da mesma terra, aquecidos pelo mesmo sol (apoiados, muito bem.)

Mas, Sr. presidente, se eu fosse a manifestar á camara a effusão de todos os sentimentos, que borbulham em meu peito, de todas as idéas, que em torvelinho se agitam em meu pensamento, eu não sei aonde hiria, não sei, não comprehendo bem o extremo até aonde as vezes a energia do pensamento guiaria a expressão. O que é verdade Sr. presidente, o que deve servir de conselho, de aviso prudencial ao presidente desta provincia, é que de erro em erro, como vai, de desvio em desvio, e de aberração em aberração, se prepara uma conjunctura, em que haverá perigo para a tranquillidade deste paiz, para a sua prosperidade, para seu engrandecimento, e apenas proveito para aquelle que no meio de toda essa luta e nesse xadrez politico jogarem, tendo sómente arriscado a sua primeira parada (applausos).

Eu sei, Sr. presidente, que não tenho o direito, que é concedido a cabeças privilegiadas, em que sentilha celeste foi infundida para a governação publica; mas, se deixo certamente direito aos mais habilitados, se sou o primeiro a reconhecer a minha insufficiencia pessoal (não apoiados), não me considero privado, se bem que pouco tenha aprofundado os estados, que tenho tido, se bem que possa estar sob a influencia de idéas erroneas e menos exactas; não estou tolhido, repito, de bradar quando o abuso deva ser denunciado, de apontar o perigo quando elle possa ser advertido, e é isto o que eu acabo de fazer.

O Sr. Barão de Vera Cruz:—E o tem feito muito bem (apoiados).

O Sr. Francisco João:—Sr. presidente, eu temo que um dia se possa encontrar nos fastos da nossa historia provincial alguma cousa de bem desagradavel, porque eu temo que o fogo roubado dos céos por Prometheu, ou o carro do sol guiado por algum novo Hypolito, corra ligeiro e precipitado, e mãos menos prudentes façam errar sua carreira, deixando-nos as trevas e o cahos. Eu temo ainda tudo isto, porque vejo que uma administração de outros tempos, que ainda hoje é apontada como o painel de recordações tristes de um passado que foi ensanguentado para esta terra, não sirva de exemplo, não seja aproveitado como lição. (Apoiados.)

A quadra era outra, as circumstancias eram diversas, e entretanto, não se procedia muito differentemente de agora.

E quando, Sr. presidente, a provincia está em calma, quando todos se podem olhar, se pedem ver, plantar o excitamento das paixões.... não é demasiada imprudencia?

Eu creio, que quem dessimina ventos não póde senão colher tempestades.

O Sr. Pinto de Campos:—Apoiado: são palavras do propheta Ozéas.

O Sr. Francisco João:—São palavras que as sagradas letras nos denunciam pelos seus nuncios de verdade, pelos seus prophetas; não é muito que eu faça applicação dellas, não é muito que eu as faça lembrada aos guardas da nossa lei sagrada, em occasião que eu supponho proxima de perigo.

Portanto, Sr. presidente, eu concluo dizendo, que, assim como nesses tempos a que eu quiz fazer referencia, a desgraça se deu, e a desgraça trouxe como resultado ensanguentar uma provincia importante, e gerar odios, que hoje estão extinctos, graças á generosidade do partido, que se chamava e se chama conservador, assim tambem para o futuro se iguaes desvios de opinião, se iguaes perigos forem creados, embora repressão da mesma ordem possa ser exercida, embora iguaes scenas se venham a reproduzir, manifestar-se-hão os mesmos sentimentos desse partido conservador de então, conservador de hoje, conservador para todo o sempre.

(Apoiados, muito bem, muito bem. O orador é comprimentado por muitos senhores deputados.)

O Sr. Araujo Barros não devolveu seu discurso.

Tendo dado a hora fica a discussão adiada.

O Sr. Presidente designa a ordem do dia e levanta a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE MARÇO DE 1863.

Presidencia do Sr. Visconde de Camaragibe.

Ao meio dia, feita a chamada, achando-se presentes 19 senhores deputados.

Abre-se a sessão.

Lida a acta da sessão anterior é approvada.

O Sr. primeiro secretario dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE.

Um requerimento de Salvador Henriques de Albuquerque, pedindo reparação do prejuizo que actualmente soffre nos seus vencimentos como secretario da instrucção publica.—A' commissão de ordenados.

Outro de Innocencio da Cruz Cordeiro, pedindo novamente o abate da quinta parte do valor da arrematação do imposto de 1$000 sobre cada cabeça de gado.—A' commissão de orçamento provincial.

Um officio da camera municipal de Baique remettendo o seu projecto de posturas.—A' commissão de negocios de camaras.

(*Continuar-se ha.*)

REVISTA DIARIA

Encerrou-se hontem a segunda discussão do projecto fixando a força policial, na assembléa, o qual foi approvado para passar á terceira.

Em seguida orou o Sr. Souza Reis, sobre as posturas municipaes da camara do Recife, que tratam do contrato Cambronne; cuja materia ficou adiada, á requerimento do Sr. Aguiar.

A ordem do dia de hoje é 1ª discussão do projecto n. 4 2ª do orçamento n. 2 e 3ª do de n. 1 do corrente anno.

— Pelo delegado de Goyanna foi preso Jesuino Pereira de Farias, conhecido por *Buié*, como assassino de um mascate em Nazareth, em 1850.

— Pelo de Nazareth foram presos: Alexandre Barbosa da Silva, pronunciado em tentativa de morte desde 1853, e João Jacintho Cardoso, por crime semelhante, praticado na comarca de Páo d'Alho.

— Hoje se extrahirá a terceira parte da terceira loteria do Gymnasio Pernambucano, 3.ª concessão.

— De Garanhuns dizem-nos, em 19 do corrente:

« Seguindo em uma das ultimas noites passadas em diligencia um grupo de paisanos para effectuarem uma prisão por ordem do subdelegado desta villa José de Barros Silva, um desses paisanos, que era filho do finado José Ferreira de Araujo, e casado com a filha de Joaquim José de Araujo, inspector de quarteirão; cahio morto com as entranhas todas derramadas. Consta que esse infeliz moço, tendo nas mãos uma pistola, cujas molas elle havia preparado como para desfecharem; por tal inadvertencia, ao descançar a arma no cinturão, houve a explosão que o matou instantaneamente.

« Por cartas hoje recebidas do Bom Conselho, em data de hontem a epidemia ali reinante vai declinando. »

— Do Bom Conselho escrevem-nos em datas de 17 do corrente o seguinte:

« Continúa o cholera a devastar este infeliz termo e emquanto se não destruir as causas que abundam e que logo se apreciam á golpe de vista, principalmente nesta villa, o maldito *Judeu Errante* não se affastará de Papacaça: ainda hontem, não obstante o prudentissimo conselho de V., houve procissão, a qual recolheu-se quasi ás 10 horas, e note-se que a tarde chaveu e a noite estava muito fria e humida: o numero das victimas excede a mil e quatrocentas.

— De outra pessoa que ali está em caracter official:

« Por ora vou sem novidade; o cholera fez declinação; á dous dias que não ha casos novos por quasi todos os lugares affectados. »

— No dia 24 do corrente procedeu a sociedade academica—*Atheneu Pernambucano*,—á eleição de sua nova mesa administrativa, que ficou assim organisada:

Presidente honorario, Dr. José Antonio de Figueiredo.
Dito effectivo, João José de Monte Junior.
Vice-dito, Ernesto Botelho de Andrade.
Primeiro secretario, Antonio Pinto Nogueira Accioli.
Segundo dito, Luiz Antonio Ferreira Souto.
Orador, Francisco Antonio Filgueiras Sobrinho.
Adjunto, Antonio Joaquim de Souza Peraizo.
Thesoureiro, Antonio Pires Ferreira Filho.

— Passageiro do hiate brasileiro *Jaguaribe*, vindo do Assú: Severino José Pereira.

— Passageiro do hiate brasileiro *Invencivel*, sahido para o Aracaty: Balduino Ramos Ferreira Chaves.

— Movimento da casa de detenção no dia 26 do corrente.

Existiam	423	presos.
Entraram	6	»
Sahiram	18	»
Existem	414	»

A saber:

Nacionaes	305
Estrangeiros	35
Mulheres	5
Estrangeiras	2
Escravos	60
Escravas	7
Total	414

Alimentados á custa dos cofres publicos.......... 164

— Movimento da enfermaria no dia 27 de março de 1863.

Tiveram baixa:
Felippe Vieira Santiago, intermittente.
João Roberto de Sant Anna, idem.
Joaquim Gomes de Moura, idem.
Januario Pessoa da Silva, indigestão.
Manoel Ribeiro da Silva P., caryngite.

— OBITUARIO DO DIA 27 DE MARÇO NO CEMITERIO PUBLICO:

Maria, Pernambuco, 8 dias, Santo Antonio; espasmo.
Francelina, Pernambuco, 11 mezes Santo Antonio, dentição.
Felippe Duarte Santiago, Pernambuco, 80 annos, casado, Boa-Vista; bexigas.
Felicia, Africa, 70 annos, solteira, escrava, S. José; diarrhea.
Antonio de tal, Pernambuco, 25 annos, solteiro, Santo Antonio; febre amarella.
Joaquim, Pernambuco, 7 mezes, S. José; convulsões.

CHRONICA JUDICIARIA.

Tribunal do commercio.

SESSÃO ADMINISTRATIVA EM 26 DE MARÇO DE 1863.

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR SOUZA.

As 10 horas da manhãa o Sr. presidente declarou aberta a sessão, estando presentes os Srs. deputados Rego, Lemos, Malveira e Rosa.

EXPEDIENTE.

Foi presente a cotação official dos preços correntes da praça, da ultima semana. — Archive-se.

DESPACHOS.

Um requerimento de João Carlos Bastos de Oliveira, pedindo o registro de uma escriptura de hypotheca que ajunta.—Como requer.

Outro de Izidoro Bastos de Oliveira, Francisco Gonçalves Netto e José Joaquim Moreira, pedindo o registro do seu contrato social.—Satisfaça o parecer fiscal.

Outro de Valle Porto & Companhia, no mesmo sentido.—O mesmo despacho.

Outro de Joaquim da Fonseca Barbosa e Porfirio do Amaral Gurgel, no mesmo sentido. — Igual despacho.

Outro de Joaquim da Fonseca Barbosa e José Francisco Barbosa, pedindo matricular-se.—O mesmo.

Outro de Antonio Gomes de Oliveira, Joaquim Moreira de Sampaio e José Baptista Braga, pedindo o mesmo.—Igual despacho.

Outro de José Bernardo Galvão Alcoforado, pedindo o registro de uma procuração. — Registre-se.

Nada mais houve.

SESSÃO JUDICIARIA EM 26 DE MARÇO DE 1863.

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR SOUZA.

Secretario, Julio Guimarães.

A meia hora da tarde, o Exm. Sr. presidente abrio a sessão, estando presentes os senhores desembargadores Villares, Silva Guimarães, Lourenço Santiago, e Accioli, e os senhores deputados Rego, Lemos, Rosa e Malveira.

Lida, foi approvada a acta da sessão anterior.

JULGAMENTOS.

Appellantes, Almeida & Cajé; appellado, Joaquim Antonio da Silva.

Foi reformada a sentença appellada.

Appellante, o coronel Gaspar de Menezes Vasconcellos de Drummond; appellados, a viuva e herdeiros de João Henriques da Silva.

Foi confirmada a sentença appellada.

Appellante, José Joaquim da Cunha; appellados Tisset Frères.

Pendente por embargos — desprezaram-se.

Appellante, Bento José da Costa; appellado, os administradores da massa fallida de Andrade & Leal.

Pendente por embargos — receberam-se, para se reformar o accordão.

DESIGNAÇÃO DE DIA.

Appellante, José Antonio Ferrão de Figueiredo; appellados, Henry Forster & Companhia.

Designado o primeiro dia util.

Appellante, Antonio de Siqueira Cavalcanti; appellados, Francisco de Paula Carneiro Leão e Estevão José Paes Barreto.

Designado o primeiro dia util.

PASSAGENS.

Appellantes, D. Maria do Carmo Gonçalves de Oliveira, viuva de Manoel Antonio dos Passos, por si e como tutora de seus filhos e o Dr. curador geral; appellados, Isaac, Curio & C.

Do Sr. desembargador Silva Guimarães ao Sr. desembargador Villares.

DISTRIBUIÇÕES.

Appellante, D. Joanna Maria das Dôres; appellado, Antonio José Conrado, successor de Julio & Conrado.

Appellante, Joaquim Antonio Rodrigues; appellados, os curadores fiscaes da massa fallida de Joaquim Francisco de Mello.

Appellante, José Baptista da Fonseca Junior; appellado, José Duarte das Neves.

Appellante, Antonio Pereira de Carvalho Guimarães; appellados, os administradores da massa fallida de João José de Gouveia.

Recorrente, Ignacio Ribeiro Chaves; recorridos, os administradores da massa fallida de A. S. Levy.

Ao Sr. desembargador Villares.

Appellantes, Robbe Schamettau & Companhia; appellado, D. Maria Rita da Cruz Neves.

Appellante, Manoel Alves Ferreira; appellado, Fernando Francisco de Aguiar Montarroyos.

Appellante, Fernando Francisco de Aguiar Montarroyos; appellado, Manoel Alves Ferreira.

Ao Sr. desembargador Silva Guimarães.

AGGRAVOS.

Aggravantes, Lourenço Pereira da Silva Pimentel e o Dr. João da Silva Ramos; aggravado, José Marques dos Santos Aguiar.

Aggravantes, Custodio Rodrigues Vieira e Antonio Rodrigues Fernandes Vieira; aggravado, Thomaz de Faria.

O Exm. Sr. presidente negou provimento.

Aggravantes, a viuva e herdeiros de João Evangelista da Costa e Silva; aggravado, Domingos José da Cunha Lages.

O Exm. Sr. presidente deu provimento.

Não havendo mais que tratar-se o Sr. presidente encerrou a sessão as 3½ horas.

Correspondencias

Srs. redactores.—Não quero deixar sob o véo do esquecimento um facto importante para mim, cuja publicidade o reconhecimento me faz não deixar olvidar, e principalmente porque é uso inveterado mostrar-se ao publico agradecido aquelle que á outro deve seu bem estar. E' um dever imperioso a conservação da propria existencia, é um facto incontestavel a morte do corpo com a separação do espirito; são proposições heterogeneas, mas de facil intuição é difficil manter a vida, e facil termina-la; vida e morte eis o enygma da creação; decifra lo, só podem os felizes, presencia-lo, todos os viventes. Se ao homem é impossivel sempre viver, é possivel viver tempo bastante para completar seu tirocinio nesta vida; mas entregue a seus proprios recursos poderá elle em todas as circumstancias isto conseguir? Não: tantos são os elementos que o cercam, tantas outras poderosas forças de destruição para o organismo, e infeliz delle senão fôra a sciencia, que põe um fragil paradeiro a esta pertinaz perseguição.

Srs. redactores, é um panegyrico a homeopathia, que quero aqui traçar, é o sentimento da gratidão, que quero perpetuar a homeopathia, esta filha do Hamnemen, rica de experiencias, a perfeição da medicina, incomprehensivel para quem não quer confessar sua sublimidade, experimentar a efficacia de seus remedios [illegible] cia, que obram directamente sobre o principio vital, e só indirectamente aproveitam ao organismo, e convencer-se de seu axioma—similia similibus curantur,—fez-me um grande bem. Mas, esquecia-me, Srs. redactores, não foi a homeopathia, foi o illustre Sr. Dr. Sabino, o propagador da homeopathia no norte do imperio, que fez-me um bem, que o ouro não paga, toda gratidão é pouca, e mal se avalia; emfim deu-me a saúde, esta pedra preciosa da existencia. Eis o facto: por uma vida sedentaria, a que me impuz, e certos factos que actuaram em meu espirito, vi-me justamente ha dous annos reduzido a um estado bem lamentavel; uma inflammação no estomago, difficeis e custosas digestões me torturavam; a cabeça soffria, meu systema nervoso excitou-se em extremo, até mesmo o encephalo soffrendo abateu me o espirito; seis dias passamos, que desconfiavamos de todos, e de tudo, até dos proprios medicos: soffriamos tanto, que não podemos dizer. Felizmente o medico que me tratou, foi o Sr. Dr. Sabino; ao ver-me, animou-me, e entrei em tratamento; este foi longo, a cura só depois de muitos mezes se tornou effectiva, duvidamos algum tempo della; mas, sem muita demora me convenci de sua realidade, hoje traço estas linhas já um pouco tarde; mas, exprimem ellas o symbolo da gratidão, que devo ao Sr. Dr. Sabino, e o eterno agradecimento que lhe voto, é só o que ambiciono: é mais uma minguada florzinha unida a grinalda de flores colhida pelo Sr. Dr. Sabino no caminho espinhoso de sua grande clinica; é mais uma prova de sua alta intelligencia, e conhecimentos technicos da medicina.

Resta-me pedir-lhe perdão da franqueza com que fallo de sua pessoa, ficando certo de que é ella a fiel traducção de meus sentimentos.

Recife, 25 de março de 1863.

Mileno de Torres Baudeira.

Srs. redactores do *Diario de Pernambuco*.—A questão « Carolino, » suscitada por mim em seu *Diario* de 21 do corrente, appareceu hoje na sua Revista, por meio de um informante, nesse terreno eu não a posso tratar; grave e importante, como ella é, entendi que o Dr. Carolino não pode eximir-se de aceitar sua discussão e apreciação, dispensando padrinhos. Protesto contra a apreciação dessa questão feita pelo informante e impressa em sua Revista de hoje; protesto igualmente contra a falsidade que no mesmo artigo de hoje se lê, de haver eu pago ao Dr. Carolino com a minha carta cujos topicos fez publicar, pois, que lhe paguei com o dinheiro cujo recibo tenho. Peço ao Dr. Carolino que por sua honra publique a minha carta de que tirou os topicos referidos, e tambem publique o meu convite para esta questão datado em 17 de fevereiro, proximo findo e alludido em minha carta de antes de hontem.

Agradeço pelo amor de Deos ao mesmo doutor dizer, que eu sou assignatario de 4 toscas linhas cuja confecção está ao alcance de meninos de escola, e lhe agradeço tambem suppor, que na minha carta de 20 do corrente, publicada sabbado, eu o insultei: tambem lhe agradeço o reparo que fez de escrever eu urina em lugar de ourina. Com estas ninharias S. S. não desvia a questão; a de que se trata é se elle, e Dr. Carolino Francisco de Lima Santos costuma em seu tratamento aos doentes prolongar as dores destes por interesse de dinheiro; é disto de que se trata, e sou eu quem procura isto verificar. Se parecer a S. S. iremos para os tribunaes do paiz.

Com a publicação destas linhas, senhores redactores, muito grato deixarão VV. Ss., ao seu amigo e assignante

Joaquim Marinho Cavalcanti de Albuquerque.

Sua casa 23 de março de 1863.

Ss. redactores.—Tomo a liberdade de chamar a attenção do Sr. chefe de policia da provincia para certa occorrencia, que acaba de ter lugar neste termo e que terá resultados desagradaveis se não houver prudencia.

Havendo nesta povoação uma pequena escola de musica instrumental em que se acham matriculados diversos mancebos dedicados a este sublime arte, que tanto concorre para adoçar os costumes e suavisar os tedios e dissabores da vida humana, mormente nestes centros onde as diversões são quasi nenhumas, sucede, com surpreza de todos que o delegado deste termo capitão Manoel do Nascimento Azevedo, por motivos que se não comprehendem, ou que são altamente futeis, mandou prohibir formalmente os exercicios musicaes, que em abono da verdade tem sido feitos na melhor ordem possivel, sem que até o presente houvesse o menor motivo ou pretexto a que a autoridade publica viesse intervir.

Este acto arbitrario, direi mesmo imprudente, do Sr. capitão Azevedo tem indignado bastante a população e receio com todo o fundamento que, no caso de reincidencia da prohibição, haja reacção rigorosa contra semelhante desatino. E como pode ser que o Sr. chefe de policia, sabendo do occorrido, procure prevenir desaguisados no futuro, chamarei seus cuidados para este facto, e lhe pedirei que recommende ao seu delegado Azevedo que seja mais pontual em perseguir os criminosos do que em metter-se em cousas superiores á sua jurisdicção.

Não se formam partidos com arbitrios e desmandos, muito especialmente neste termo, onde todas as tentativas em favor da *liga* serão baldadas, a menos que queiram converter este bello territorio n'um theatro de perseguições e atrocidades.

Um dos aprendizes.

Baixa-verde 11 de março de 1863.

Srs. redactores.

Constando-me que meu irmão Augusto Cesar da Cunha puzera em duvida de que fosse minha a correspondencia publicada no *Diario de Pernambuco* de 26 do passado em defeza do meu bom amigo e Exm. Sr. conego Joaquim Pinto de Campos, apresso-me em fazer sentir ao respeitavel publico que a correspondencia é minha com todos os pontos e virgulas, assim como declaro solemnemente que em abono de tão generoso amigo estou prompto a deffende-lo com todas as minhas forças até o ultimo recurso que possa haver.

Me prezo de homem civilisado e como tal não posso deixar de confessar-me sempre grato a quem sem conhecer-me pessoalmente deffendeu-me de nefandas accusações. Peço a todos os homens de brio que se colloquem na minha posição. Eu seria emfim muito indigno da sociedade se negasse justiça a quem tanto a merece e se me recusasse a dar provas de que sou eternamente grato ao Exm. Sr. conego Joaquim Pinto de Campos.

Constou-me mais que o mesmo meu irmão ou alguem por elle com vistas de derramar a intriga entre mim e o Sr. Pinto de Campos, procura mandar reimprimir a correspondencia que foi outr'ora publicada contra meu honrado tio por um irmão do Exm. Sr. conego, e desde já declaro se tal infamia se praticar, eu, e os meus parentes a attribuiremos ao meu louco irmão ou a algum dos seus insufladores.

Villa de Tacaratú 20 de março de 1863.

Francisco Vicente da Cunha Valpasso.

Publicações á pedido

A florida e odorifera fragrancia

que se exhale e diffunde da balsamica e deliciosa agua de florida de Murray & Lanman, é de todos os perfumes o mais delicado e mimoso.

No proprio paiz florido aonde ellas nascem e florecem, e d'onde o seu material é derivado, as proprias flores ellas mesmas, não derramam uma fragrancia mais delicada e doce. Além disso as suas qualidades são tão saudaveis, tão vivificantes, tão refrigerantes e aprasiveis; servindo como por um magico encanto, á alliviar as dores de cabeça e fadiga, servindo do mais suave e agradavel refrigerio ao espirito.

Derramei umas poucas de gotas no vosso banho, e lavar-vos heis n'uma pura e liquida fragrancia de flores de mais delicado e fino perfume.

Nenhuma outra essencia odorifera ou extracto, chega a reter a metade de sua fragrante força ou de sua superior suavidade. As senhoras a usam n'um estado diluido para a purificação e conservação dos dentes, e os senhores da mesma forma a usam como agradavel refrigerante para depois do fazer da barba. Ella tem-se tornado um necessario e verdadeiro luxo primario do toucador, para o que, a moda e o grande tom lhe outorgou e affixou o seu imperial selo; e por isso poder se-ha encontrar em todas as principaes lojas de perfumarias e estabelecimentos de drogas.

COMMERCIO

NOVO BANCO DE Pernambuco.

O banco paga o decimo dividendo na razão de 10$ por acção.

Alfandega

Rendimento do dia 1 a 26		434:738$844
Idem do dia 27		18:964$485
		453:703$329
Volumes entrados com fazendas	64	
« « com generos	119	183
Volumes sahidos com fazendas	68	
« « com generos	362	430

Descarregam no dia 28 de março.

Barca ingleza—Seraphine—mercadorias.
Lugre inglez—N. E. V. A.—idem.
Barca ingleza—Eleonor—carvão.
Barca ingleza—Isabella Hunter—carvão.
Barca ingleza—Miranda—idem.
Brigue inglez—Scotia—bacalhão.
Brigue francez—Assumption—sal.
Brigue italiano—Josepino—farinha de trigo.
Barca ingleza—Blue Jackets—idem.
Sumaca hespanhola—União—vinhos.

Importação.

Barca ingleza *Blue Facket*, vinda de New-Yorck, consignada a Henry Forster & C., manifestou o seguinte:

2,983 barricas farinha de trigo, 8 barris dinheiro; aos mesmos.

1 caixa fumo; á E. da C. Medeiros.

Barca ingleza *Traveller*, vinda de New-Yorck, consignada a Phipps Brothers & C., manifestou o seguinte:

2,896 barricas e 200 meias farinha de trigo; aos mesmos.

Brigue inglez *Scottia*, vindo de Terra-Nova, consignado a Johnston Pater & C., manifestou o seguinte:

2,384 barricas bacalhão; aos mesmos.

Patacho inglez «Isabella Hunter,» vindo de Leith, consignado a Johnston Pater & C., manifestou o seguinte:

201 toneladas e 15 quintaes de carvão de pedra; aos mesmos.

Barca ingleza «Miranda,» vinda de Liverpool, consignada a Johnston Pater & C., manifestou o seguinte:

400 toneladas de carvão de pedra.

Escuna hespanhola «União,» vinda de Barcelona, consignada a Johnston Pater, manifestou o seguinte:

138 pipas, 6 meias ditas, 185 barris vinho; aos mesmos.

Barca ingleza «Eleonor,» vinda de Cardiff, consignada a Saunders Brothers & C., manifestou o seguinte:

400 toneladas de carvão de pedra; aos mesmos.

Brigue nacional «Mensageiro,» vindo do Rio Grande do Sul, consignado a Miguel José Alves, manifestou o seguinte:

8,240 arrobas de carne de charque, 201 de graxa em bexigas, 30 couros vaccuns; a ordem.

4,312 arrobas de carne de charque, 20 couros vaccuns de refugo e 420 caixas de velas de sebo; a ordem.

1,500 resteas de cebolas; a Miguel José Alves.

Exportação

19 de março.

Brigue inglez *Margaret*, para Liverpool, carregaram:

N. O. Bieber & C., 99 saccos com 535 arrobas e 14 libras de algodão.

Henry Forster & C, 135 saccos com 676 arrobas e 8 libras de dito.

Paton Nash & C., 112 saccos com 587 arrobas e 30 libras de dito.

Tasso & Irmãos, 60 saccos com 287 arrobas e 18 libras de dito.

Perente Vianna & C, 31 saccos com 207 arrobas e 22 libras de dito

Brigue francez *Parahiba*, para o Havre, carregaram:

Tisset frères, 101 couros seccos com 2,797 libras.

Brigue hespanhol *Thimoteo* I, para Barcelona, carregaram:

Tasso Irmãos, 100 saccos com 450 arrobas e 10 libras de algodão.

N. O. Bieber & C., 252 saccos com 1,327 arrobas e 24 libras de algodão.

Brigue portuguez *Laia* II, para Lisboa, carregaram:

Amorim & Irmãos, 660 saccos com 3,300 arrobas de assucar.

Custodio José Alves Guimarães, 100 saccos com 500 arrobas de assucar.

Euzebio Raphael Rabello, 550 saccos com 2,750 arrobas de assucar.

Brigue portuguez *Minho*, para o Porto, carregou:

Thomaz d'Aquino Fonseca Junior, 560 saccos com 2,800 arrobas de assucar.

Brigue portuguez *Maria Hellena*, para a Costa d'Africa, carregaram:

Antonio Luiz de Oliveira Azevedo & C., 50 pipas com 9,200 medidas de caxaça.

Patacho nacional *Jacuhy*, para o Rio da Prata, carregaram:

Marques Barros & C., 30 pipas com 5,550 medidas de caxaça.

— 20 —

Barca ingleza *Margaret*, para Liverpool, carregaram:

Tasso Irmãos, 21 saccos com 119 arrobas e 12 libras de algodão.

Henry Forster & C., 17 saccos com 72 arrobas e 20 libras de dito.

Brigue francez *Parahiba*, para o Havre carregaram:

Tisset freres, 375 couros seccos salgados com 10,653 libras.

E. A. Burle & C., 400 couros salgados seccos com 12,334 libras.

Brigue hespanhol *Thimoteo*, para Barcelona, carregaram:

N. O. Bieber & C., 20 saccos com 112 arrobas e 6 libras de algodão.

Brigue portuguez *Laia II*, para Lisboa, carregaram:

José Velloso Soares & Filho, 1 barriquinha com 4 arrobas e 9 libras de assucar.

Sebastião Antonio dos Santos, 10 barriquinhas com 49 arrobas e 18 libras de assucar.

Euzebio R. Rabello, 500 saccos com 2,500 arrobas de assucar.

Brigue portuguez *Maria Hellena*, para a Costa d'Africa, carregaram:

Antonio Luiz de Oliveira Azevedo & C., 35 pipas e 100 barris com 10,040 medidas de caxaça.

Brigue portuguez *Minho*, para o Porto, carregou:

Francisco Ferreira Mais, 1 barrica com 3 arrobas de assucar.

— 21 —

Barca ingleza *Margaret*, para Liverpool, carregaram:

Kalkmam Irmãos & C., 146 saccos com 699 arrobas e 10 libras de algodão.

E. A. Burle & C., 40 saccos com 116 arrobas e 26 libras de dito.

Saunders Brothers, & C., 56 saccos com 273 arrobas e 4 libras de algodão, e 1 barrica com 7 arrobas de assucar.

Barca franceza *Parahiba*, para o Havre, carregaram:

Linden Wild & C., 1 sacco com 4 arrobas e 2 libras de café.

Patacho americano *J. C. Coale*, para Philadelphia, carregaram:

Henry Forster & C., 1,752 couros seccos salgados com 52,324 libras.

Barca hespanhola *Thimoteo* I, para Barcelona, carregaram:

Tasso & Irmãos, 38 saccos com 223 arrobas e 20 libras de algodão.

Manoel Gonçalves da Silva, 2 barricas com 14 arrobas e 18 libras de assucar.

— 23 —

Lugre inglez *Edith*, para Liverpool, carregaram:

Augusto Muniz Machado, 900 arrobas de ossos.

Wilson & Heitz, 600 saccos com 3:000 arrobas de assucar.

Brigue inglez *Margaret*, para Liverpool, carregaram:

Saunders Brothers & C., 33 saccos com 192 arrobas de algodão.

Kalkmam Irmãos & C., 6 saccos com 32 arrobas e 22 libras de dito.

Barca franceza *Colligny*, para o Havre, carregaram:

Tisset Freres, 50 saccos com 256 arrobas e 24 libras de algodão.

F. Sauvage & C., 60 saccos com 294 arrobas e 24 libras de algodão.

Sumaca hespanhola *Ardilla*, para Barcelona, carregaram:

Aranaga Hijo & C. 100 saccos com 536 arrobas e 14 libras de algodão.

Robe Schmettau & C., 93 saccos com 435 arrobas de dito.

Brigue hespanhol *Thimateo*, I, para Barcelona, carregaram:

N. O. Bieber & C., 64 saccos com 295 arrobas e 22 libras de algodão.

Tasso & Irmão, 80 saccos com 389 arrobas e 8 libras de dito.

Brigue portuguez *Maria Hellena*, para a Costa d'Africa, carregaram:

Antonio Luiz de Oliveira Azevedo & C., 47 pipas e 20 meias, e 5 barris com 10,440 medidas caxaça.

Brigue portuguez *Minho*, para o Porto, carregou:

Thomaz d'Aquino Fonseca Junior, 20 barris com 660 medidas de mel.

Brigue portuguez *Laia* II, para Lisboa, carregaram:

Euzebio Raphael Rabello, 300 saccos com 1,500 arrobas de assucar.

Patacho nacional *Jacuhy*, para o Rio da Prata, carregaram:

Francisco Augusto da Costa Gonçalves, 200 barricas com 1,563 arrobas e 18 libras de assucar.

Viuva Maria & Filhos, 300 barricas com 2,299 arrobas e 20 libras de algodão.

— 24 —

Barca franceza *Coligny*, para o Havre, carregaram:

Tisset freres, 1,135 couros verdes com 61,514 libras.

E. A. Burle & C., 400 couros salgados com 12,500 libras.

Brigue portuguez *Maria Helena*, para a Costa d'Africa, carregaram:

Antonio Luiz de Oliveira Azevedo & C., 3 pipas e 82 barris com 3,492 medidas de caxaça.

Brigue portuguez *Minho*, para o Porto, carregaram:

Thomaz de Aquino Fonseca Junior, 550 saccos com 2,750 arrobas de assucar.

Manoel Teixeira Bastos, 100 saccos com 500 arrobas de assucar.

Manoel Martins M., 100 saccos com 500 arrobas de dito.

Barca portugueza *S. Miguel* II, para o Porto, carregaram:

Manoel Joaquim Ramos e Silva, 600 saccos com 3,000 arrobas de assucar.

Brigue hespanhol *Themoteo* I. para Barcelona, carregaram:

N. O. Bieber & C., 10 saccos com 48 arrobas e 10 libras de algodão.

Patacho nacional *Jacuhy*, para os portos do Rio da Prata, carregaram:

Rodrigues & Nunes, 500 barricas com 3,180 arrobas e 18 libras de assucar.

Recebedoria de rendas internas geraes de Pernambuco.

Rendimento do dia 1 a 26	42:959$320
Idem do dia 27	869$308
	43:828$628

Consulado provincial

Rendimento do dia 1 a 26	67:842$627
Idem do dia 27	3:288$273
	71:130$900

Movimento do porto

Navios entrados no dia 27.

Assú—11 dias, hiate brasileiro «Jaguaribe», de 88 toneladas, capitão Pedro José Francisco, equipagem 7, carga sal, palha e outros generos; a J. G. Malveira.

Navios sahidos no mesmo dia.

Aracaty—Hiate brasileiro «Invencivel», capitão José Joaquim Alves da Silva, carga differentes generos.

Rio de Janeiro—Barca ingleza «Traveller», capitão Randler, carga parte da que trouxe de New York.

Rio Grande do Sul—Barca brasileira «Ligeira», capitão Hermogenes Hyppolito da Fonseca, carga assucar e aguardente.

Editaes.

O Dr. Agostinho Ermelino de Leão, cavalleiro da ordem de Christo e juiz municipal e provedor do termo de Olinda, por S. M. Imperial e constitucional que Deus guarde, etc.

Faço saber que no dia 28 do corrente, pelas 10 horas da manhãa, se ha de arrematar um cavallo, considerado bem do evento, a quem maior lanço offerecer sobre a quantia de 50$, por quanto foi avaliado, visto não ter apparecido quem o reclamasse; cuja arrematação terá lugar a porta da casa da residencia deste juizo, e para que chegue ao conhecimento de todos mandei passar o presente que será publicado pelo jornal e affixado no lugar publico do costume.

Dado e passado nesta cidade de Olinda, sob meu signal e sello deste juizo, valendo sem sello ex-causa, aos 23 de março de 1863.

Eu, Francisco das Chagas Cavalcanti Pessoa, escrivão o subscrevi. — Agostinho Ermelino de Leão. Ao sello trezentos réis. Valha sem sello ex-causa.—A. E. de Leão.

O Dr. Tristão de Alencar Araripe, official da imperial ordem da Rosa, e juiz de direito especial do commercio desta cidade do Recife, capital da provincia de Pernambuco e seu termo, por S. M. I. e constitucional o Senhor D. Pedro II, á quem Deus guarde, etc.

Faço saber aos que o presente edital virem e delle noticia tiverem que no dia 27 de abril do corrente anno, se ha de arramatar por venda a quem mais der em praça publica deste juiz na sala das audiencias o seguinte:

Um escravo de nome Guilherme, de 13 annos de idade, avaliado em 500$000 e outro de nome Dornellas de 15 annos de idade, avaliado por 600$000 os quaes foram penhorados por execução de Antonio José Conrado contra Manoel do Rego Barros.

E não havendo lançador que cobra o preço da avaliação, a arrematação será feita pelo valor da adjudicação com o abatimento da lei.

E para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar editaes que serão publicados pela imprensa e affixados nos lugares do costume.

Recife, 20 de março do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de 1863, 42º da independencia e do imperio do Brasil.

Eu Manoel Maria Rodrigues do Nascimento, escrivão, o subscrevi.

Tristão de Alencar Araripe.

Declarações.

Santa Casa da Misericordia do Recife.

A Illustrissima junta administrativa da Santa Casa de Misericordia do Recife manda fazer publico que no dia 4 de abril proximo futuro, na sala de suas sessões, pelas 4 horas da tarde, continúa a praça das rendas das casas abaixo declaradas por tempo de dous annos. Os pretendentes devem comparecer acompanhados de seus fiadores, ou munidos de cartas destes, e exhibir documentos que provem estar quites com a Santa Casa e serem seus fiadores proprietarios.

Rua da Madre de Deus.	
N. 22 particular e 9 publico, um andar	360$000
N. 33 particular e 8 publico, casa terrea	360$000
Becco das Bellas.	
N. 39 particular e 18 publico 2 andares	303$000
Rua da Cadeia do Recife.	
N. 72 particular e 30 publico 3 andares	900$000
Rua do Amorim.	
N. 54 particular e 21 publico 2 andares	400$000
N. 55 particular e 24 publico casa terrea	96$000
N. 56 particular e 26 publico casa terrea	96$000
Rua do Burgos.	
N. 69 particular e 21 publico casa terrea	100$000
Travessa de S. Pedro.	
N. 28 particular e 2 publico 2 andares	500$000
Rua da Calçada.	
N. 18 particular e 32 publico casa terrea	148$000
Becco do Cilhabouço.	
N. 39 particular e 2 publico casa terrea	16[illegible]$000
Sitio do Parnameirim.	
N. 1 particular	400$000
N. 2 particular	120$000
Sitio do Forno da Cal.	
N. 5 particular	351$000

Secretaria da Santa Casa de Misericordia do Recife, 27 de março de 1863.

O escrivão,
F. A. Cavalcanti Cousseiro.

— De ordem do Illm. Sr. tenente-coronel, director do arsenal de guerra, se faz publico a quem convier, que no dia 31 do corrente, pelas 10 horas da manhãa, na sala da directoria, se ha de arrematar a manufactura das peças de fardamento, abaixo declaradas, no praso de 25 dias, contados da data do termo de arrematação.

Para o 9.º batalhão de infantaria.
200 sobrecasacas de panno verde.
460 calças do mesmo panno.
18 sobrecasacas para musicos.
18 calças para musicos.
472 enxergões.
Para a companhia de cavallaria.
10 ponches de panno azul.

As pessoas que se propozerem a fazer dita arrematação, deverão comparecer munidos de suas propostas em carta fechada, declarando na mesma os preços por que fazem cada artigo de fardamento, e nome do fiador; assim como trazer uma carta de fiança legalisada em que declare responsabilisar-se pela importancia da materia prima despendida com os referidos artigos, e sujeitar-se as multas no caso de ommissão do arrematante, conforme dispõe o aviso circular do ministerio da guerra de 17 de março de 1860. Os ponches acima mencionados vão ser de novo arrematados em consequencia de ter deixado de comparecer para satisfazer as exigencias do referido aviso circular Jorge Avales do Nascimento, que os havia arrematado em 14 do corrente mez.

Arsenal de guerra de Pernambuco 27 de março de 1863.—Manoel José de Azevedo Santos, servindo de amanuense.

De ordem do Illm. Sr. inspector desta thesouraria, se faz publico que fica adiado para o dia 9 de abril proximo futuro, o concurso para preenchimento do lugar vago de ajudante de guarda-mór da alfandega desta capital, e annunciado para o dia 16 do corrente.

Thesouraria de fazenda de Pernambuco, 26 de março de 1863.

Servindo de official-maior,
Manoel José Pinto.

— Pela thesouraria provincial se faz publico que a arrematação da obra da ponte provisoria sobre o rio Pirapama, foi transferida para o dia 1.º de abril proximo futuro.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 20 de março de 1863.—O secretario,
A. F. d'Annunciação.

Directoria das obras militares.

A directoria das obras militares, tendo de proceder a cotação e construcção de um novo portão no edificio do hospital militar, convida as pessoas que se quizerem encarregar deste serviço a apresentarem suas propostas na dita directoria nos dias 26, 27 e 28 do corrente mez.

Directoria das obras militares de Pernambuco em 24 de março de 1863. — Luiz Francisco de Paula de Albuquerque Maranhão, 1.º cadete 2.º sargento servindo de amanuense.

Correio geral.

Pela administração do correio desta cidade se faz publico que em virtude da convenção postal, celebrada pelos governos brasileiro e francez, serão expedidas malas para a Europa no dia 31 do corrente, de conformidade com o annuncio deste correio publicado no Diario de 29 de janeiro de 1861. As cartas serão recebidas até 2 horas antes da que for marcada para a sahida do vapor, e os jornaes até 4 horas antes. Administração do correio de Pernambuco 25 de março de 1863.—O administrador,

Domingos dos Passos Miranda.

Conselho administrativo.

O conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra tem de comprar os objectos seguintes:

MUTILADO

Para o presidio de Fernando.
800 alqueires de farinha de mandioca (medida velha).
1 barril de alcatrão.
2 cornetas de toque completas.
Para o hospital militar.
1 repertorio com 13 palmos de altura e 17 ditos de largo com seus pertences.
Para a fortaleza do Brum.
1 chave ingleza.
1 dita de parafuso.
24 fecas flamengas.
1 lanterna de furta-fogo.
3 ditas de vista d'osso.
1 nivel de lanceta.
2 ditos de bolha d'ar.
1 oculo de alcance.
2 pelles de carneiro.
Para a fortaleza do Cabedello.
6 fecas flamengas.
4 lanternas de vista d'osso.
12 pelles de carneiro.
Para a fortaleza dos Santos Reis Magos.
12 fecas.
Quem quizer vender taes objectos apresente as suas propostas em carta fechada na secretaria do conselho ás 10 horas da manhãa do dia 1 de abril proximo vindouro.
Sala das sessões do conselho administrativo, para fornecimento do arsenal de guerra, 26 de março de 1863.
Antonio Pedro de Sá Barreto,
Coronel presidente.
Sebastião Antonio do Rego Barros,
Vogal secretario.

Subdelegacia de policia da freguezia da Boa-Vista 26 de março de 1863.

Acham-se legalmente depositados 4 cavallos, os quaes foram apprehendidos por serem furtados, sendo 2 de cor ruço pedrez, um ruço vermelho, e outro mellado com clinas e cauda pretas; quem pois se julgar com direito aos mesmos cavallos, provando competentemente, ser-lhes-hão entregues.

THEATRO DE Santa Isabel.

EMPREZA
DE
A. J. DUARTE COIMBRA.

HOJE

SABBADO, 28 DE MARÇO DE 1863.
Recita extraordinaria.
(*Livre de assignatura.*)
Segunda representação por esta companhia do muito applaudido drama em cinco actos,

PEDRO.

Original portuguez do Sr. Mendes Leal Junior.
O papel de PEDRO é desempenhado pelo Sr. Furtado Coelho.
Este drama foi ensaiado pelo artista Furtado Coelho, exactamente como se acha impresso em Lisboa em 1857, debaixo das vistas de seu proprio autor o distincto dramaturgo Mendes Leal Junior.
Terminará o espectaculo com a graciosa scena comica,

O Sr. Bento dos pontinhos

Desempenhada pelo Sr. Guimarães.
Principiará ás 8 horas.

Gabinete optico de recreio OU Viagem de illusão.

RUA DA IMPERATRIZ NUMERO 29.
HOJE

Grande exposição de vistas as mais elegantes que até hoje se tem visto como sejam: cidades, palacios, monumentos, vulcões, jardins, passeios etc., etc.
Estão patentes as seguintes:
1 Vista elegante—Napoleão III passando revista as tropas no campo de Marte em Paris.
2 Cidade de Alicante.
3 Cidade de Marseille.
4 Cidade de Boston.
4 Vienna d'Austria.
6 Combate de Maregnan.
7 A grande cidade de Paris.
8 Os cidadãos britannicos acompanhando Napoleão III, pelo caminho de Aunes a Finisterra.
9 Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte nos suburbios de Braga.
18 O espantoso vulcão do monte Vesuvio na Italia.
11 Chegada da expedição franceza a Syria.
12 Combate em Sebastopol.
13 Cidade de New-York.
14 Cidade de Rodes na Turquia.
15 Fernão Cortez, recebendo alguns réis.
O proprietario deste espaçoso e decente salão, faz mudança de novas vistas, no domingo; as respeitaveis familias gozarão de abatimento nos preços de entrada; o salão estará aberto todas as noites, das 6 horas da tarde em diante, ao dispor do respeitavel publico.
Entrada 500 rs.

Avisos maritimos.

PARA Lisboa

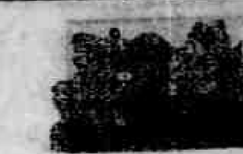
segue com a maior brevidade o brigue «Relampago»: quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, dirija-se ao consignatario Thomaz de Aquino Fonseca, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

COMPANHIA DAS Messageries imperiales

No dia 31 do corrente espera-se dos portos do sul o vapor francez «Navarre», commandante F. Vedel, o qual depois da demora do costume seguirá para Bordeaux tocando em S. Vicente e Lisboa.
Em S. Vicente ha um vapor em correspondencia com Gorée.
A companhia encarrega-se de segurar as mercadorias embarcadas a bordo dos vapores assim como tambem recebe dinheiro e objectos de valor com destino a Londres em transito por Bordeaux e Boulogne.
Para as condições frete e passagens trata-se na agencia rua do Trapiche n. 9.

PARA O Rio de Janeiro

pretende seguir nestes oito dias o patacho nacional «Regulo», só recebe escravos a frete, para os quaes tem excellentes commodos; trata-se com os seus consignatarios Antonio Luiz de Oliveira Azevedo & C., no seu escriptorio na rua da Cruz numero 1.



COMPANHIA BRASILEIRA DE PAQUETES A VAPOR.

E' esperado dos portos do sul até o dia 30 de março um dos vapores da companhia o qual depois da demora do costume seguirá para os portos do norte.
Desde já recebem-se passageiros e engaja-se a carga que o vapor poder conduzir a qual deverá ser embarcada no dia de sua chegada, encommendas e dinheiro a frete até o dia da sahida as 2 horas: agencia rua da Cruz n. 1, escriptorio de Antonio Luiz de Oliveira Azevedo & C.

Porto.

Segue impreterivelmente no dia 15 de abril a barca portugueza «Flor de Maia»: quem nella quizer ir de passagem, dirija-se ao escriptorio de M. J. Ramos e Silva & Genros, rua do Vigario n. 10.

Para o Porto por Lisboa, pretende sahir a barca portugueza «S. Manoel II,» até 7 de abril proximo: para passageiros trata-se com os consignatarios M. J. Ramos e Silva & Genros, ou com o capitão na praça do Commercio.

COMPANHIA BRASILEIRA DE PAQUETES A VAPOR.

E' esperado dos portos do norte até o dia 31 do corrente, o vapor «Tocantins», commandante o primeiro tenente Pedro Hyppolito Duarte, o qual depois da demora do costume seguirá para os portos do sul.
Recebem-se desde já passageiros e engaja-se a carga que o vapor poder conduzir a qual deverá ser embarcada no dia de sua chegada, encommendas e dinheiro a frete até o dia da sahida as 2 horas; agencia rua da Cruz n. 1, escriptorio de Antonio Luiz de Oliveira Azevedo & Companhia.

PARA a Bahia

O hiate «Dous Irmãos» tem parte da carga prompta para a Bahia; e para o resto trata-se com Tasso Irmãos, ou com o capitão José Joaquim Silveira.

Para o Assu

sahe impreterivelmente no dia 4 de abril o hiate «Jaguaribe»; quem nelle quizer carregar e ir de passagem, para o que tem excellentes commodos, dirija-se a rua do Crespo n. 14, ou com o mestre a bordo, defronte do caes do Ramos.

Leilões.

Leilão DE 110 saccos com assucar HOJE.

O agente Pinto fará leilão a requerimento de Antonio Francisco Martins de Miranda, e por despacho do Illm. Sr. Dr. juiz especial do commercio de 110 saccos com assucar embargados a Joaquim Bearque de Sampaio, e existentes no armazem alfandegado da rua do Trapiche n. 1, onde se effectuará o leilão, ás 11 horas do dia acima dito.

LEILÃO DE Vinho, charutos e champagne

Segunda-feira 30 do corrente.

O agente Pestana venderá por conta de quem pertencer 25 caixas com vinho engarrafado de superior qualidade, cerca de 600 caixas com charutos da Bahia marcas conhecidas, e 8 gigos com vinho champagne para fechamento de facturas: segunda-feira 30 do corrente pelas 10 horas da manhãa no armazem do Aunes defronte da alfandega.

LEILÃO DE Um terreno no Barbalho.

Segunda-feira 30 do corrente.

O agente Pinto fará leilão a requerimento dos administradores da massa fallida de José Duarte de Oliveira Rego e por despacho do Illm. Sr. Dr. juiz especial do commercio, de um terreno no lugar do Barbalho pertencente a mesma massa, á 1 hora da tarde do dia acima dito em seu escriptorio rua da Cadeia n. 9.

LEILÃO DA Loja de fazendas da rua do Crespo n. 9.

As 10 horas em ponto.

O agente Pinto procederá a novo leilão da armação, fazendas' dividas, parte do predio da rua do Crespo n. 9 e patrimonio no mesmo, bens pertencentes a massa fallida de João José de Figueiredo, por assim haver determinado o Illm. Sr. Dr. juiz especial do commercio visto terem os administradores da mesma massa annuido a recisão da venda da mesma massa feita em leilão do dia 20 do corrente.

Avisos diversos.

— Prevenimos aos Srs. assignantes, que mui de proposito guardam o pagamento da subscripção deste «Diario» para o fim do quartel, que a demora, além do fim delle, importa o novo acrescimo de 1$000 por cada quartel de modo que o quartel de outubro a dezembro de 1862 sendo pago no fim de dezembro, devia se-lo a 6$000, mais se fôr espaçado, continuará a vencer 1$000 por cada trimestre; portanto espaçado até o fim de março deverá ser pago por 7$000, no fim de julho por 8$000, no fim de setembro por 9$000, etc. Este accrescimo é uma compensação pelo trabalho do recebedor, e demora do pagamento de quantia tão deminuta, que só de proposito é demorada, e para obviar o abuso de protelarem o pagamento a titulo de pagarem vencido, e quem não quizer pagar o accrescimo tem o remedio em sua mão mandando pagar no começo do trimestre a 5$000, ou no fim delle a 6$000.

LOTERIA HOJE

Sabbado 28 do corrente mez, se extrahira' a terceira parte da terceira loteria do Gymnasio Pernambucano (3ª. concessão) no consistorio da igreja de N. S. do Rosario de S. Antonio.

Os bilhetes e meios bilhetes acham-se a venda na respectiva thesouraria rua do Crespo n. 15, e nas casas commissionadas rua da Imperatriz n. 44 loja do Sr. Pimentel, praça da Independencia n. 22 loja do Sr. Soares Pinheiro, rua Direita n. 3 botica do Sr. Chagas, e rua da Cadeia n. 45, loja do Sr. Porto.

Os premios de 5:000$ até 10$ serão pagos uma hora depois da extracção e os outros no dia seguinte, depois da distribuição das listas.

O thesoureiro
Antonio José Rodrigues de Souza.

— O Dr. Jeronymo Vilella de Castro Tavares mudou a sua residencia para a Boa-Vista, rua da Trempe, sobrado de um só andar, e sitio n. 7.

— Baltar & Oliveira saccam sobre a praça do Porto.

— Antonio Falcone subdito italiano, retira-se para a Parahiba.

— Padre Manoel Barroso Pereira, subdito portuguez, retira-se para fora do imperio.

— Mademoiselle Josephine Poissonnier, vai ao Rio de Janeiro.

— Aluga-se a casa da Baixa-Verde, com um pequeno sitio e bastantes arvoredos; á tratar na rua do Rangel n. 10.

— Manoel Xavier Paes Barreto Junior, retira-se para a Europa á continuar com seus estudos.

—Joaquim Monteiro da Silva, subdito Brasileiro vai a Europa.

Pergunta-se

a quem competir, se a Exm.ª camara municipal, estabeleceu lei, ou tem dado poderes a quem faz a cobrança de impostos municipaes no seu praso devido; exija como obrigação dos devedores do dito imposto 500 rs. mais alem da quantia que vem fixada nos recibos pela mesma camara, como acontece com um dos guardas da mesma camara, que anda fazendo a cobrança na freguezia de Santo Antonio. Isto deseja saber
Um dos prejudicados em 500 rs.

— José Alves Guimarães, retira-se para o Rio de Janeiro, julga só dever o bom acolhimento dos Srs. Pernambucanos, mas se alguem se considera seu credor, queira apresentar suas contas por estes tres dias, para serem liquidadas. Recife, 26 de março de 1863.

A viuva e filhos do fallecido Porfirio Antonio Esteves da Silva, repassados do mais doloroso sentimento pelo passamento de seu adorado marido e pai, que foi Deos servido chamar a si, agradecem do fundo d'alma as pessoas que acompanharam-no ao ultimo jasigo e esperam das mesmas obter mais uma prova de caridade, assistindo a missa do 7º dia que terá lugar na igreja de Nossa Senhora do Terço, ás 5 horas da manhãa de segunda-feira, 30 do corrente. Recife, 20 de março de 1863.

— Precisa-se de um menino de 12 a 16 annos, ou de um homem de 35 a 40 annos, que saiba ler: na rua da Concordia n. 38, das 3 horas da tarde em diante.

Ama.

Precisa-se de uma ama de boa conducta, para comprar e cozinhar: na rua do Livramento n. 36, loja de cera.

— Pedro Regione, Gennaro Regione, Giovano Florenzano, Gioseppe Florenzano, Vincenso Guida, subditos italianos, retiram-se para Europa.

— Marcolina Maria da Conceição retira-se para o Rio de Janeiro com escala pela a Bahia.

— Na padaria da Torre precisa-se de um amassador para a mesma se sugeitando a vender pão.

Carneiro fugido.

Fugio hontem da loja da rua Nova n. 11, um carneiro grande, branco, com a lãa muito crescida, levando uma corda de uma braça pouco mais ou menos amarrada ao pescoço: roga-se a quem o pegar o favor de leva-lo a loja acima que será bem recompensado.

— Precisa-se alugar uma escrava que cosinhe e engomme bem: na rua Nova loja n. 11.

— Antonio Casula, subdito hespanhol, vai á Europa.

— Aluga-se a loja do sobrado n. 19 na rua Nova, propria para qualquer estabelecimento; tambem vende-se a armação que existe na mesma: a tratar á rua da Cadeia n. 62, segundo andar.

— Aluga-se o terceiro andar do sobrado n. 37, na rua do Amorim: a tratar á rua da Cadeia, n. 62, segundo andar.

Padaria.

Aluga-se a padaria da rua dos Pescadores n. 7; trata-se na rua nova de Santa Rita n. 65, das 6 as 8 horas da manhãa.

—Estando-se procedendo o inventario dos bens do finado P. José B. de F. pelo juizo dos orphãos, escrivão Facundo, pede-se as pessoas que se julgarem credores do mesmo finado, tenham a bondade apresentar suas contas ao testamenteiro José Moreira da Silva, para descrever no mesmo inventario, no praso de 8 dias. Recife 28 de março de 1863.

Aviso.

— A procissão do Senhor Bom Jesus dos Desamparados que deixou de ser feita sexta-feira de triumpho, fica transferida para o dia 2 de abril, e pede-se aos moradores da rua da Praia de mandarem limpar as testadas de suas casas, por onde tem de passar a procissão, e cruar as suas varandas de colchas.—Um devoto do B. J.

— João Pinto Regis de Souza retira-se para Portugal.

— O abaixo assignado declara que é o possuidor do bilhete n. 1551, com o qual joga desde outubro do anno proximo passado, que compra por encommenda a José Victor da Silva Pimentel, isto faz em virtude de um annuncio publicado hontem.—Symphronio Olympio de Queiroga.

— O abaixo assignado pede a pessoa que entregou uma carta com um embrulho no dia 9 do corrente na estação das Cinco Pontas para entregar na dita de Japarandubá a Sr. Pedro Cavalcanti Wanderley, venha receber em Fóra de Portas no estaleiro de Thomaz José das Neves.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e engommar perfeitamente: na rua da Concordia numero 65.

Peixe de viveiro.

Domingo 29 do corrente haverá peixe no lugar dos Remedios das 6 ás 10 horas do dia.

— Precisa-se alugar um preto de meia idade para os serviços de uma casa; na rua Nova, loja numero 7.

Bello armazem.

Aluga-se por 300$ annuaes a casa n. 18 da praça da Boa-Vista, onde sempre tem tido taberna, com muitos commodos para familia: a fallar com Bernardino Francisco de Azevedo Campos, na rua das Trincheiras n. 50.

Ama.

Offerece-se uma ama para todo o serviço de cozinha, desempenha muito bem qualquer jantar por maior que seja, faz toda diversidade de comida, engomma sem falta, serve para tratar de uma casa; informa-se a sua conducta na rua das Cruzes n. 28.

— Aluga-se o segundo andar do sobrado da rua da Cruz n. 18 (Recife), e mais o armazem do sobrado da rua do Apollo n. 47; a fallar com José Antunes Guimarães, e as chaves estão na casa do Sr. Correia, armazem da rua da Cruz numero 46.

— Ainda existe por vender a casa terrea na rua Velha n. 4, com 31 palmos de frente, com bons commodos, bom quintal murado; outra casa na rua do Aragão n. 17; uma bonita mulata de idade 18 annos, com alguma habilidade, e um carro americano de 4 rodas, usado, com arreios: quem pretender, dirija-se a rua da Imperatriz, primeiro andar n. 6, até as 9 horas da manhãa, e de tarde das 3 horas em diante.

— Atraz da matriz da Boa-Vista n. 35, primeiro andar, compra-se uma cavallo que seja bom andador baixo até meio, seja novo e bonito, não excedendo o preço de 200$.

— Precisa-se de um menino para caixeiro da loja de charutos da rua da Imperatriz n. 43.

— Arrenda-se o engenho Pitussú, comarca de Goianna, distante desta praça 12 leguas, e do porto de embarque 3 leguas, de muito boa producção, todos os partidos perto do engenho; a tratar na rua Direita n. 14.

— Aluga-se uma casa dentro do sitio no fundo da fabrica do sabão da rua Imperial, por preço commodo, proprio para carroceiro; quem a pretender, dirija-se as Cinco Pontas n. 144.

— Precisa-se de uma ama de leite; na rua do Hospicio n. 64.

— Deixa esta provincia Ernest Regis.

Ordem terceira do Carmo.

O secretario da administração da veneravel ordem terceira de N. S. do Carmo, de ordem da mesma convida a todos os seus charissimos irmãos para que compareçam na igreja da ordem, paramentados com seus habitos, afim de encorporados, assistir a todos os actos da semana santa e procissões da mesma, na igreja do convento do Carmo, por convite do reverendissimo padre provincial, e dever da ordem.

— O abaixo assignado pede ao Illm. Sr. C. B de tomar conta de sua encommenda de um portão de ferro para o cemiterio de Piauhy e que se acha arompto desde o dia 15 de junho de 1862.
C. Kroeger, ferreiro.

Engenho para arrendar.

Arrenda-se o engenho Lobo da freguezia de Serinhãem, distante legoa e meia da estação da estrada de ferro em Gameleira, e cinco do Rio-Formoso, é optimo d'agoa, está sufficientemente montado de obras, tem optimos partidos de varzea todos muito perto do engenho, alem de boas e productivas ladeiras e corregos, bom cercado e 10 casas de telha, sendo 6 de lavradores e em sitios competentemente providos de bons cercados e partidos; tambem se vende a safra se for pretendida: a tratar no mesmo engenho.

— Perdeu-se uma pulseira de ouro esmaltada de verde, da rua Nova ao passadiço do Recife; querendo entregar, leve á rua do Vigario n. 14.

— Negocia-se a hypotheca em um sitio na matriz da Varzea, com arvoredos de fructo, cacimba, em chão proprio, tem grande casa para familia e negocio em separado; a tratar na rua dos Martyrios n. 36.

— Aluga-se o armazem n. 4 da rua do Apollo e o segundo andar e armazem n. 193 da rua Imperial; na rua da Aurora n. 34.

— Precisa-se de uma ama; na rua estreita do Rosario n. 23, segundo andar.

Advogacia.

O [illegible] João José Pinto Junior mudou o seu escriptorio de advogacia para a praça de Pedro II (antigo pateo do Collegio) n. 29, primeiro andar, sobrado amarello. Pode ser procurado das 10 horas da manhãa as 3 da tarde e em outra qualquer occasião na casa de sua residencia, povoação de Monteiro freguezia do Poço da Panella.

Banco União

Estabelecido na cidade do Porto.
AGENTES EM PERNAMBUCO
Antonio Luiz de Oliveira Azevedo & C.

Sacam por todos os vapores sobre o mesmo banco a prazo ou á vista, sobre as agencias em Lisboa, Figueira, Coimbra, Aveiro, Vizeu, Villa Real, Regoa, Vianna de Castello, Guimarães, Barcellos, Lamego Covilhãa, Braga, Penafiel, Bragança, Amarante, Angra, Ilha da Terceira, Ilha do Faial, Ilha da Madeira, Villa do Conde, Valença, Bastos, Oliveira de Azemeis, a oito dias ou ao prazo que se convencionar, no seu escriptorio rua da Cruz n. 1.

— Arrenda-se o engenho Floresta, movido por animaes, moente e corrente, sito na freguezia de Santo Amaro de Jaboatão: quem o quizer por arrendamento, dirija-se ao engenho Carauna da mesma freguezia, que achará com quem tratar.

— Na saboaria da rua do Brum se compra toda a qualidade de sebo.

— Aluga-se uma boa casa com cinco quartos, cosinha fora, boa cacimba, grande quintal murado, com arvoredos de fructo, na freguezia dos Afogados; na rua do Quiabo: a fallar no cartorio do tabellião Sá.

— Dá-se dinheiro a juros de 50$ para mais, sob penhores de ouro, prata e joias; na rua do Imperador n. 55, terceiro andar.

Monte Pio Popular Pernambucano.

De ordem da directoria convido aos senhores socios que se acham incursos na pena de eliminação por se acharem atrasados nas suas mensalidades, que hajam de indemnisar os seus debitos durante o praso de 30 dias, contados desta data.
Secretaria do Monte Pio Popular Pernambucano 12 de março de 1863.
José Fernandes Moreira.
1º secretario.

AMA.

Precisa-se de uma ama de leite; na rua da Senzala Velha n. 134, primeiro andar.

— Precisa-se de um menino de 12 a 13 annos dos chegados ultimamente do Porto para caixeiro; no pateo do Terço n. 12.

Aviso.

Precisa-se de um cozinheiro ou cozinheira; a tratar na rua do Queimado n. 6.

— No dia 31 do corrente mez, depois da audiencia do Dr. juiz de ausentes do termo de Olinda, se hão de arrematar os alugueis da casa da herança de Isabel Joaquina de Sant'Anna.

Precisão de um sitio.

Precisa-se arrendar um sitio que tenha boas proporções para se terem vaccas de leite, boa baixa para capim, com fructeiras, boa casa com bons commodos, a margem de algum rio ou riacho, e que não diste muito desta cidade; quem tiver algum nestas condições, annuncie, ou appareça na rua do Imperador n. 12.

FABRICA DE CIGARROS DE TODAS AS QUALIDADES DE ANTONIO MAIA DE BRITO

Conhecida por fabrica da viuva
N. 21 — Antiga rua dos Quarteis de policia — N. 21.

Constando ao annunciante, que alguns especuladores de má fé, vendo o credito que gozam os meus cigarros, e para poderem dar consumo aos seus, andam vendendo tanto na praça como pelo mato, illudindo os meus freguezes, dizendo que são meus: e como todos os meus cigarros são vendidos na minha fabrica, e não mando pessoa alguma vender por minha conta fora della: faço o presente annuncio para evitar que comprem gato por lebre; e para segurança dos senhores consumidores deste genero e especialmente os seus freguezes, aviso que todos os maços de cigarros que forem vendidos na minha fabrica são marcados com um distinctivo que declara o meu nome, o nome da rua e o numero da mesma casa.

Aproveito a occasião para scientificar aos mesmos senhores, que constantemente encontrarão um completo sortimento de cigarros de diversas qualidades, e do melhor fumo escolhido, por sua boa qualidade já bem conhecida.

Irmandade do Senhor Bom Jesus das Chagas

Devendo ter lugar domingo de Ramos a procissão solemne que esta irmandade costuma expôr neste dia á vista dos fieis, por ordem da mesa regedora publico o etinerario que tem de percorrer, o qual é o seguinte: ao sahir, rua larga do Rosario, das Cruzes, S. Francisco, Imperador, praça de Pedro II, rua do Queimado, Livramento, Direita, Cinco Pontas até a travessa do Peixoto, rua Augusta em direcção ao largo do Carmo, cambos do Carmo, rua das Flores a voltar para a rua Nova, rua de Santo Amaro, da Roda a recolher. Se as obras do encanamento da rua do Imperador não permittirem passagem, a procissão seguirá desta rua pela do Crespo até a do Queimado. A mesa roga encarecidamente aos moradores dessas ruas o obsequio de mandarem limpar as testadas de suas casas, para mais decencia e facil transito da procissão; assim como pede a todos os nossos irmãos a seu comparecimento em tempo de poder a procissão sahir precisamente as 2 1/2 horas da tarde.—O escrivão interino,
Manoel Francisco de Paula Pereira.

— No annuncio publicado nos ns. 66, 67 e 68 deste Diario do corrente mez, diz-se que José Joaquim Ramos Villar da praça do Pará aceita consignações de nomes a 30$, ha dous enganos, o primeiro no nome que é João R mathos Vilares, e o segundo na quantia que é 300$.

Engenho Jundiazinho.

Os escravos Miguel e Sabino, pretos de Angola, pertencentes ao Sr. João Gualberto Alves da Silva com senhor do dito engenho, estão hypothecados a Bernardino Francisco de Azevedo Campos.

— O guarda municipal da freguezia de Santo Antonio, abaixo assignado, vendo nos Diarios de 26 e 27 do corrente um annuncio assignado pelo prejudicado em 500 rs., pede que declare se se entende com Francisco Antonio Saraiva.

Attenção

O abaixo assignado deseja saber onde reside nesta provincia João Rodrigues, filho de Manoel Rodrigues, morador na freguezia de S. Martinho de villa Fiscalinha, lugar queimado, termo da villa de Barcellos do reino de Portugal, afim de tratar de negocios que interessam ao mesmo João Rodrigues. Cidade de Goianna 24 de março de 1863.—Antonio Joaquim Pinheiro de Carvalho.

— Aluga-se um sitio na Capunga, com boa casa de vivenda, arvoredos de fructo, quartos para pretos e estribaria, e todo murado; a tratar na rua da Palma n. 31, ou na rua Nova n. 3.

— No dia 31 do corrente, depois de meio dia, se ha de arrematar em praça do Sr. Dr. juiz municipal da 1.ª vara, escrivão Motta, a renda annual de uma casa terrea penhorada a Antonio Francisco Rodrigues e sua mulher por execução de Manoel Joaquim Baptista.

— No dia 28 do corrente mez, pelas 10 horas da manhãa, á porta da casa de residencia do juiz de orphãos do termo de Olinda; se ha de arrematar por venda um escravo de nome Joaquim, de nação, com idade de 40 annos, do serviço de campo, pertencente a herança de Francisco Rufino de Araujo Cavalcanti, a quem maior lanço offerecer sobre a avaliação de 700$

— Maria Emilia Teixeira, subdita portugueza, retira-se para Portugal.

— Ninguem faça negocio com o Sr. Thomaz José Tavares de Mello, com duas letras de 500$ cada uma, aceita por mim; uma a vencer-se a 17 de dezembro deste corrente, e outra a 2 de abril de 61, por ainda haver conta com o dito senhor.

— Claudio Dubeux, proprietario das linhas de omnibus, faz sciente a quem interessar, que de hoje em diante os senhores passageiros da linha de Jaboatão pagarão 1$ até Tigipió, 1$500 até Santa Anna, e 2$ até Jaboatão.

— Antonio Vicente da Costa retira-se para a Europa a tratar de sua saude.

— João de Lima Freire retira-se para a Europa.

O Perfume da Moda.

AGUA FLORIDA

De Murray & Lanman.

Este raro quão delicado perfume é quasi que inextinguivel e tão cheio de mimosa fragrancia e frescura como o delicado cheiro das proprias verdecentes flores. Durante os mezes calorentos do verão o seu uzo torna-se iminentemente aprazivel e desejavel em consequencia da influencia refrigirante e suave que ella produz sobre a pelle: em quanto que uzada no banho ella imparte áo corpo languido e cançado uma certa elasticidade de vigor e força. *Ella imparte transparencia as feições, e remove pannos, sardas e bertoejas de sobre a pelle.*

O TONICO ORIENTAL DE KEMP PARA OS CABELLOS,

É uma preparação admiravel para limpar, aformosear, conservar e restabelecer os cabellos.

A' venda nas boticas de Caors & Braboza, rua da Cruz, e João da C. Bravo & C., rua da Madre de Deos.

— Manoel de Souza, portuguez, retira-se para o Rio.

— Alugam-se o segundo e terceiro andares do sobrado da rua da Senzala Velha n. 48; a tratar na loja do mesmo.

Furto.

Furtaram da dia 24 para 25 do corrente, da taberna sita na praça da Boa-Vista n. 21, o seguinte: tres relogios, sendo um patente suisso, de prata dourada, um de meio patente, faltando-lhe uma mola na caixa, um de ouro sem vidro e sem ponteiro de repetição, só tem a caixa de baixo que pesa o ouro 11 oitavas, 9 sedulas de 50$ do Banco, 1 dita de 20$ tambem do dito, 1 moeda de ouro ingleza do valor de 8$890, 10$000 em varias moedas de prata, e pouco mais ou menos 100$ em varias sedulas de 10$ para baixo; quem destes objectos souber ou der noticia, dirija-se a referida taberna, que será generosamente gratificado.

— Precisa-se de uma ama para cozinhar e comprar; na travessa do arsenal de guerra n. 13.

— José Pares Alves, subdito hespanhol, retira-se para fora da provincia.

— Ainda se espera nesta typographia pelo Sr. Adolpho Astolpho de Vasconcellos Pimentel

— Precisa-se fallar ao Sr. Filippe Santiago de Albuquerque: nesta typographia.

— Está para alugar se um pequeno sobrado de dous andares na rua Direita; quem pretender, falle na rua das Cruzes, sobrado n. 9, penultimo sobrado quem vai da rua do Queimado para S. Francisco, lado direito. Na mesma casa ha para vender-se as obras completas de Chateaubriand, Victor Hugo, Balzac, Cantu, historia universal, Guizot, historia moderna, Mysterios de Pariz, historia do consulado e do imperio por Thiers, etc., as quaes se vendem mais baratas do que vendem os livreiros.

Advogacia

O Dr. José Liberato Barroso abrio o seu escriptorio na rua estreita do Rosario n. 22, primeiro andar, onde pode ser procurado das 10 horas do dia, as 3 da tarde: reside actualmente na rua da Aurora n. 60.

— O abaixo assignado roga aos devedores do fallecido Joaquim José Ribeiro de Oliveira que venham pagar seus debitos na rua do Queimado n. 41, e que não paguem quantia alguma sob pena de pagarem segunda vez, sem que apresentem procuração bastante por mim assignada, visto que se tem desencaminhado ou subtrahido algumas letras pertencentes a massa do fallecido. Recife 16 de março de 1863.
José Joaquim de Pinho Mendonça.

— Perdeu-se no dia 20 do corrente, do largo do Carmo até a rua de S. José, uma pulseira de cabellos encastoada em ouro, embrulhada em papel, com uns enfeites de pescoço de menino, de ouro; quem achou ditos objectos, querendo restituir, leve-os ao continuo do consulado provincial.

ASSOCIAÇÃO Onze de Agosto.

Por este annuncio são convidados todos os socios desta sociedade, para sabbado 28 do corrente, comparecerem no Faculdade de Direito as 4 horas da tarde, afim de tratar-se de negocios importantes relativos a mesma sociedade.
Recife 26 de março de 1863.—O 1.º secretario,
Avelino Gurgel.

Compras

— Compra-se de 10 a 60 milheiros de tijolos de alvenaria grossa, sendo de boa marca; a tratar na rua Nova n. 13, loja de Antonio Roberto & Filho.

Carroça.

Compra-se uma carroça para boi que esteja em bom estado; na rua larga do Rosario n. 24, loja de joias.

— Compra-se um compendio de philosophia de Geruseu, com pouco uso: na rua Nova n. 7.

— Compra-se effectivamente ouro e prata em obras velhas; na praça da Independencia n. 23, loja de bilhetes.

— Compra-se ouro e prata em obras velhas; na rua do Cabugá n. 1 A.

— Compra-se orelo de panno a 5$500: na rua do Cabugá n. 1 C, loja de sirgueiro.

Vendas

Farinha, milho e farelo

Vendem-se saccos grandes com farinha de terra, milho e farelo de Lisboa: na taberna debaixo do sobrado do Sr. Peretis no pateo de Santa Cruz, e na taberna grande da Soledade.

Cheguem ao barato,

Chitas francezas escuras e cores fixas de pannos superiores a 260 o covado, ditas de assento pardo e flores coloridas a 280, por terem um pequeno toque de mofo, cobertores de algodão a 800 rs., lenços de seda a 400 rs., alpaca de cor a 300 rs. o covado, brim branco para calça trançado a 800 rs. a vara, peças de algodão branco muito superior de 20 jardas a 4$500 por terem um pequeno defeito; na loja da rua da Madre de Deos n. 16, defronte da guarda da alfandega; dão-se amostras com penhor.

Attenção.

Vende-se uma barcaça da carga de mais de 600 saccos de assucar, nova, não tendo um anno de navegada; quem a pretender comprar dirija-se ao caes do Ramos, a tratar com José Francisco Borges a bordo da mesma barcaça, ou na rua do Imperador n. 75, segundo andar, que ahi achará com quem tratar: o preço é razoavel.

Sal do Assu'

Vende-se a bordo do hiate «Jaguaribe» fundiado defronte do caes do Ramos, excellente sal, a retalho e em porção; a tratar com o capitão a bordo, ou na rua do Crespo n. 14.

— Vende-se milho e farinha em saccos, por barato preço; na rua Nova n. 53.

Uma taberna.

Vende-se a taberna n. 40 da rua estreita do Rosario, muito afreguezada para a terra, e com fundos a vontade do comprador; a fallar na taberna defronte.

Peixe barato.

No viveiro do Muniz, no aterro dos Afogados, pesca-se na terça, quarta, quinta e sexta-feira da semana santa; vender-se-ha peixe por todo o preço.

MUTILADO

ATTENÇAÕ

Grande sortimento de fazen-das e roupas feitas

NA LOJA DE

PAREDES PORTO

N. 48—rua da Imperatriz—N 48

Jnnto a padaria franceza.

Chegou a este estabelecimento um sortimento de roupas de todas as qualidades como sejam: paletots de alpaca preta e de cor a 3$, 3$500 e 4$, ditos francezes a 7$, 9$ e 10, ditos de brim pardo a 4$ e 4$500, ditos brancos a 4$, ditos de lãa com debrum a 4$500 e 5$, ditos de meias casemiras a 5$ e 5$500, ditos ditos de casemira a 10$ e 12$, ditos sobrecasaca a 18$, ditos de panno preto saccos a 7$, ditos sobrecasaco a 14$, ditos francezes a 16$, 18$, 20$ e 25$, e outras muitas qualidades; calças de brim a 1$600 e 2$, ditas de ganga a 2$ e 2$500, ditas de brim pardo a 2$500, ditas finas a 3$, ditas de lona parda a 3$, ditas brancas a 2$ e 2$500, ditas de brim de linho a 3$500, 4$500 e 5$, ditas de meia casemira a 3$, 3$500 e 4$, ditas de casemira a 5$500, 6$ e 7$, ditas ditas pretas. Sortimento de ceroulas de algodão a 1$500 e 1$800, ditas de linho a 2$ e 2$500, camisas francezas de todas as qualidades.

Para menino.

Calças de brim, de casemira, paletots de alpaca pretos e de cores, ditos de lãa, de casemira preta, ditos de panno francezes, camisa de todos os tamanhos, chapeos para homem e meninos.

Para senhora.

Manteletes de todas as qualidades a 10$, 15$, 20$ e 25$, capas a 30$ e 35$, mantas de lã pretas fazenda superior, véos pretos, imperialistas com flor de seda com 4 palmos de largura fazenda moderna, gravatinhas de setim e grosdenaples para senhora, galões, crinolina de diversas qualidades a 3$800, 4$ e 4$500, grosdenaple preto de 1$800, 2$ e 2$500, lenços com bico e labyrintho a 1$, cortes de cambraia bordadas a 3$500 e 4$500, saias bordadas de cordão a 2$500 e 3$, cambraia de cor finas a 240, 280 e 320 rs. o covado, riscado escossez a 280 e 320 o covado, e outras muitas fazendas e roupas para preços commodos; junto da padaria franceza.

Machinas americanas.

Em casa de N. O. Bieber & C., successores; rua da Cruz n. 4, vendem-se:
Machinas para regar hortas e capim.
Ditas para descaroçar milho.
Ditas para cortar capim.
Selins com pertences a 10$ e 20$.
Obras de metal principe prateadas.
Alcatrão da Suecia.
Verniz de alcatrão para navios.
Salsa parrilha de primeira qualidade do Pará.
Vinho Xerez de 1835 em caixas de 1 duzia.
Cognac em caixas de 1 duzia.
Arados e grades.
Crilhantes.
Barreças pequenas.

Relogios.

Vende-se em casa de Johnston Pater & C., rua do Vigario n. 3, um bello sortimento de relogios de ouro, patente inglez, de um dos mais afamados fabricantes de Liverpool; tambem uma variedade de bonitos trancellins para os mesmos.

No armazem de fazendas baratas de Santos Coelho, na rua do Queimado n. 19, vende-se o seguinte;

Cambraia de forro.

Peças de cambraia de forro de vestido, pelo baratissimo preço de 2$.

Madapolão enfestado.

Peças de madapolão enfestado superior, pelo barato preço de 8$.

Gollinhas de cambraia.

Ricas gollas de cambraia bordadas de traspasso a 1$600.

Cobertas de chita.

Cobertas de chita da India a 2$.

Lençóes de algodão.

Lençóes de bramante de algodão de um só panno a 1$900.

Lençóes de bramante de linho.

Lençóes de bramante de linho a 2$800.

Lenços brancos de cambraia.

Lenços de cambraia brancos para algibeira, duzia a 1$800 e 2$, lenços de cassa finissimos para algibeira, duzia a 2$400.

Pechincha.

Ricos cortes de vestido de seda com algum toque de mofo pelo baratissimo preço de 10$.

Pechincha.

Ricos vestidinhos de seda enfestados para meninas, pelo baratissimo preço de 4$.

Saias bordadas.

Ricas saias bordadas a 7$500, ditas de fustão a 5$500.

Lenços de seda.

Lenços de seda pelo barato preço de 1$.

Toalhas alcochoadas para mão.

Toalhas alcochoadas para mão, a duzia a 5$.

Bramante.

Bramante de linho com 10 palmos de largura, pelo barato preço de 2$ a vara.

Panno de linho.

Panno de linho de Porto com 10 palmos de largura a 2$ a vara.

Cambraia de salpicos.

Peças de cambraia de salpicos com 8 1/2 varas a 4$000.

Atoalhado de linho.

Atoalhado de linho com 8 palmos de largura, pelo barato preço de 2$500 a vara.

Toalhas para mesa.

Toalhas de linho adamascadas para mesa a 3$.

Fazendas pretas

Vende-se grosdenaple superior a 1$800 e 2$, bombazina muito fina a 1$600, merinó o melhor que se pode desejar, que outr'ora se vendia a 5$, vende-se agora a 3$, alpacas a 500, 600, 700, 800, 900 e 1$ o covado, e outras muitas fazendas que se tornam precisas e necessarias no tempo actual: na rua da Imperatriz n. 20, loja.

Lãasinhas.

Na rua da Imperatriz n. 20, vendem-se lãasinhas de superior qualidade e as mais bonitas que tem vindo para vestidos de senhora e vestuarios de crianças a 500 rs. o covado.

Oliados.

Vendem se oliados de differentes larguras e desenhos, muito recommendaveis para mesas de jantar e outros misteres, a preços muito baixos, que só á vista delles se dirão: na rua da Imperatriz n. 20.

Cassas.

Vendem-se cassas pretas e de cores a 240 rs. o covado, organdys de lindos e elegantes desenhos, fazenda tão boa, que as senhoras vendo não deixarão de comprar para vestidos a 500 rs. a vara, cassas adamascadas com 20 varas cada uma peça, fazenda propria para cortinados a 8$, e ditas com 8 varas a 2$: na rua da Imperatriz n. 20.

Nua da Imperatriz loja n. 20.

Acharão os amigos do bom e barato grande e variado sortimento de boas e modernas fazendas, e por menos preço do que em outra qualquer parte.

Feijão.

Rua do Amorim n. 43

Vende-se feijão preto pelo barato preço de 5$ o sacco grande.

Cascarrilhas

Só no vigilante rua do Crespo n. 7.

Até que chegou o grande sortimento de lindas cascarrilhas sendo pretas e de cores com fitinhas de velludo no centro, cousa muito elegante para enfeites de vestidos, e preço já se sabe menos 200 rs. em peça do que em outra qualquer parte: só no vigilante rua do Crespo n. 7.

Luvas de Jouvin.

Tambem chegou o novo sortimento de luvas de Jouvin sendo pretas, brancas e de cores: só no vigilante rua do Crespo n. 7.

Fitas para debrum de vestido.

Tambem chegou grande sortimento de fitinhas de cores e preta tanto de lãa como de seda para debrum de vestidos: só no vigilante rua do Crespo n. 7.

Trancinhas.

Tambem chegaram as muito desejadas trancinhas estreitinhas de lãa assim como de linho e de seda: só no vigilante rua do Crespo n. 7.

Voltinhas.

Tambem chegou o novo sortimento de voltinhas com cruzinha que se vende hoje pelo barato preço de 1$ cada uma, assim como as lindas voltinhas com laço de fita com aljofar no mesmo laço cousa chique pelo barato preço de 3$: só no vigilante rua do Crespo n. 7.

Brincos a balão.

Tambem chegou grande sortimento de brincos a balão sendo de todas as cores, pelo barato preço de 600 rs. o par: só no vigilante rua do Crespo n. 7.

Pentes.

Tambem chegaram as ricas guarnições de pentes tanto para atar como para marrafa tudo de lindo padrão e pedrinhas, assim como de marrafa em separado, tudo cousa de muito gosto: só no vigilante rua do Crespo n. 7.

Flores.

Tambem chegou o novo sortimento de flores para cabello assim como as lindas camelias: só no vigilante rua do Crespo n. 7.

Franjas pretas.

Tambem chegou o novo sortimento de franjas pretas de todas as larguras proprias para enfeite de capa ou mantelete e para vestido: só no vigilante rua do Crespo n. 7.

Franja de algodão.

Tambem chegaram as novas franjas de lindos padrões propria para cortinados, e para toalhas e de linho para enfeites, assim como muitos outros objectos de gosto que se recebe por todos os vapores que só com a presença dos bons freguezes é que poderão apreciar tanto em gosto como em preços que affiança vender-se tudo por menos do que em outra qualquer parte, não perdendo-se de seu custo: só no vigilante rua do Crespo n. 7

Leite virginal e vinagre aromatico.

A loja da aguia branca acaba de receber esses uteis e proveitosos liquidos sendo o leite virginal para tirar sardas e o vinagre aromatico para tonticas, dores de cabeça, vertigens etc., etc., cuja utilidade é reconhecida pelos que tem comprado: na rua do Queimado loja da aguia branca n. 16.

Novo sortimento de visporas e dominós.

Na rua do Queimado loja da aguia branca numero 16.

Meias pretas para padres a 6$ o par

Pelo preço de 6$ por um par de meias será facil de colligir-se a superioridade dellas, assim o S. R. que quizer calçar desses afamadas meias pretas é dirigir-se a rua do Queimado loja da aguia branca n. 16.

Acaba de chegar para a loja da aguia branca rua do Queimado n. 16

Novo sortimento de fitas de lãa para vestidos.
Dito dito de folhas para rosas.
Esponjas finas para rosto.
Novos e bem tecidos bandós.

Charutos vindos da Havana.

Acaba de chegar uma pequena partida em casa de Aranaga Hijo & C., e se vendem:
1 caixa Londres fino a 16$000.
1 dita regalia de Londres, (2 meias) 12$.
1/2 dita idem idem 6$.

O melhor que se tem visto em gollinhas e punhos.

A loja d'aguia branca acaba de receber uma pequena porção de guarnições de gollinhas com gravatas e punhos, obra de sublime gosto, e que pela primeira vez aqui vieram, e como do louvavel costume, a loja d'aguia branca da rua do Queimado n. 16, está trocando baratamente cada guarnição por 3$, e só não as comprará quem não as vir, ou não tiver dinheiro.

— Na primeira taberna da porta larga da rua das Cruzes n. 41 A, tem para vender-se uma grande porção de caixões de doce vasios, e dão-se baratos.

ATTENÇAO.

Vende-se um mulato escuro, perfeito cozinheiro e copeiro, bonita figura, de 20 annos; a entender-se com Agostinho Ferreira Junior, rua do Imperador n. 45, terceiro andar.

Barcaça.

Vende-se uma barcaça bem construida, de madeira de amarello e sicupira nova, de primeira viagem, de lote de 50 a 55 caixas: quem a quizer comprar mesmo a troca de generos ou fazendas, dirija-se a rua Nova n. 35, loja de ferragens de Silva, Bastos & C.

RECOMMENDAÇAÕ EM GERAL

ARMAZEM PROGRESSIVO

9—LARGO DO CARMO—9

Grande sortimento de molhados

vindos de conta propria

Por menos 10 a 20 por cento do que em outra qualquer parte.

Duarte & C.

Vendem em seu armazem os melhores generos que vem ao mercado e abaixo transcrevem a tabella de seus actuaes preços, garantindo-se a superior qualidade e preço, obrigando-se os mesmos a aceitar qualquer genero que não agrade a qualquer freguez.

Manteiga ingleza de primeira qualidade mandada vir de encommenda especial a 800 rs. a libra, e em barril terá abatimento.

Idem em potes de 4 a 16 libras, muito fina e propria para doente a 800 rs. e o pote separado.

Garrafões com 5 garrafas de vinho do Porto do Alto Douro a 2$240 com o garrafão, afiança-se que neste genero é o melhor que veio ao mercado.

Idem com 5 garrafas de vinho Figueira muito superior e mais proprio para a nossa estação por ser mais fresco a 2$400.

Manteiga franceza chegada pelo ultimo navio e muito nova a 580 rs. a libra e 560 rs. em barril ou meio.

Idem de porco refinada e muito alva a 400 rs. a libra e 360 rs. em barril.

Queijos flamengos chegados neste ultimo vapor a 2$400 e 2$600.

Idem suisso muito fresco a 400 rs. a libra.

Amendoas de casca mole a 320 rs. a libra e em porção terá abatimento.

Chá hysson o mais superior a 2$600 rs. a libra, afiança-se ser igual ao que regularmente vendemos a 3$ e 3$200.

Idem menos superior a 2$400, 2$ e 1$600 a libra.

Idem preto muito fino, que sempre se vendeu a 2$ a libra.

Presunto portuguez chegado ultimamente de casa particular a 480 rs. a libra e 40[illegible] sendo inteiro, que tem de 6 a 12 l[illegible]ada um.

Idem inglez para fiambre de muito boa qualidade a 500 rs. e tambem se vende a l[illegible]a a 560 rs.

Garrafões com 5 garrafas de superior vinho de Lisboa a 2$200 cada um.

Idem com 5 garrafas de vinagre de Lisboa o mais superior a 1$200.

Idem menos superior a 960 rs. cada um.

Vinhos generosos vindos do Porto engarrafados das seguintes marcas: Genuino, Porto fino, Nectar, Duque do Porto, Feitoria, Velho secco, Chamisso, Madeira superior e outros a 1$ a garrafa e 10$ a caixa com uma duzia.

Vinho Bordeaux das melhores marcas Margaux, St. Julien Medoc e S. Estephe e outros a 700 rs. a garrafa e 8$ a caixa com uma duzia.

Castanhas as mais perfeitas que tem vindo de Lisboa a 120 rs. a libra e em porção terá abatimento.

Chouriças e paios o mais novo que se póde desejar a 800 e 960 rs. a libra, tambem temos presunto para 400 rs.

Cognac verdadeiro inglez dos melhores fabricantes a 800 rs. a garrafa e 9$ a duzia.

Marrasquino de Zara em frascos grandes a 800 rs. cada um:

Licores francezes muito finos das seguintes marcas Anizete de Bordeaux, Plaizer des dames, creme de Noyou, Eau de veede dantzic, creme de menthe, Huile de Venus, Parfait amour, Curaçáo de Hollande, Eau d'or a 1$ a garrafa e 10$ a caixa com 1 duzia.

Passas muito novas e de camada a 400 rs. a libra e 6$500 a caixa com 1 arroba, ha caixas, meias e quartos.

Ameixas francezas em frascos de vidro de 1 1/2 libra e de 3 a 4 libras a 1$400 e 3$ cada um e 1$ a libra.

Marmelada imperial dos melhores conserveiros de Lisboa a 600 rs. a libra, em latas de differentes tamanhos e lacradas ermeticamente.

Frutas em caldas de todas as qualidades em latas muito bem enfeitadas a 500 rs. cada uma.

Ervilhas francezas e portuguezas muito novas a 640 rs. a lata.

Bolachinha de soda de especial encommenda muito nova em latas grandes a 2$500 cada uma.

Idem de sode e araruta muito superior em latas de 2 a 3 libras a 1$400 cada uma.

Biscoitos inglezes de diversas qualidades em latas a 1$400 cada uma.

Bolachinha ingleza a mais nova que se póde desejar a 4$200 a barrica de 1 arroba e 280 rs. a libra.

Verdadeira farinha de matarana a 320 rs. a libra e em porção terá abatimento.

Farinha de Maranhão muito alva e nova a 160 rs. a libra.

Azeite francez clarificado a 800 rs. a garrafa e 9$000 a caixa com 1 duzia.

Conservas inglezas dos melhores fabricantes Mixed Pickles, cebolas simples, e outras a 800 rs. o frasco e 9$000 a caixa com 1 duzia.

Mostarda da ingleza preparada em potes muito nova a 500 rs. cada um.

Môlhos inglezes de todas as qualidades e das melhores marcas a 500 rs. cada uma garrafinha.

Sal refinado em frascos de vidro de diversos modellos a 400 rs. cada um, só o frasco vale o dinheiro, tambem ha solto a 80 rs. a libra.

Vasos inglezes vasios de 4 a 16 libras muito proprios para deposito de doce, manteiga ou outro qualquer liquido de 1$000 a 3$000 cada um.

Sal refinado em vasos inglezes de 4 a 16 libras de 1$280 a 3$500 cada um.

Genebra italiana ou espirito de nebrina para uso medicinal em frascos grandes a 1$500 cada um.

Genebra de laranja excellente bebida em frascos grandes a 1$000 cada um.

Gomma para engomar muito fina e alva a 80 rs. a libra e 2$400 a arroba.

Sagú e cevadinha muito novas a 200 e 280 rs. a libra.

Arroz da India, Java e Maranhão a 3$000 a arroba do melhor, e 100 rs. a libra.

Café do Rio de 1.ª e 2.ª qualidade a 8$200 e 8$500 a arroba, e 280 e 300 rs. a libra do melhor.

Batatas em caixas de arroba a 1$200 e 60 rs. a libra.

Sabão verdadeiro hespanhol que raras vezes vem ao nosso mercado a 320 rs. a libra, e em caixa terá abatimento.

Idem branco sem ser hespanhol a 200 rs. a libra.

Idem amarello massa de superiores qualidade.

Graixa em latas muito nova a 120 rs. a lata e 1$400 a duzia.

Peixe em latas muito novo sável, pescada, carvina, salmom e outras qualidades preparados de escabexe e segundo a arte de cozinha de 1$400 a 2$000 a lata.

Amendoas confeitadas de diversas cores a 640 rs. a libra.

Painço a 140 rs. e 4$000 a arroba.

Papel greve pautado e liso a 3$800 a resma.

Genebra de Hollanda em botijas de conta a 460 rs. cada uma.

Frasqueiras com 12 frascos de superior genebra de Holanda a 6$500 a frasqueira e 600 rs. o frasco.

Vinhos em pipa Lisboa, Porto, Figueira das melhores marcas a 3$500 a canada do melhor, e em porção terá abatimento.

Vinho velho chamiço em barril muito proprio para sobremesa, por ser muito claro e macio a 640 rs. a garrafa e 5$000 a canada.

Vinho branco o mais superior que é possivel neste genero a 560 rs. a garrafa a 4$000 a canada.

Vinagre puro de Lisboa a 200 rs. a garrafa e 1$400 a canada.

Azeite doce de Lisboa em barril e muito fino a 640 rs. a garrafa, e em porção terá abatimento.

Champanhe das mais acreditadas marcas, 1$500 a garrafa, e 18$000 o gigo, com 1 duzia.

Charutos da Bahia dos melhores fabricantes de S. Felix das marcas seguintes: Varetas Brandrão, Suspiros, Avaneiros, Ypirangos, Guacyraba, Mississipe, Emilios, Regalos, Flôr do norte, Regalia Imperial e Flôr das matas, Ganabaras, Lanceiros, Flôr do rio, Distração dos jovens, Flôr imperial, e outras de 2$000, 2$500, 2$800, 3$200, 3$800, 4$000 e 4$500 a caixa, ha meias e inteiras.

Vellas espermacet superiores a 640, 680 e 720 rs. a libra, destas ultimas tem uma libra completa.

Idem de carnauba e composição a 320, 360 e 400 rs. a libra e 10$500 e 11$500 a arroba.

Azeitonas novas do Porto e Lisboa a 1$000 a ancoreta do Porto e 1$600 as de Lisboa estas ultimas, raras vezes vem ao nosso mercado pela sua boa qualidade.

Massas para sopa estrellinha, rodinha e pevide a 400 rs. e 2$500 a caixa com 8 libras liquido.

Alfazema muito nova chegada ultimamente a 320 rs a libra, e em porção terá abatimento.

Cominho e ervadoce muito novo a 400 rs. a libra de ervadoce e 800 rs. a de cominho.

Pimenta do reino a 400 rs. a libra e em arroba terá abatimento.

Palitos de dente, lixados, em maços com 20 macinhos a 160 rs. cada um.

Idem em caixinhas muito bem enfeitados a 320 rs. cada uma.

Massa de tomate em latas de 600 a 700 rs. cada uma.

Tijolo francez para limpar facas a 180 rs. cada um.

Palitos do gaz a 20 rs. a caixinha e 2$300 a groza.

Massas para sopa muito novas talharim macarrão e aletria a 400 e 480 rs. a libra.

Chocolate portuguez, hespanhol, francez e suisso das melhores qualidades a 1$000 a libra.

Doce da casca da goiaba a 800 rs. e 1$ o caixão.

Sevada nova a 140 rs. a libra e 4$ a arroba.

Enxofre a 100 rs. a libra e 3$ a arroba.

Serveja das melhores marcas de 4$ a 5$500 a duzia e 500 rs. a garrafa.

Peixe savel em barril a 120 rs. a posta.

Sardinha de Nantes do fabricante Basset a 380 rs. a lata.

Toucinho de Lisboa novo a 400 rs. a libra, e em arroba terá abatimento.

Idem de Lisboa chegado no ultimo navio a 440 rs. a libra.

O BALIZA

O BALIZA

GRANDE ARMAZEM DE MOLHADOS

DE

M. Pedro de Mello

Largo do Livramento ns. 38 e 38 A.

Defronte da grade da igreja.

AOS AMIGOS DA PAZ

Convencido o proprietario do BALIZA de que brevemente receberemos a apprasivel e grata noticia de que essa grande questão anglo-brasileira, que tanto tem dominado o espirito publico neste magestoso imperio, teve em Londres o desenlace por todos desejado, com a maior satisfação se tem munido do mais perfeito sortimento dos melhores generos, afim de que estejam os seus numerosos freguezes em tempo convenientemente preparados para banquetearem-se como amigos da paz, em honra do progresso e da humanidade.

AMEIXAS francezas em latas de 2 a 3 libras a 2$400.
AMENDOAS de casca mole a 240 rs. a libra.
Ameixas em latas de 1 1/2 libra a 1$400.
ARROS de Java de 100 rs. a libra em arroba 2$800.
Idem do Maranhão a 120 rs. a libra, arroba a 3$200.
Idem da India a 80 rs. a libra, arroba a 2$.
Idem da India a 60 rs. a libra arroba 1$800.
Idem com casca a 200 rs. a cuia, em sacco 20 cuias 3$000.
AZEITONAS NOVAS a 1$000 a ancoreta, e a garrafa a 300.
AZEITE doce refinado a 800 rs. a garrafa.
Idem idem em barril a 640 rs. a garrafa.
Idem de carrapato a 320 rs. a garrafa, em canada se fará abatimento.
BALAIOS um perfeito e rico sortimento de bellissimos balaios de diversos tamanhos.
BOLAXINHAS americanas a 280 rs. a libra. em barrica 4$500, qualidade especial.
BISCOUTOS inglezes em latas de 2 a 3 libras por 1$400.
Idem para lunch em latas 4 a 5 libras por 2$200.
BATATAS em gigos de 35 a 40 libras por 1$500.
CAFÉ em caroço de diversas qualidades a 240, 280 e 300 rs. a libra, e em arroba e saccos se fará grande differença.
CHA' perola, qualidade esta que raras vezes vem ao nosso mercado a 3$000 a libra.
Idem uxim a 2$800 a libra.
Idem hysson tão superior ou melhor do que o proprio perola vindo de encommenda por 3$ a libra.
Idem soffrivel a 2$200 a libra.
Idem idem a 2$.
Idem do Rio a 1$400, 1$500 e 1$600 a libra
Idem preto muito superior a 2$ rs. a libra.
Idem idem menos superior de 1$400 a 1$600 a libra, e em porção será por menos.
CHOCOLATE hespanhol e de Lisboa, suisso e francez de qualidades muito superiores a 720, 800, 1$ e 1$200 a libra.
CHARUTOS da Bahia dos melhores fabricantes a 800 rs. 1$, 1$600, 2$, 2$500, 3$, 3$500, 4$, 4$500, 5$ e 7$ da exposição.
CHOURIÇAS e salpicões a 800 rs. a libra.
CEBOLAS a 1$ o cento.
CONSERVAS inglezas a 800 rs. o frasco.
Conservas francezas a 500 rs. o frasco.
COGNAC inglez a 600 rs. a garrafa, em canada a 4$.
Idem engarrafado a 900 rs. a garrafa.
CHAMPAGNE propriedade do conde de Thoré, preparado expressamente para o gabinete de S. M. o Imperador dos Francezes, custando cada gigo com 12 garrafas ou 24 meias a 10$.
Idem do fabricante Porquet & Fagot a 8$ o gigo.
DOCES em calda (de diversas fructas) vindo de Portugal em latas muito bem acondicionadas a 500 rs. a lata
Idem da casca da goiaba e mais ordinario em caixões de diversos tamanhos.
ESTRAIT de absinth em garrafas muito grandes a 1$200 a garrafa dos fabricantes Richard & Muller e Eduard Pernode.
FARINHA de trigo das melhores maras a 120, 140 e 160 rs. a libra.
Idem do Maranhão a 160 rs. libra.
FIGOS muito superiores a 200 rs. a libra.
Figos em caixinhas muito bem enfeitadas, proprias para mimo por 1$400.
GENEBRA ingleza da marca Gato (encommenda especial a 1$200 a garrafa.
Graixa em latas a 1$250 a duzia e a 120 rs. a lata.
GOMMA excellente do Aracaty, a 80 a libra.
Idem soffrivel a 40 a libra.
Idem muito especial, verdadeiro producto de araruta a 320 rs. a libra.
KIRSCH WASSER de Richard & Muller, bebida esta de um sabor magnifico em vasos esquisitos a 1$500.
LICORES inglezes e francezes dos melhores fabricantes a 300, 500 e 800 rs a garrafa.
LINGUAS americanas de grande tamanho vindas em calda a 1$ cada uma.
MANTEIGA ingleza perfeitamente flor a 800 rs. a libra, neste genero, e existe sempre em numero de 10 a 15 barris abertos, afim de melhor satisfazer a exigencia do respeitavel publico.
Idem de segunda qualidade a 640 rs. a libra.
Idem de terceira idem de 400 a 500 rs. a libra.
Idem franceza a 640 rs. a libra de primeira qualidade e em barril a 600 rs.
Idem de porco em latas de 10 libras por 3$40[illegible]
Idem idem em barril a 360 rs. a libra.
MARMELADA dos melhores fabricantes de Lisboa a 600 rs. a lata de libra, e a 1$200 a de 2 libras.

MARRASQUINO de Zara a 800 reis o frasco.
MASSAS para sopa, aletria e talharim de superior qualidade a 240 rs. a libra, e em caixa de 26 libras por 5$.
Idem em caixas muito finas, representando diversas batalhas, etc. a 4$ a caixa.
Idem de tomate a 640 rs. a libra, vende-se de meia quarta para cima.
MOLHOS inglezes dos fabricantes Perrins, e outros por 400 rs. e 1$ a garrafa.
PASSAS a 480 rs. a libra, e em caixas a 7$.
PERAS SECCAS a 400 rs. a libra.
PHOSPHOROS do gaz a 200 rs. a duzia e a 20 rs. a caixa.
PRESUOTOS em calda de azeite, verdadeiro de lamego vindo de encommenda para o meu armazem a 640 rs. a libra.
PRESUNTOS americano 500 rs. a libra.
PALITOS para dentes maços com 20 macinhos, a 160 rs. o maço.
Idem adem com flor a 240 rs. o maço com 20 macinhos.
Idem em caixinhas com 2,000 palitos, a 280 rs. a caixinha.
PEIXE de Lisboa, Inglaterra e America preparado, conforme a arte de cozinha. das qualidades safio, linguado, pargo, salmão, lagostim e outras de 2 a 3 libras, de 1$300 a 1$400 rs.
QUEIJO prato chegado no ultimo vapor a 900 rs. a libra.
Idem londrinos do ultimo vapor a 900 rs. a libra.
Idem flamengo do ultimo vapor a 3$000.
SARDINHAS de Nantes a 360 rs. a latinha.
Sardinhas em barricas a 640 rs. o cento.
Idem de escabeche em latas grandes a 800 rs. a lata.
SERVEJA das marcas Tenente, Cobrinha, Cavallinho, Victoria e outras de 3$, 4$, 5$ e 5$800 a duzia.
SEVADINHA de França a 160 rs. a libra.
SAGU' a 280 rs. a libra.
SABÃO massas da melhor qualidade a 120, 160, 180 200 e 240 rs. a libra.
SAL refinado em boiões de vidro com rolha do mesmo, a 600 rs., o boião vale o dinheiro.
Idem em potes de louça a 500 rs. o pote.
TOUCINHO de Lisboa com mais de meio palmo muito novo a 400 rs. a libra.
Idem americano com carne a 200 rs. a libra, magnifico adubo para feijoada por ter queixadas e costellas.
TIJOLOS para limpar facas a 160 rs.
VASSOURAS americanas de grande duração e muito lindas a 640 rs. cada uma.

VELAS stearinas a 640 rs. o maço.
Idem idem a 600 rs.
Idem de carnauba do Aracaty a 400 rs. a libra.
Idem de Buenos-Ayres em caixinhas com 16 libras, tendo 14 por libra a 6$ a caixa e em libra a 400 rs.
Idem de composição a 320, 360 e 400 rs. a libra, e em arroba a 10$ e 11$, existe um deposito de 50 a 100 @ deste genero, afim de satisfazer com pontualidade qualquer pedido.
VINHOS engarrafados, vindo parte delles de conta propria, como sejam Madeira Secca, Camões, Chamisso, Malvazio, Carcavelos, Porto velho, e outros a 800 rs., 1$000, e 1$200 a garrafa.
Idem Lagrimas do Douro, este precioso nectar raras vezes vem ao nosso mercado, vende-se em garrafas brancas tendo nellas o nome do autor em alto relevo no proprio vidro; previne-se aos apreciadores que neste genero há hoje grande falsificação. O proprietario do Balisa não manda litographar etiquetas com estes e outros titulos e vinhos finos para pregar em garrafas atestadas de soffrivel Lisboa ou figueira adoçado, para illudir aos freguezes como fazem alguns annunciantes.
VINHO do Porto engarrafado denominado **BALIZA** qualidade esta ja bem conhecida a 640 rs. a garrafa.
Idem lagrimas do Tejo em pipa, vindo de encommenda, qualidade esta para a qual chamo a attenção do publico a 640 rs. a garrafa.
Idem de Lisboa e Figueira a 260$000 a ancora de 8 a 9 canadas.
Idem do Porto em garrafões de 4 5 garrafas, qualidade especial a 2$800.
Idem menos superior de 4 a 5 garrafas a 2$200
Idem em pipa do Baliza ou do Lagrimas do Tejo e outros a 5$000 a canada.
Idem de diversos paizes a 320 400 480 560 a garrafa quem deixará de beber vinho muito soffrivel por 320 rs. a garrafa.
Idem Bordeaux de diversas marcas de 640 e 800 rs. a garrafa.

VINAGRE de Lisboa em garrafões de 4 e meia a 5 garrafas por 1$200.

MUTILADO

LIQUIDAÇÃO

Calçado estrangeiro,

45—Rua Direita—45

O proprietario deste bem montado estabelecimento, preferindo perder 10 a 20 por cento, dinheiro em punho, a vender fiado com 30 por cento de lucro, deliberou dar um alegrão á rapaziada, calçando-a bem por preços desgraçados, como se vai ver:

Miliés.	10$000
Nantes borzeguins, bezerro, vaqueta e lustre, 2 solas taxiados.	10$000
Nantes borzeguins sola e vira. . . .	9$000
Inglezes de botão, vaqueta. . . .	9$000
Francezes botinas, bezerro, lustre, couro de porco.	8$000
Inglezes botinas, pés grande. . . .	6$000
Nantes sapatões, bezerro, vaqueta e lustre 2 solas e taxiados. . .	5$000
Nantes superior bezerro e *lustre*. . .	4$500
Sapatos entrada baixa sola e viralustre.	4$000
Borzeguins de cores para meninos e meninas	3$500
Sapatos de tapete para homens e senhoras	800
Idem de trança para homem	1$280
Idem de couro para senhora	500
Sapatões de brim com sola de borracha.	2$600

Para senhora ha um magnifico sortimento de botinas do melhor até ao inferior para todos os preços.

RIVAL
sem segundo

Rua do Queimado n. 55, loja de miudezas de José de Azevedo Maia e Silva, está vendendo todas as suas miudezas por preços que a todos admiram, como sejam:

Varas de sapas para fazer balões a . .	120
Caixas com superiores obreias a . .	40
Pares de botões de punhos a . . .	160
Pares de sapatos de trança muito finos a 1$440 e	1$800
Peças de fitas de velludo recortadas com 15 varas a	1$500
Caixas com muito superior papel amisade e outros a	700
Massos com superiores grampos a .	40
Canivetes de aparar penas a	80
Agulheiros com agulhas a	80
Duzia de meias brancas para homem muito finas a	1$600
Duzia de meias para senhora fazenda fina a	3$600
Cornetas de chifre para meninos a .	80
Escovas para limpar dentes muito finas a	200
Baralhos de cartas para volturete muito finos a	320
Ditos portuguezes a 160 e	500
Frascos de agua de Colonia muito boa a 400 e	500
Ditos de oleo babosa a 240 e . . .	500
Ditos com superior oleo de macassar a	100
Ditos com superior macassar perola a .	200
Ditos com superior banha transparente a	800
Ditos com superior cheiro a . . .	500
Ditos com superior agua celeste para cheiro a	1$500
Tranças de algodão brancas e de cores a	80
Caixas com superiores obreias de sello	80
Bolsinhas muito bonitas para guardar dinheiro a	500
Gravatas de seda de diversos gostos a	500
Tinteiros de vidro com superior tinta a	160
Pares de luvas brancas de algodão a	100
Carriteis de linha com 100 jardas, branca a	30
Fitas e cordões para enfiar espartilhos a	80
Caixas com colxetes francezes superiores a	40
Cartões de colxetes francezes a 40, 60 e	80
Facas e garfos cabo branco cravado a	3$200
Ditas ditas cabo preto cravado a . .	3$500
Ditas ditas de balanço muito finas a	6$000
Tesouras para costura pequenas finas a 200 e	320
Tesouras para cortar unhas muito finas a	500

Já chegaram

na bem conhecida loja União Commercial de Leandro & Miranda successores de Antonio Francisco Pereira, rua do Crespo n. 8 A.

Chapeos a canotier, moireantique pretos de cores e branco, capas e manteletes, de grosdenaple, preto, santi-emberque e igualmente um completo e variado sortimento de fazendas finas para um e outro sexo.

Mandam-se em qualquer parte para escolher-se, promettendo-se o agrado e sinceridade.

Fazendas baratas.
N. 27

Novo armazem de fazendas de Custodio, Carvalho & C., rua do Queimado n. 27.

Grande pechincha.

Madapolão enfestado muito superior a 8$ cada peça e a vara 400 rs.

300 rs o covado e vara 500 rs.

Finissimas cambraias organdys muito finas e cores fixas pelo barato preço de 300 rs. o covado ou a 500 rs. a vara.

Pelo barato preço de 1$600

Lenços brancos para homem e meninos a preço de 1$600 cada duzia.

Grande sortimento

de lençóes de bramante a 2$400 sendo de linho
Ditos de algodão a 1$800.
Ditos de panno de linho de feira a 2$.
Cobertas chinezas pelo barato preço de 2$.

Guardanapos

para mesa a 2$ cada duzia.

Bramante

de algodão com 10 palmos de largo vara 1$400.

Ricos chales

Paritanos para acabar por preço commodo.

Bramante de linho

proprio para lençóes e toalhas vara a 560 rs.

Saias para senhora

de fustão lavrado a preço de 5$500.
Balões de 30 arcos muito finos a 3$600.
Ricas colxas de seda a 30$.
Ditas de fustão lavrado a 5$.

Cambraia de linho

pelo barato preço de 4$ a vara.

Completo sortimento

de gollinhas para senhora de 600, 800 e 1$.
Filó de linho liso fino a 720 rs. a vara.
Lenços bordados para senhora a 1$.

Alpakelim

moderno fazenda a 280 rs. o covado.

Pannos

adamascados de lã proprios para mesa pelo barato preço de 1$500 cada um.

Camisinhas

de cambraia para senhora a preço de 2$.

— Vende-se um cabriolet de duas rodas, quasi novo, e com arreios para um cavallo, por commodo preço; a tratar na rua do Queimado n. 13, primeiro andar.

Babados ou tiras bordadas em fina cambraia transparente.

A loja d'aguia branca está recentemente provida de um bello e variado sortimento de babadinhos bordados em pecinhas, e tiras com bordados de um e outro lado, e outras que trazem no centro uma tira de entremeio, o que alem de muitas outras applicações servem perfeitamente para fronhas; assim como pecinhas de entremeios bordados em finas cambraias tapadas e transparentes, ditos largos, e outros de cores, é por conseguinte onde o pretendente pode melhormente ser satisfeito, tanto pela commodade dos preços como pelo bom gosto do sortimento, com tanto que vão munidos de dinheiro á rua do Queimado, loja d'aguia branca n. 16.

Novo sortimento de perfumarias finas

A loja d'aguia branca acaba de receber um novo e grande sortimento de perfumarias finas cujas excellentes qualidades de extractos, agua de colonia, banhas e cosmetique etc. já são bem conhecidas e apreciadas, resta pois que os pretendentes dirijam-se com dinheiro á rua do Queimado loja da Aguia branca n. 16.

Tardaram porem chegaram.

Os bonitos botões de porcelana dourada com banha fina, cujas maviosas, e jocoserias inscripções, os tornam recommendaveis para presentes. Saibam pois os pretendentes que elles continuam a ser vendidos á dinheiro á vista: na rua do Queimado loja da Aguia branca n. 16.

Gaz refinado.

Gaz refinado e melhor que tem vindo ao mercado, e em lotes de 2 galões; na rua da Cadeia do Recife n. 56 A, loja de ferragens, de Bastos

Potassa da Russia

Vende-se em casa de N. O. Bieber C., successores, rua da Cruz n. 4.

— Arados americanos e machinas para lavar roupa: em casa de S. P. Johnston & C., rua da Senzall Nova n. 42.

Objectos para luto.

Acontecia sempre quando uma familia tinha a infelicidade de precisar de objectos para luto, e queria alguma obra de gosto, nada achára alem do commum, hoje, porém, já não succede assim porque a loja d'aguia branca mandou vir, e acaba de receber o que de melhor e mais perfeito se pode dar nesse genero, sendo o sortimento seguinte: adereços com uma e duas pulseiras, outros com as mesmas peças e fivelas para cinto, rosetas, alfinetes, pulseiras e fivelas dispersas, botões para punhos e abertura, correntes e trancelins para relogios, cintos, etc., etc., tudo de apurado gosto. Estimaremos principalmente que ninguem mais precisasse de taes objectos, mas quando contra esses nossos bons desejos haja necessidade delles, já sabem que na loja d'aguia branca, rua do Queimado n. 16, é onde podem ser mais bem servidos, tanto em preços como em qualidades.

Novos objectos de gosto vindos para a loja d'aguia branca.

Bonitas fivelas de pedras para cintos.
Outras ditas atartarugadas.
Lindas voltinhas de aljofares com cruzes de pedras.
Outras ditas de dito grosso branco e de cores.
Outras ditas de coral de 2 e 3 fios tambem com cruzes.
Pulseiras de aljofares, cornalina, coral e cabello.
Ricos grampos para enfeites.
Cintos dourados e matizados, obra de muito gosto.
Pentinhos dourados e com pedras para bandós.

—Vendem-se caxões vazios proprios para bahuleiros ou funileiros á 1$200: nesta typographia se dirá.

Algodão da Bahia proprio para roupa de escravos e saccos de assucar.

Tem para vender Antonio Luiz de Oliveira Azevedo & C.: no seu escriptorio rua da Cruz numero 1.

AGENCIA
DA
Fundição Lew-Moor.

Rua da Senzalla Lova n. 42.

Neste estabelecimento continua a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor e taixas de ferro batido e coado de todos os tamanhos para ditos.

Potassa da Russia.

Acaba de chegar pelo brigue hamburguez *Otto* muito nova e superior, vende-se sómente no antigo e acreditado deposito na rua da Cadeia do Recife n. 12; onde tambem se vende, cal de Lisboa muito nova, e a preços commodos.

Grande pechincha
NA
LOJA DO PAVAO'.

Organdys a 240 rs. o covado.

Vende-se organdys de cores com padrões muito delicados a 240 o covado, ou a 400 rs. a vara, por ser grande pechincha: na rua da Imperatriz n. 60, loja e armazem do pavão de Gama & Silva.

Cortes de casemira preta.

Vende o pavão.

Vendem-se cortes de casemira preta enfestada, fazenda que o freguez vende não deixará de comprar pelo barato preço de 3$500 e 4$500 o córte, panno preto fino prova de limão a 2$ e 2$500 o covado: só na loja e armazem do pavão de Gama & Silva da rua da Imperatriz n. 60.

Para conservação dos dentes e bom tratamento da bocca.

A loja da aguia branca recebeu os seguintes extractos que muito servem para conservação dos dentes e gengivas, e agradavel aroma da bocca, sendo extracto de quinquina, essencia de menthe e aguas dentrice e balsamica etc., etc., cuja utilidade é geralmente reconhecida por todos quantos presam o bom tratamento da bocca e será ainda mais por quem de novo as quizer apreciar; assim como tambem recebeu opiatas ingleza e franceza e pós hygienicos para alvejar os dentes, tudo isso na rua do Queimado loja da aguia branca n. 16.

Toalhas, guardanapos, meias de linho.

Vende-se na rua do Crespo, loja n. 8, esquina da rua do Imperador, as melhores toalhas de linho para rosto e mesa, guardanapos de linho e de algodão, meias finas de linho para homem, por preço commodo.

Aos Srs. consumidores de gaz.

Nos armazens do Caes do Ramos n. 18 e na rua do Trapiche Novo (no Recife) n. 8, se vende gaz liquido americano primeira qualidade a retalho a 16$ a lata de 5 galões, assim como latas de 10 e de 5 garrafas e sendo em porção mais barato que em outra qualquer parte.

Rua da Senzalla Nova n. 42.

Neste estabelecimento vende-se: tachas de ferro coado libra 110 rs. idem de Low Moor libra a 120 rs.

Grande sortimento de fazendas baratissimas, na rua da Imperatriz numero 60.

Loja e armazem do Pavão.

Vende-se neste estabelecimento fazendas por preços mais baratos do que em outra qualquer parte, com o fim de apurar dinheiro, dando-se as amostras de todas as fazendas deixando ficar penhor, ou mandam-se levar as fazendas a escolher nas casas das familias, pelos caixeiros da acreditada loja do Pavão.

Cortes de lãa a 6$000

Vende-se cortes de lãasinhas para vestidos tendo 15 covados cada corte sendo todos padrões seguros pelo baratissimo preço de 6$000 reis; na rua da Imperatriz n. 60 loja do Pavão.

Madapolão do pavão a 4,000 e 4.500 rs.

Vende-se peças de madapolão francez infestado tendo 12 jardas cada peça a 4$ e 4$500 rs. ditas com 24 jardas marca SÓ que é o mais fino que ha no mercado por preço baratissimo; na rua da Imperatriz n. 60 loja do Pavão de Gama & Silva.

Cassas do Pavão.

Vende-se cassas francezas muito finas, côres seguras e de novos padrões pelos baratissimos preços de 280 e 320 rs. o covado, é mais barato que chita: na rua da Imperatriz n. 60, loja do Pavão.

O Pavão vende bramante

Vende-se bramante proprio para lençóes e toalhas com 10 palmos de largura a 1$440 a vara, dito de linho muito superior a 2$500 a vara, atoalhado adamascado com 8 palmos de largura: na rua da Imperatriz n. 60, loja do Pavão.

— Vende-se um preto moço e robusto com principios de pedreiro; para ver, na rua do Imperador n. 59, segundo andar, e para tratar na rua da Cruz n. 19.

Saute en selle.

Novos paletots de velludo de seda pretos muito bem enfeitados para as senhoras montar a cavallo, ultima moda em Paris; acham-se á venda em casa de J. Falque, rua do Crespo n. 4.

Pechincha.

Na rua do Crespo loja de quatro portas n. 8, vendem-se cassas de cores fixas a 240 réis o covado.

No armazem de fazendas baratas de Santos Coelho

Rua do Queimado n. 19

Vende-se o seguinte

Madapolão enfestado.

Peças de madapolão enfestado superior pelo baratissimo preço de 7$600.

Farelo a 4$000.

Vendem-se saccos com farelo a 4$, ditos com milho grandes a 3$800: na rua Nova n. 69, e na rua do Sol n. 29.

Linguas seccas.

Vendem-se no armazem da rua da Praia n. 12, linguas seccas, o melhor que tem vindo a este mercado, e por preço razoavel.

No armazem

de fazendas baratas de Santos Coelho, rua do Queimado n. 19, vende-se o seguinte:

Cambraieta.

Peças de cambraieta com 10 varas, propria para vestido, pelo baratissimo preço de 5$.

Superiores charutos da Havana

Aranaga Hijo & C. acabam de receber uma pequena partida que se venderão na rua do Trapiche n. 6, pelos seguintes preços:

1 caixa Londres fino 16$000.
1 dita regalia de Londres 12$000.
1½ dita dita 6$000.

Grande sortimento de fazendas pretas para a quaresma, na rua da Imperatriz n. 60, loja do Pavão.

Vende-se grosdenaples preto muito encorpado pelos baratissimos preços de 1$800, 2$, 2$500 e muito largo a 2$800 e dito muito superior a 3$200, manteletes pretos ricamente bordados e enfeitados com bicos largos que se vendem por preços baratissimos, setim da china fazenda toda de lãa sem lustre, com seis palmos de largura proprio para vestidos, por ser muito leve a 2$400 e 3$ o covado, alpaca preta de todas as qualidades por preços muito razoaveis, enfeites pretos a turca de muito gosto, luvas pretas de troçal a 640 rs. o par, e outras muitas fazendas que se vendem na rua da Imperatriz n. 60, loja do Pavão de Gama & Silva.

Chales pretos do Pavão.

Vende-se chales pretos de filó bordados pelo baratissimo preço de 4$000, ditos de lãa, sendo muito grandes a 4$000, ditos de merinó muito finos, sendo roxos e pretos a 5$, manteletes de grosdenaples muito bem enfeitados, que se vendem mais baratos que em outra qualquer parte, na rua da Imperatriz n. 60, loja do Pavão de Gama & Silva.

Roupa preta, vende o Pavão.

Calças de casemira preta, muito bem feitas, pelo baratissimo preço de 6$, 6$500 e 7$, palitots de panno preto muito superiores a 7$000 e 7$500, ditos de panno côr de café a 6$, cortes de casemira preta para calças, pelo barato preço de 4$, 4$500 e 5$: na rua da Imperatriz n. 60, loja do Pavão de Gama & Silva.

— Southall Mellors & C., tendo recebido ordem para vender o seu crescido deposito de relogios, visto o fabricante ter-se retirado do negocio; convida, portanto as pessoas que quizerem possuir um bom relogio de ouro ou prata do celebre fabricante Kornby, a aproveitar-se da opportunidade sem perda de tempo, para vir compra-los por commodo preço no seu escriptorio rua do Trapiche n. 38.

Moendas e meias moendas.
Taixas de ferro batido e coado.
Machinas de vapor.
Rodas d'agua.
Rodas, dentadas etc., etc.
Rua do Brum n. 38, fundição de D. W. Bouman.

— Vende-se um optimo piano muito moderno, da casa dos Srs. A. Blondel & S. Vignes, comprado ao Sr. Vignes, na rua do Imperador, acha-se em perfeito estado, e vende-se com grande differença do seu primeiro custo; a vêr na rua do Cabugá n. 3.

BARATO
SO NO
ARMAZEM
PROGRESSISTA.
DE
Joaquim José Gomes de Souza,

36 Rua das Cruzes 36

NO
Bairro de Santo Antonio.

O proprietario do muito acreditado armazem denominado Progressista, tendo sempre em vista fazer tudo o que for possivel, para bem servir aos seus freguezes, tem deliberado vender os seus já bem conhecidos generos de primeira qualidade pelos preços abaixo mencionados, e affiança as pessoas que mandarem comprar por seus criados ou escravos, serem tão bem servidos como vindo pessoalmente, encarrega-se de aviar qualquer encommenda, ainda mesmo contendo objectos não proprios deste estabelecimento. O mesmo pede aos senhores que mandarem comprar neste armazem o favor de mandarem devolver qualquer objecto que não agradar, devendo os mesmos senhores ter toda attenção com os seus portadores, fazendo-lhes ver que só no armazem Progressista da rua das Cruzes n. 36, é que se vendem os melhores generos por mais barato preço, porque estes muitas vezes olvidam-se e vão a outra parte aonde os servem de maneira a desagradar este estabelecimento.

Manteiga ingleza de primeira qualidade a 800 e 1$ rs. a libra.
Idem franceza a 640 rs. a libra, e em barril a 600 rs.
Estrellinhas para sopa a 600 rs. a libra, e 4$ a caixa com 8 libras.
Presuntos do Porto, os mais novos do mercado a 560 rs. a libra.
Vinhos generosos das melhores marcas, Genuino, Porto fino, Duque do Porto, Nectar, Feitoria, velho seco e Madeira a 9$500 a duzia e 900 rs. a garrafa.
Idem em garrafões com 5 garrafas a 2$500.
Idem em garrafões com 5 garrafas de dito de Lisbôa a 2$100.
Idem em garrafões com 5 garrafas de dito branco a 2$600.
Idem em pipa a 3$, 3$500 e 4$ a canada e 440, 500 e 560 a garrafa.
Idem muito superior da Figueira a 4$500 a canada, e 600 rs. rs. a garrafa.
Garrafões com 5 garrafas de vinagre de Lisboa a 1$120.
Idem com cinco garrafas de vinagre hamburgez a 800 rs.
Idem com 5 garrafas de genebra de Hollanda a 2$500.
Idem com 5 garrafas de vinagre branco a 1$300 e a 240 rs. a garrafa.
Idem com 5 libras de sagú muito novo a 1$400 e 280 rs. a libra.
Vinagre de Lisboa em pipa a 1$120 e 1$600 a canada, e a 200 e 240 rs. a garrafa.
Passas as mais novas do nosso mercado a 400 rs. a libra e 7$500 a caixa.
Queijos flamengos chegados no ultimo vapor a 2$300, e 2$500.
Chouriças e pa[illegible] o melhor que se pode desejar n'este genero a 800 rs. a libra.
Marmelada imperial, dos melhores conserveiros de Lisboa a 560 rs. a libra.
Marrasquino de Zara, em frascos muito grandes a 700 rs.
Cognac superior a 760 rs. a garrafa e 8$500 a duzia, tambem ha para 1$200 a garrafa e 12$000 a duzia.
Frutas em calda de todas as qualidades que costuma vir de Portugal a 480 rs. a lata.
Ervilhas francezas e portuguezas a 620 rs. a lata.
Bolachinhas de soda muito superior, em latas grandes a 2$300.
Idem em latas mais pequenas a 1$300.
Licores francezes de todas as qualidades a 900 rs. a garrafa e 10$ a duzia.
Bolachinhas inglezas, a mais nova do nosso mercado a 5$ a barrica e 280 rs. a libra.
Farinha do Maranhão muito alva e cheirosa a 140 rs. a libra.
Azeite doce francez e portuguez refinado e clarificado a 760 rs. a garrafa e 8$800 a duzia.
Mostarda preparada, a melhor que tem vindo ao nosso mercado a 400 e 500 rs. o frasco.
Genebra italiana em frascos muito grandes a 1$.
Idem de laranja muito superior a 1$.
Idem de Hollanda a 6$400 a frasqueira com 12 frascos e 560 rs. o frasco.
Charutos da Bahia, dos melhores fabricantes e diversas marcas a 2$, 2$400, 2$700, 3$100, 3,600, 4$, e 4$300 a caixa.
Erva-doce e cominhos muito novas a 360 e 700 rs. a libra.
Velas stearinas a 640, 680 e 700 rs. o masso.
Idem de carnauba do Aracaty a 380 rs. a libra, e 11$400 a arroba.
Idem de composição a 320 e 360 rs. a libra, e 10$000 e 10$500 a arroba.
Pimenta do reino a mais nova que existe no mercado a 360 rs. a libra.
Massa de tomate em frascos e latas a 560 e 640 rs.
Phosphoros de gaz a 20 rs. a caixinha e 2$300 a groza.
Palitos lixados para mesa a 160 e 180 rs. o maço.
Idem em caixinhas douradas a 300 rs. cada uma.
Chocolate de todas as qualidades a 900 rs. e 1$ a libra.
Doce da casca da goiaba a 700, 900 e 1$200 o caixão.
Peixe em latas, savel, pescada, corvinas e linguados a 1$300 a lata.
Caffé do Rio de primeira qualidade a 8$ e 8$500 a arroba, e 280 a 300 rs. a libra.
Arroz do Maranhão, da India e de Java a 3$ a arroba e 100 rs. a libra.
Farinha de aratura verdadeira a 500 rs. a libra.
Chá hysson muito superior a 2$500 por libra.
Idem menos superior a 2$300 a libra.
Idem huxim a 2$800 a libra.
Idem perola muito superior a 3$ a libra.
Idem preto muito fino a 2$ e 2$400 a libra.
Garrafões vasios proprios para qualquer liquido a 500 rs. cada um.
Passas corinthias para podim a 800 rs. a libra.
Figos verdadeiros de commadre a 200 rs. a libra.
Macarrão e talharim a 200 rs. a libra.
Vinho Bordeaux de diversas marcas a 700, 800, 900 e 1$ a garrafa, e 8$, 8$500, 9$ e 10$ a duzia.
Batatas em gigos com 35 libras a 1$600, e 60 rs. a libra.
Gomma muito alva a 80 rs. a libra e 2$200 a arroba.
Champagne muito superior a 14$000 o gigo e 1$400 a garrafa.
Sardinhas de nantes a 360 rs. a lata.

ATTENÇÃO!!

Além destes generos existe um completo sortimento de papel pautado e liso, dito de embrulho, queijo prato, toucinho, manteiga franceza, banha de porco, sal refinado, molhos ou calda de tomate, cravo, canella, absintho, sabão, azeitonas, cebolas, alhos, afazema serveja, amendoas de casca molle, tijolo para limpar facas, e todos os mais generos pertencentes a estabelecimentos d'esta ordem, que todos se venderão por menos do que em outra parte.

LOJA
da boa fé na rua da Imperatriz n. 74.

Vendem-se punhos e collarinhos bordados com botões para senhora a 1$500, manguitos com gollinhas bordados, diversos gostos, a 1$, gravatinhas para senhoras a 800 rs., mantinhas de coral com dous e tres fios a 1$600 e 2$, voltas de dito a 500 rs., voltas pretas e de cores a balão a 400 rs., ligas para atar meias a 100 rs. o par, luvas de Jouvin pretas e cor de cana para senhora a 1$ o par, meias de cores para homem a 160 o par, ditas cruas muito boas a 200 e 240, ditas para senhora a 240, facas e garfos cravados e lisos a duzia a 3$200, ditas de balanço muito finas a 6 e 7$000, tesouras finas para unha a 500 rs., pentes pretos para alisar a 240 e 260, escovas finas para dentes a 140, 240 e 500 rs., linha em cartão Pedro V com 200 jardas a 60 rs., ditas com 50 jardas a 20 rs., maço de grampos muito bons a 40 e 60 rs., canivetes de uma folha a 80 rs., caixa com muito boa obreia a 40 rs., caixa de palitos de gaz e de velas a 20 rs., agulha Victoria de n. 6 a 15, fitas de velludo de todas as larguras, fivelas para cinto, missangas miudas todas de cores, e grande sortimento de miudezas que se vende por menos do que em outra parte para se apurar dinheiro.

Pentes de tartaruga e varios artigos proprios para a quaresma, na loja do pavão.

Vendem-se ricos pentes de tartaruga virados á Eugenia, pelo baratissimo preço de 3$500, e ricos adereços pretos proprios para luto, pelo baratissimo preço de 2$500, luvas de torçal com vidrilhos, pelo baratissimo preço de 800 rs., ditas de dito sem vidrilhos a 640, ricas enfeites pretos e de cor á turca, pelo baratissimo preço de 4$: na rua da Imperatriz n. 60, loja do pavão.

Mantas pretas de filó.

Vendem-se mantas pretas de filó, pelo baratissimo preço de 6$: na rua da Imperatriz n. 60, loja do pavão, de Gama & Silva.

Manteletes pretos, na loja do pavão.

Vendem-se ricos manteletes de grosdenaple preto muito bem enfeitados, pelo baratissimo preço de 25$ cada um; na rua da Imperatriz n. 60, loja do pavão.

Crinolinas ou balões do pavão.

Vende-se um grande sortimento de balões americanos, sendo os melhores e mais bem armados que tem vindo ao mercado, sendo seus preços com 20 arcos pelo barato preço de 3$500, 35 ditos a 4$, com 30 ditos a 4$500, com 40 ditos a 5$, isto por haver grande porção; na rua da Imperatriz n. 60, loja do pavão.

A 80 rs. a libra.

Vende-se carne de vacca salpreza a 80 rs. a libra, e a 2$ a arroba; defronte da matriz da Boa-Vista n. 88; e sendo um barril de 6 arrobas se fará abatimento.

Superior tinta de escrever

Vende-se na rua do Crespo, loja n. 19, e nas seguintes na mesma rua: n. 5 de Marcelino & C., n. 7 do galo vigilante; rua do Queimado n. 33 da boa fama, n. 16 da aguia branca; e rua larga do Rosario n. 30, bazar pernambucano.

Rua da Senzalla Nova n. 42.

Vende-se em casa de S. P. Johnston & C., sellins e silhões inglezes, candieiros e castiçaes bronzeados, lonas inglezas, fio de vela, chicotes para carros e montaria, arreios para carros de um a dous cavallos, e relogios de ouro patente inglez.

Escravos fugidos.

Escravo fugido.

Desde o dia 23 do corrente março acha-se fugido o escravo Victorino, cabra, representa ter 22 annos, com signaes de bexigas no rosto, sem barba, cabello carapinho, baixo, grosso, cara larga, sem dous ou mais dentes na frente, gagueja muito quando é amedrontado, assás ladino, é pedreiro, as vezes anda calçado para parecer forro, trajava camisa de chita, calça de casemira escura, chapéo de palha; quem o apprehender será bem recompensado, e póde leva-lo á rua do Imperador, outr'ora do Collegio n. 50, primeiro andar.

Attenção.

Desappareceu ha dias um mulatinho de nome Theodoro, idade de 16 annos, corpo reforçado, rosto redondo, nariz chato, olhos pequenos, mãos grossas e dedos pequenos, e tem em um dos braços uma cicatriz proveniente de um talho de foice, cujo mulatinho andava trabalhando em companhia do mestre carapina Theotonio João da Cunha, morador em Jaboatão, conhecido por Catanho: portanto roga-se aos moradores desses engenhos por onde tem andado dito mulatinho, assim como a outra qualquer pessoa que o conhecer e as autoridades policiaes e capitães de campo o favor de o apprehender e leva-lo ao cáes do Ramos n. 2, que será generosamente recompensado. Recife 19 de março de 1863.

— Fugio de casa de seu senhor o escravo Luiz, preto, crioulo, idade perto de 50 annos, com uma pilha de cabellos brancos acima da testa, sem dentes na frente, barbado, tendo suissas por baixo do queixo, baixo, cheio do corpo, pernas arqueadas, vestido de camisola azul, tendo sido visto trabalhando em prensa de algodão, e na travessa dos Martyrios; pede-se a prisão delle, levando-o a seu senhor na rua de Hortas, cartorio do escrivão Vasconcellos n. 10, que gratificará o apprehensor.

— Anda fugido desde 19 do corrente um pardo de nome Eugenio, de idade de 20 annos, magro, sem os dentes da frente da parte superior, picado de bexigas, tem falta de cabello no lado esquerdo da cabeça, e igualmente a falta do olho esquerdo que o tem coberto, levou paletot de algodão riscado de azul, calça branca e camisa fina; o mesmo vaga pelas ruas da cidade: quem o levar a rua da Imperatriz n. 9, segundo andar, será gratificado.

— Continúa a estar fugido desde o dia 18 de janeiro proximo passado o preto Laurentino, crioulo, de idade de 25 annos, pouco mais ou menos, com os signaes seguintes: estatura alta, corpo regular, cor preta, rosto redondo e picado de bexigas, com falta de dentes na frente, falla gago, é bastante umbigudo, tem a canella de uma das pernas mais grossa; levou calça de algodão azul e camisa do mesmo listrado, levou tambem um gancho ao pescoço, e é de suppor que o tenha tirado, e tem officio de pedreiro: roga-se, portanto, ás autoridades policiaes ou qualquer pessoa que o encontre, o favor de apprehende-lo e levar á padaria do pateo da Santa Cruz n. 6, que serão generosamente recompensados; assim como protesta-se contra quem o tiver acoutado.

Attenção

Fugio no dia 11 deste corrente mez o escravo Fernando, de idade de dez annos, com os signaes seguintes: côr cabra, rosto um tanto escarvenado e comprido, com marca de chicote nas costas, olhos grandes e os dedos dos pés um tanto arrebitados proveniente de bichos, levou vestido calça de brim e palitot de mussulina branca, sem chapéo, suppõe-se andar nesta praça, visto a mãe delle aqui morar e pertencer a Joaquim Cavalcanti de Albuquerque Mello Filho: roga-se portanto ás autoridades policiaes ou qualquer pessoa que o encontre, o favor de apprehende-lo e levar em Santo Amaro de Jaboatão ao seu senhor Francisco de Paula Souza Leão Junior, que será bem recompensado; assim como protesta-se contra quem o tiver acoitado. Adverte-se que foi com os cabellos cortados rente e na frente grande.

MUTILADO

Litteratura.

Ave Crux † Spes unica.

Se a mãe dos machabeus excitava o unico filho que lhe restava, á vista dos cadaveres ensanguentados e desmembrados de seus irmãos, a que olhasse para o céu afim de o animar aquelle exemplo: a Mãe do homem Deus parece que nos excita agora a olhar para aquelle monte terrivel, para o Golgotha.

E se aquelle bom machabeu se deixou tocar pela vista do sangue, que ainda talvez fluia das feridas de seus irmãos, ficaremos nós insensiveis ao contemplar o coração da Mãe de Deus atravessado por uma espada tão aguda? Sabamos, pois; vamos ao Calvario, e lá encontraremos Maria ao pé da Cruz de seu Filho. Daquelle monte Ella nos mostrará outro, que nos consolará. Do Calvario apontará o Thabor. Animo, sabamos.

Eis-nos defronte daquelle infame patibulo, donde pende o Salvador do mundo; mas onde está aquella formosura, de que nos falla o propheta rei: *Speciosus forma præ filiis hominum?* Não conserva quasi as apparencias de homem, parecendo mais um verme do que um homem: *Ego autem sum vermis, et non homo.*

Jesus Christo reduzido a este estado por amor dos homens, e para salvar os homens, não querendo limitar-se á quanto já havia padecido, quiz dar uma prova exuberantissima deste amor! Depois de nos deixar documentos tão sublimes, deu-nos ainda extrema lição para o momento extremo de nossa vida. Pae, disse, Pae, em tuas mãos entrego o meu espirito. *Pater in manus tuas commendo spiritum meum.* E logo depois, inclinando a cabeça, expirou *et inclinato capite emisit spiritum.* Entregou o espirito a seu rei! Eis o exemplo, christãos; morramos assim, com tão divina conformidade!

Commentando São João, diz Santo Agostinho: « Acha a escriptura sagrada que contar e que notar a respeito da morte dos santos, e não achará que notar e ponderar no transito do Santo dos santos?

« Muito ha que notar, muito ha que ponderar, tambem ha muito que chorar no transito da [mor]te do Filho de Deus, porque no fim de sua [vida] e naquella ultima hora foram tão elevadas as obras que fez, e foram tão profundas as palavras que disse, que transcendem a capacidade humana, e sobrepujam a intelligencia angelica. Santo Ireneu diz n'um seu sermão: « Desd[e] [illegible] os seculos dos seculos, *usque in sæculo seculorum*, nunca houve morte tão cruel, porque ma[taram] a piedade, nem morte tão injusta, porque mataram o Innocente, nem morte tão infame, porque mataram na cruz, nem morte tão escandalosa, porque dura até o dia de hoje, nem morte tão generosa, porque mataram o Creador, nem morte tão proveitosa, porque mataram o Redemptor.

Mas Jesus Christo morrendo morreu com força, morreu clamando com grande voz, *exclamavit voce magna*, afim de, como diz S. João Chrysostomo, ensinar os vivos e de citar os mortos para virem todos ver o sangue que derramava repartindo-o por todo o mundo.

Que grande differença entre a voz do pregoeiro, que gritava por ordem de Pilatos, e a voz de Jesus Christo?! [illegible] por parte de Pilatos. O primeiro gritava justiça [illegible]; o segundo gritava misericordia, a misericordia que tinha pedido a Seu Eterno Pae. *Pater dimitte illis.* (S. Lucas XXIII. 34.)

Aproveitemo-nos, pois, daquella offerta, que parece fazer-nos lá de cima daquelle monte. Elle está sempre prompto para nos acolher e usar para comnosco a sua misericordia divina. Estamos em dias de perdão e de graças; não os devemos desprezar. E quem sabe se não os tornaremos a ter eguaes?

Redobremos este anno as nossas supplicas em favor da egreja de Jesus Christo, tão perseguida não só pelos hereges e scismaticos, mas tambem pelos impios, que parece multiplicam-se cada vez mais.

Possa aquella *dimitte illis* estender-se a tantos cegos do nosso tempo.

Se estas supplicas se fizerem com fé, nestes santos dias, dias de propriação, se alcançará mais esse triumpho por meio da Santa Cruz.

MARQUEZ DE LAVRADIO.
(Nação.)

Domingo de Ramos.

A este domingo chamava a primitiva egreja *capitulavium*, porque nesse dia se lavavam as cabeças dos catecumenos convertidos á religião, como acto preparatorio para o baptismo que lhes éra administrado no sabbado santo.

A festa de Ramos, pois, instituida ha seculos, e que hoje a egreja solemnisa, figura a entrada triumphante de Jesus Christo em Jerusalém.

Era chegado o tempo em que tinham de ser realisadas as prophecias e cumpridas as escripturas; o filho do homem devia caminhar para o lugar do supplicio, e ahi, offerecendo-se em holocausto por amor dos homens, e pelos peccados dos homens, ser a sua morte o seguro penhor da redempção do genero humano.

E' no tempo do imperio de Tiberio, sendo Poncio Pilatos governador da Judéa, e Herodes Tetrarca da Galiléa, no pontificado de Annas e Cayphás, que Jesus Christo vae terminar sua gloriosa missão sobre a terra, e dar complemento ás prophecias e ás letras da escriptura.

« Setenta semanas são contadas á tua gente e á tua cidade santa disse o anjo Gabriel a Daniel. Então serão expiadas todas as prevaricações, terá fim o peccado, será destruida a iniquidade, e descerá á terra a justiça eterna. Cumprir-se-hão as figuras e prophecias, e o Santo dos Santos receberá a Uncção divina. Desde a publicação do edito que ordenar se reedifiquem os muros de Jerusalem até ao Christo Rei, passarão sessenta e nove semanas... e depois será morto o Christo. »

Restava a septuagesima semana de Gabriel, e Jesus Christo vae dar cumprimento ao que della annunciára o mesmo anjo.

Elle parte de Bethamia com seus discipulos, e perto de Bethfage, villa situada na raiz do monte Olivete, pouco distante de Jerusalém, disse a dous delles: « Ide a esse povoado fronteiro, onde achareis uma jumenta, trazei-a; e aos que vos perguntarem por que a levaes, dizei que o Senhor della ha mister. »

Havendo os discipulos cumprido com o mandado do Divino Mestre, elle proseguiu em sua viagem, e tendo chegado logo a noticia de sua visita á cidade santa, o povo que de todos os lugares havia concorrido á ella para a celebração da paschoa, tomou ramos de palmas, e em grandes turmas iam ao seu encontro, gritando:

« *Hosanna, Filio Davidis; benedictus qui venit in nomine Dominis! Hosanna in excelsis!* »

Para tornarem mais sensivel esta publica manifestação de regozijo, uns estendiam pela estrada seus mantos, e outros juncavam o caminho com ramos de arvores.

No respaldo do monte Olivete avistaram-se os discipulos de Jesus Christo e as turmas; aquelles, cheios de contentamento pela gloria que recebia seu mestre, o victoriavam conjunctamente em altas vozes: « Gloria ao Filho de Deus, bemdito seja o que vem em nome do Senhor. Bemdito seja o reino do nosso pae David que chegar vemos!

Muitos dos Phariseus, que se tinham encorporado ás turmas, não podendo conter a indignação que lhes causavam as ovações que tributavam a Jesus, lhe disseram:

« Mestre, porque não fazes calar os teus discipulos? »

« As pedras clamarão, respondeu Jesus. »

Esta resposta os abysmou no mais concentrado furor.

Então, perto de Jerusalém, Jesus Christo levantou seus olhos para aquella infeliz cidade, cujos crimes antevia e disse: « Ah! se conhecêras este dia, que podia trazer-te paz!.... Porém tudo é escondido a teus olhos, teus muros serão destruidos, teus filhos exterminados, nem ficará pedra sobre pedra, porque não conheceste o tempo em que Deus te visitá a »

Ao entrar Jesus em Jerusalém, toda a cidade se agitou e perguntava quem elle era; e o povo que acompanhava dizia: « E' Jesus, Propheta de Nazareth em Galiléa. »

E os filhos dos hebreus, que o precediam o acclamavam dizendo: « *Hosanna in excelsis; benedictus qui venit in multitudine mizericordia tua.* »

A esse tempo tinham deliberado em conselho os principes dos sacerdotes e os senadores do povo prender e condemnar Jesus á morte. E, comquanto tudo fosse presente a Jesus, porque como Deus Filho nada podia ser occulto á sua omnisciencia. Elle não recua, não vacilla na dolorosa missão de que fôra encarregado por seu Eterno Pae; caminha intrepido e pressuroso a consumar a obra de nossa redempção.

Siga, pois, o christão os passos de Jesus Christo, porque, como diz S. Paulo: « O caminho das afflições é a vereda que indireita á gloria de Jesus Christo, e para obter a gloria convém participar dos seus padecimentos. »

A egreja nos chama a acompanha-la na solemne festa de Ramos. Corramos á morada do Senhor, e ahi possuidos de um verdadeiro sentimento de fé e de piedade juntemos nossas orações e nossas supplicas aos canticos que entoam os ministros do altar á sagrada paixão de Jesus Christo.

(Jornal do Commercio, do Rio.)

Postillas de grammatica geral applicada á lingua portugueza pela analyse dos classicos.

[*Conclusão.*]

Um, ou outro, os ainda muitos vocabulos adoptados do francez, que cabem bem na lingua, necessarios, sonorosos e expressivos, não a deturpam por certo, e nem é nisto que consiste o gallicismo, são antes donosos neologismos, com que ella rime as suas necessidades e escacezas, e opulenta-se. A viciosa coordenação dos termos da oração, a errada collocação dos complementos na proposição, e das proposições no periodo, o tecer, em summa, o discurso, dando-lhe o meneio e geitos da construcção franceza, eis ahi o gallicismo torpe, barbaro e vergonhoso, de que devemos fugir.

Se já houvesse um bom tratado de construcção portugueza, não baldára Francisco Manoel, na guerra que emprehendeu contra o gallicismo, os esforços titanicos de seu peregrino engenho e rara erudição amontoando no decurso de sua tão longa vida, ode sobre ode, satyra sobre satyra, epigramma sobre epigramma. As odes eram grandiloquas e sublimes. A poesia lyrica ainda manteve austos mais altaneiros; as satyras adubadas de sal attico, emulavam na vehemencia com as de Juvenal, com as de Boileau no fresco e no judicioso; e os epigrammas tinham a ponta acerada e bem aguçada, e dardejava-os mão amestrada e certeira, que nunca errava o alvo, nem frustrava o tiro.

E, não obstante, ia o gallicismo por diante, na sua marcha vandalica, abastardando e barbarisando a formosa lingua de Camões e Souza Caldas.

Porque é que isto assim aconteceu?

Porque é que Filinto, que pugnava pela causa mais justa e razoavel, e rude batalhador descia á liça com armas da mais fina tempera, retravase, senão vencido, não vencedor? E' que [illegible] semente, que se lançava á terra, era excellente de primeira qualidade; mas a terra é que [illegible] estava revolvida e convenientemente agricultada para recebe la. E' que os contemporaneos de Filinto não estavam devidamente preparados para apreciarem os divinos raptos do seu estro immortal, que, além disso, traduzia-se em odes admiraveis de mais para linguagem quinhentista, linguagem, no entender da mór parte dos seus contemporaneos e adversarios inculta, obsoleta e rebarbativa. Ora, se Francisco Manoel não pôde esmagar o gallicismo sob o peso dos seus volumes monumentaes, força é confessar, que a arma de que lançou mão, o methodo de que se serviu, não eram os mais azados e apropriados para a consecução do fim desejado.

Assim é. Nas escolas de primeiras lettras, com grammaticas, que ensinem todos os segredos da construcção, e resolvam todas as difficuldades, e expliquem todos os idiotismos da lingua, como faz o livro do Sr. Sotero, é que se ha de debellar o monstro litterario, que ameaça devorar-nos a lingua.

O Sr. Sotero, pois, com a publicação das suas postillas, fez um relevantissimo serviço ás lettras patrias, á instrucção publica, e especialmente aos amantes estudiosos da lingua vernacula, que possuem agora uma bussola, com que se guiem na leitura tantas vezes aparcellada e naufragosa dos classicos.

Trajano Galvão de Carvalho.

(Do *Correio Mercantil*, do Rio.)

Direito maritimo.

Necessidade de uma lei maritima para regular as relações dos neutros e dos belligerantes.

As hostilidades, que estiveram a ponto de rebentar entre duas poderosas nações maritimas, interessavam no mais alto gráu todos os povos commerciantes e navegadores, isto é, todos os povos civilisados do universo. Assim, diante desta perspectiva ameaçadora, a opinião vivamente commoveu-se. Calcularam-se, com mais ou menos exactidão, as forças respectivas dos combatentes, e mesmo as probabilidades de successo de cada um delles. Procurou-se de que lado estava o bom direito, ou pelo menos a apparencia de justiça, posto que o dever absoluto das nações, que nenhuma parte querem tomar nas hostilidades, seja de considerar a guerra como egualmente justa da parte dos dous belligerantes. Occupou-se, porém, menos da sorte reservada em tal conflicto aos povos que, usando de sua independencia, querem conservar-se tranquillos espectadores da luta, e manter com os dous inimigos todas as relações de commercio e mesmo de amizade. E' entretanto de grande utilidade indagar se todas as desgraças que tem assobrunhado esses povos durante as precedentes guerras maritimas podem ou devem ainda renovar-se, e se não existe algum meio de prevenir a volta dessas calamidades.

Esta questão, menos urgente hoje por se ter affastado a crise e parecer segura a paz no oceano, nada tem perdido de seu interesse, e merece ser estudada com o maior cuidado. Para trata-la de um modo completo, recordaremos qual tem sido ha dous seculos a posição das nações neutras, todas as vezes que as grandes potencias maritimas, especialmente a Inglaterra, se acharam em guerra, e exporemos os motivos apparentes e sobre tudo as causas occultas, mas reaes, da conducta dos belligerantes para com as nações pacificas. Depois de ter pesquizado, com o auxilio dos tratados antigos e recentes, e particularmente daquelles que tem sido concluidos pela Grã Bretanha, que sorte é reservada aos neutros em um conflicto em que essa potencia empenha-se, indicaremos o meio o mais efficaz para impedir as consequencias fataes da guerra sobre as nações que não querem tomar parte nas hostilidades. Se, no correr deste trabalho, a Inglaterra acha-se quasi sempre em causa, é por ser ella ha seculo e meio a potencia dominante sobre o oceano por se ter empenhado em quasi todas a guerras maritimas; por se ter recusado conformar-se, todas as vezes que empunha as armas, com a jurisprudencia dos outros povos, para observar os usos que para si creou e que chama seu direito: emfim por ser ella quem, ha alguns dias, esteve a ponto de declarar a guerra para vingar um insulto feito ao seu pavilhão.

No começo deste estudo, e para torna-lo mais claro e rapido, é indispensavel recordar summariamente os direitos, que a guerra maritima confere aos belligerantes e aos neutros, os deveres que lhes impõe e as consequencias que arrasta. Esses direitos e esses deveres dimanam do direito das gentes e primitivo natural ou divino, isto é, dessas noções do justo e do bem, que Deus gravou no coração de todos os homens; dimanam tambem do direito secundario ou convencional, da jurisprudencia internacional, que resulta das convenções expressas concluidas pelos differentes povos.

A guerra é um flagello, e o flagello o mais terrivel com que Deus possa affligir a humanidade. Entre os povos livres, porém, e completamente independentes uns dos outros, que não reconhecem e não podem reconhecer poder algum superior, juiz algum commum, esse flagello é uma necessidade; é o direito supremo, a justiça das nações. Quando a guerra se limita a proteger o bom direito, a reparar as injurias, o flagello, por mais terrivel que seja torna-se um beneficio para os estados que, sem este recurso extremo, veriam sua honra a sua independencia á mercê de um rival insolente e ambicioso. A guerra, porém, deve ser contida em justos limites; não deve pezar senão sobre os que a fazem. Cada povo, em virtude de sua independencia essencial, pode escolher e abraçar o partido para que é levado por seus sentimentos ou seu interesse. Pode, os alliar-se com um dos combatentes, e por conseguinte torna-se tambem combatente, ou, pelo contrario, ficar espectador tranquillo e desinteressado de uma luta estrangeira, abraçar a neutralidade.

A guerra dá ao que a faz um direito muito importante, o de prejudicar a seu inimigo por todos os meios *directos*, que estão em seu poder. Os meios *directos* são os que ferem o adversario immediatamente e sem passar por uma outra via: taes são a invasão, a conquista do territorio, a apprehensão dos bens moveis e outros, o bloqueio, o sitio, o attaque dos portos, praças e fortalezas que lhe pertencem, o combate propriamente dito, etc., etc. E' inutil ajuntar que os meios, mesmo directos, devem ao mesmo tempo ser conformes ás leis da humanidade, e aos usos das nações civilisadas.

O dever correlativo d'esse direito tão amplo e tão absoluto da guerra é o respeito o mais completo dos direitos e da independencia das nações que se conservarem neutras, e que observam fielmente as obrigações impostas por essa qualidade.

Os povos pacificos continuam, apezar da luta empenhada entre os belligerantes, a gozar completamente de sua independencia natural, caracter essencial da nacionalidade, sem o qual não existe mais nação. Elles tem o direito de não se resentir das consequencias immediatas das hostilidades ás quaes ficam estranhos. Assim podem continuar suas relações de commercio e mesmo de amizade com as duas partes, como em plena paz. Entretanto esse estado novo impõe aos neutros deveres particulares: devem-se abster completamente de qualquer acto de ingerencia nas hostilidades, e guardar uma estricta imparcialidade para com os belligerantes.

O primeiro desses deveres veda não somente dar a um dos adversarios soccorros directos e immediatos de guerra, ou de transporte; mas ainda fornecer-lhe, mesmo pela via commercial, isto é, a preço de dinheiro, armas, munições e instrumentos de guerra, como subsidios, tropas formadas navios de guerra ou de transporte, mas ainda fornecer lhe mesmo pela via commercial, isto é, a preço de dinheiro, armas, munições e instrumentos de guerra, o que se designa de ordinario sob o nome de contrabando de guerra.

A imparcialidade consiste em tratar os dous belligerantes do mesmo modo, e com uma perfeita egualdade em tudo o que concerne ás relações de estado a estado. Assim, quando um povo pacifico acolhe em seus portos os vasos de guerra de uma das partes, quando lhe concede o que se chama o asylo, deve egualmente receber os da outra parte e fazer-lhes a mesma recepção. 1. Esta obrigação existe completa, mesmo quando, por tratados anteriores á guerra, o neutro houvesse consentido em conceder o asylo aos navios de uma das partes, e não tivesse contrahido compromisso algum d'esta natureza com a outra. Ella existe e deve ser executada, apezar das convenções assignadas pelo neutro e um dos belligerantes, estipulando por este ultimo um acolhimento mais favoravel que o reservado a seu adversario, 2. Este ultimo dever, porém, não vae até constranger o neutro a entreter com os dous adversarios as mesmas relações de commercio ou de amizade na mesma medida e mesmas condições. N'este sentido, e em tudo o que concerne aos actos dos subditos entre si, a independencia da nação pacifica fica inteira, póde seguir seu interesse ou suas sympathias sem violar suas obrigações.

A guerra não deve ferir senão os belligerantes; deve respeitar completamente os neutros; elles não podem soffrer as consequencias immediatas do estado de cousas violento, no qual nenhuma parte tomam. E' impossivel que esses povos não resintam alguns effeitos do flagello, taes como a diminuição de commercio, a interdicção de certos trafegos (contrabando de guerra) e de certas relações (bloqueios), mas esses effeitos são indirectos e mediatos; não podem ser evitados.

Essa limitação dos prejuizos da guerra é assaz facil em terra. Para lesar o neutro de um modo directo, seria preciso que o belligerante franqueasse a fronteira, e entrasse no territorio inviolavel, acto de ordinario difficil e sempre perigoso, que attrahiria immediatamente todas as forças do offendido, e muitas vezes as de seus visinhos, contra o culpado. No XIX seculo não póde haver mais duvidas sobre o pretendido direito de passagem das tropas sobre o solo neutro, nem do direito mais exorbitante de se apoderar das praças fortes dos povos pacificos.

No oceano é muito mais difficil restringir as hostilidades nos limites exactos que não devem ser excedidos. O mar é commum a todos os povos, sem pertencer a nenhum, todos o percorrem em todos os sentidos, e n'elle se encontram constantemente; o belligerante para perseguir seu adversario, o neutro para continuar seu commercio pacifico.

Estes encontros entre o homem armado e o que não está, sobre um espaço aberto, em que não se encontra protecção alguma permanente, podem tornar-se perigosos para o ultimo, sobretudo, como em seguida se demonstrará, quando o belligerante é um povo poderoso no mar.

Nas guerras em terra, o direito de prejudicar o inimigo não encontra em seu exercicio difficuldade alguma em relação aos neutros; não acontece o mesmo no mar. Um dos meios os mais efficazes de prejudicar o adversario é certamente o de apoderar-se dos navios, que lhe pertencem; para toma-los, porém, é preciso reconhece-los, e de que modo poder-se-ha distinguir a nacionalidade de um navio no oceano?

A bandeira commercial não poderia fornecer uma prova satisfactoria; desde tempo immemorial deixou-se de acreditar n'ella.

Se se attendesse a esse signal, hoje sem valor, bastaria a um inimigo arvorar côres mentirosas, para escapar a qualquer perigo, e o direito do belligerante se acharia paralisado. Para obviar a esse grave inconveniente, o direito secundario deu aos cruzadores das nações em guerra um direito muito importante, quasi exorbitante, o de visitar todos os navios mercantes, que avistam no mar alto, seja qual fôr a bandeira que tragem estes navios, para se assegurar se elles pertencem realmente ao povo sob cuja protecção se collocaram.

Por outro lado, um navio, pertencendo realmente a uma nação neutra, póde ter sido fretado pelo governo inimigo do cruzador, para fazer um serviço de guerra, tal como o transporte das tropas, munições e material de exercito. Póde mesmo haver violado o seu dever de neutralidade, carregando para conduzi-los para esse inimigo, armas, munições e instrumentos de guerra.

No primeiro caso, perdeu sua nacionalidade, passou-se para o serviço do belligerante, e como tal deve ser tratado, isto é, confiscado com tudo o que traz; no segundo continúa a pertencer a seu paiz, mais violou os deveres da neutralidade, e todos os objectos de contrabando que traz são sujeitos á presa. De que modo poderia o navio armado, que encontra um neutro culpado de uma d'essas duas infracções de seus deveres, reconhece-lo? Para facilitar, para assegurar o exercicio de seu *direito*, a lei secundaria extende o poder do cruzador até a examinar a natureza da carga.

(Continuar-se-ha.)

1 Sobre a extensão e limites de imparcialidade, e sobre o direito de asylo, veja-se nosso *Tratado dos direitos e dos deveres das nações neutras*, t. 1.º, p. 281 e 344, 2.ª edição Paris, 1858.

2 Um grande numero de tratados tem consagrado esta desigualdade de tratamento: bastará citar o de 1794 — 1795, entre a Inglaterra e os Estados-Unidos; o de 1786, entre a França e a Inglaterra, e o de 1810, entre a Inglaterra e Portugal. Sobre esta clausula e perigos que ella apresenta, veja-se a obra citada na nota precedente, t. 1.º, p. 353.

FOLHETIM

(ORIGINAL BRASILEIRO DO DIARIO DE PERNAMBUCO.)

OS INDIOS DO JAGUARYBE.

POR **

PRIMEIRO VOLUME.
(Continuação do n. 70.)

XI

VIAGEM.

A manhãa seguinte despontou radiosa e linda, como a primeira manhãa da creação.

As flores abriam as bôcas de aromas ás brisas, que passavam. O clarão do dia inundava os campos, como uma chuva de luz. Os cajueiros choravam suas stalactites de resina.

Que magestoso dia! Que primavera feliz se rasgava aos olhos! Tudo parecia fallar de Deus, por que tudo era maravilhoso e sublime! Oh!... Manhãas do meu sertão, como sois bellas!

As folhas estavam cobertas de orvalho. Eram, talvez, as bagas de um suor mimoso, que os vapores da noute tinham feito as arvores transpirar.

As serpentes que o dia alcançára ainda a rastear pelas chapadas, matejavam agora pressurosas. Os urubús altivolos sahiam das lôcas, nas grimpas dos serrótes, e batiam azas em procura de pasto.

Os guerreiros tambem sahiram das habitações para se embrenharem no mato.

As vozes do boré e das janúbias soavam com estridor.

Estavam todos pintados d'aquellas tintas. Lugubre contraste apresentavam ellas entre si.

Cobriam suas cabeças espêssos kanitares; adornavam suas cadeiras macios enduápes, que não deixavam de offerecer uma curiosa e linda apparencia, por que eram feitos de pennas multicôres.

Conduziam nas mãos e sobre os hombros tacápes de jucá, frechas e arcos.

Formaram-se em diversas columnas emparelhadas, á frente das quaes Jaguary caminhava. Muitas mulheres seguiam após elles, carregadas de vitualhas e rêdes.

Todos estavam animados, expansivos; mas Aytiapé, como se representasse o reverso da medalha, tinha o olhar desvairado, o andar vacillante, e seu coração palpitava rapido, como a sutura coronal de uma creança, que chora.

Um quer que fosse de sublime e grandioso bravura animava aquelles semblantes selvagens. O fogo de varonil coragem enrubecia-os, aviventava-os, como os gelos de uma funda saudade e de um desespero cruel, pallidejavam e amorteciam o rosto taciturno de Aytiapé.

Elle caminhava arrastado, pezaroso e doente, como se fizesse caminho para mover suas armas, não contra adversarios, mas sobre irmãos das mesmas crenças.

Era um typo inteiramente diverso de todos aquelles outros typos aborigenes.

O sentimento da vingança que, como pretende Ferdinand Denis, era entre os selvagens uma necessidade que todas as nações egualmente resentiam, não exercia todavia n'aquelle coração as prerogativas de sentimento predominante. A' cima dos seus brados erguiam-se com maior alvoroço e em vibrações mais robustas, as vozes de um outro, que lhe era superno—e do amor.

O amor era a corda sensivel d'aquella alma, aberta e desenvolvida á poesia dos matos brasileiros. O amor era o primeiro verbo dos seus labios, a primeira idéa de sua mente, a primeira fibra do seu coração. O amor era tudo n'aquella personalidade, era sua vida, era sua alma.

Uma vez já o tinham visto aggredir, a braço inerme, um enorme tigre, que estolára o craneo á uma india, que amava.

Foi sobre a grimpa de um altanado serrote que se deu o encontro. Ainda bem o cerebro da indigena se não puxira ás presas do féro animal, e já Aytiapé lutava com elle braço a braço.

Alguns irmãos, que tinham ficado em baixo, ao pé do sêrro, viram-n'o e admiraram-n'o nessa occasião gloriosa.

Os dous selvagens das florestas—indio e tigre—pegaram-se, enlaçaram-se, conchegaram-se um ao outro, como duas superficies eguaes, e depois separaram-se para nunca mais se unirem: o indio executou um impulso gigantesco e precipitou o tigre de cima da eminencia do empinado alcantil sobre o sôlho pedregoso da planicie, que lhe servia de base, e onde a féra se esbandalhou exanime.

Mas em seguida os mesmos que presenciaram o colosso.... empallidecer de colera ao atracar-se com a onça, viram-n'o por sua vez banhar o sangue do craneo da moça com abundantes prantos de saudade e de amor. O colosso venceu como Aristides, porém, ao cabo da victoria chorou, como Bruto sobre os cadaveres de seus filhos!

Fôra o amor quem déra-lhe forças de Cachullin e coragem de Cesar.

....

E os mais guerreiros caminhavam ao certame, e com elles se arrastava triste o infeliz amante, que vae sempre de cabeça pendida para diante, como um octogenario ao carregume dos annos.

....

Quando todos partiram Igarahy se achava, de pé, com a filha de Jaguary á porta de um dos casarões.

Esta lhe disse:

— Não acompanhas os guerreiros?

— Eu não quero ser visto por elles, ou antes, eu não quero que Aytiapé me veja. Elle é imprudente em demasia, e perseguir-me-hia com suas lamentações de amor, que demais me enfastiam.

Entraram ao cabo disto.

Algumas horas depois viram-n'a sahir perfeitamente preparada como uma verdadeira Amazona.

Do pescoço lhe pendiam peças de provisão e instrumentos de guerra. Em uma das mãos apertava o tacápe inflexivel dos combates.

Maravilhoso prestigio circumdava-a. Talvez fosse elle devido á veneranda qualidade do sexo.

Como quer que fosse, o certo é que seus olhos chammejavam bravura, e a nobre e briosa gravidade do mover dos seus passos assellava-a com o stygma de futura heroina.

Ella deixou a cabana para tomar a estreita verêda, que haviam percorrido, algumas horas antes, as robustas hostes dos valentes guerreiros.

Antes de encobrir-se de todo na espessura, despediu ás habitações um olhar de saudoso sentimento. Fallavam-lhe na alma as doces lembranças das festas e danças nocturnas, com que costumavam folgar, no terreiro espaçoso, quando ia luar pela planicie, festas e danças de que por um certo espaço de tempo, ou, talvez, para sempre, ia privar-se ella.

Por um momento o semblante risonho toldou-se-lhe a essa lembrança pungente. As danças, depois do amor e das guerras, mereciam a particular attenção dos selvagens.

Sem que porem, se deixasse expandir áquelles effluvios, deu mais alguns passos para diante, penetrou na espessura sombria do mato e desappareceu.

XI

A VISÃO DA SELVA.

As mattas dos nossos sertões do norte são um como mundo, povoado pelo silencio, pelas sombras e pelos mysterios.

Para os olhos avezados a tudo verem com plena liberdade, a escuridão das selvas assemelha-se, por ventura, a de um tumulo profundo, cuja temperatura é carregada de medonhas apparencias. Aos olhos do selvagem ellas se revelam como uma região abençoada por que elle vê nas trevas ao negror das noutes, como nós vemos nos campos rasos a luz do dia, porque elle conversa com os grilos, com as serpentes, com os acamatiscos da deshoras; porque nas sombras e nos silencios respira muita poesia e muito gozo; porque para elle ellas não tem mysterios.

Vê se daqui que Ygaraby, entrando no bosque, penetrou dentro de uma região bemaventurada e feliz aos seus olhos, não obstante as emoções de saudade.

Haviam já quatro dias e tres noutes que sahira da aldeia.

Seguindo as pegadas, que os guerreiros deixavam após si, ligeiramente impressas nas folhas machucadas e garranchos partidos pela pressão dos pés, ou vestigios da sua passagem nas cinzas das fogueiras extinctas, e nos tições ou ramos meio-queimados com que se haviam atteiado, tinha até alli feito caminho, em rumo certo na direcção dos portuguezes.

Ao cahir do quarto dia—pés mutilados pelos fragmentos ponti-agudos das pedras—parou para tomar o seu pouso nocturno.

Foi ao pé de um sêrro escarpado.

Do lado direito escancarava-se, como uma cisterna lodosa, um profundo valle, que ia perder-se na immensidade do matto; do lado esquerdo um outro, de eguaes proporções, prolongava-se ameaçador.

No centro desse matagal virgam e gigantesco, que com as suas plumas altanadas rompia o ether e com o seu raizame enredoso agarrava-se ás profundezas do solo, aquelle monte escaveirado poder-se-hia tomar pelo natural habitador dessas brenhas.

Altivo, soberbo, empinado—lá da sua cumiada eminente—olhava com desdenhosa vista para a espessura de cujo meio se erguia.

Era o imperante eterno desse imperio encantado. A vegetação ingente e immarcessivel era seus subditos, porque beijava-lhe os pés submissa, reverenciava-o.

Foi, como fica dito, ao pé desse rochedo que a moça estacou.

Era quasi noute. Nunca a selva foi tão triste, nem o silencio da selva tão medonho. As aves da noute, jamais esvoaçaram tanto por entre as sinuosidades e ôcos das arvores seccas, nem os seus pios desusados foram tão merencorios!

O parecer de tudo que alli existia infundia terrores, como tudo que existe n'um cemiterio.

Figurai uma brenha espessa e longa.

Mil parasitas se enredam, como hera. Debaixo dos vossos pés quebram-se folhas e galhos ressequidos com agoureiro estalar.

Aos vossos olhos abre-se um infinito de espessura, que, por isso mesmo que é densa, sombria e sem limites, pesa sobre a vossa vista, como uma visão hedionda.

O ar parece não penetrar ahi; ventos e brisas por alli não passam.

Si soltardes um grito, meia hora ouvireis o seu soido no echo teimoso das solidões.

Si aventurardes um passo para diante, os enormes arvoredos, que vos ficam fronteiros, ameaçar-vos-hão, como lemures.

Si poderdes entregar-vos á meditação, quando tornardes a vós, cahireis no chão de sorpreza, porque vos julgareis enclaustrado n'um cemiterio onde não ha coveiros com quem possais conversar.

Si persistirdes de pé, immovel, por mais de um minuto, as cobras que vos sentirem a passagem em breve estarão comvosco, a quererem morder-vos.

Guardai vigilia, e, ao relampaguear dos olhos dos tamanduás e tigres, lobrigareis miragens de prodigiosa apparencia.

Fazei proposito de dormir, que será de balde: ninguem dorme em um deserto, em que tudo é ameaçador, medonho e mysterioso.

Seria, porém incoherente que uma incola brasileira, nascida e crescida nesse deserto de folhagens e bastos arvoredos, acostumada e familiarisada com a sua taciturnidade e silencios, possuisse-se de taes e quejandas apprehensões.

A prova, vêde.

As serpes arrastando-se pelas folhas myrradas sobrepostas ennovellavam-se-lhe pela parte superior dos pés, sem que fizessem-n'o immobilisar-se ou recear.

As parasitas, que empeciam-lhe a passagem com os seus labyrinthos, ella estalava-as ao peso das mãos vigorosas.

As aves agoureiras, longe de amedrontarem-n'a com os pios de lementosa lugubridade, espantavam-se com a sua presença, e voavam a esconderem-se dentro da vacuidade dos tocos seccos.

Tudo isto provava que a floresta era um mundo com que se ella identificava, porque elle fôra o seu berço e seria, sem duvida, o seu tumulo.

Sendo escuro, parou ahi, e tratou de escolher um local, que offerecesse abrigo pela noute.

A' direita, na fralda do precipicio elevava-se uma ramalhuda emburanna. Descarregou-se de tudo, que conduzia sobre si, ao tronco della.

Antes de haver-se conduzido áquelle silvado—sol ainda no occidente e um quarto de legua antes—havia estacado a beira de um corrego, que passava, por entre o bosque.

Fatigada e suarenta, parara alli para tomar o seu pouso, antes que o sol tomasse o delle. O cansaço e o suor pesavam-lhe, como pedra sobre os membros, arranhados pelos espinhos bravos.

Sentara-se junto dagua, na areia fresca do ribeiro, quando seus olhos foram dar inopinadamente sobre uma clareira do mesmo lado, em que se achava e em não grande distancia.

Uma vetusta estacada, na maior parte carcomida, attestava que outr'ora havia servido de tosca armação aos colmos de algum povo.

Diversos troncos de arvores, seccos alguns, outros coroados de robustos e vicejantes rebentões, igualmente levavam a crer, que a mão do homem havia por alli deixado vestigios de uma acanhada industria, mutilando-os para particulares fins.

Accrescia que alguns restantes de palhas, quasi decompostas, presos ainda a estacada por cipós ressequidos e prestes a desabarem, ainda mais confirmavam a passada posada de uma povoação indigena por essas desertas paragens.

Era aquillo o que os selvagens chamavam *tapéra*. Habitações protectoras n'outro tempo mais feliz, jaziam agora esquecidas e só povoadas, segundo as crenças desse povo, por genios malfazejos.

Não obstante não ser aquelle espectaculo estranho á vista della, seria impossivel descrever, ao certo, tudo quanto de sorprendente e alterrador experimentou seu animo ao deparar-se com elle.

Subito esforço fê-la erguer-se em continente. Uma algente emoção de terror inundou-lhe os membros. A physionomia afogueada pelo cansaço e pelo calor da viagem, empallideceu de chofre: a folha da arvore, que o tempo arrancou-lhe ao galho, não é mais descorada. Os labios contrahiram-se de horror, o lume dos olhos entibiou-se com as sensações da estuante sorpreza, pela fronte se lhe escorriam bagas copiosas de uma transpiração puramente forçada, só filha da inopinada occasião.

Tendo já se alijado do que conduzia em si, presto poz tudo de novo sobre os hombros, qual se Tupan lh'o mandára, Tupan, ou o seu sacro pagé.

E depois, como uma capibára, desembaraçada e agil, atravessou o corrente com agua pelas curvas e metteu-se, mais que veloz, no denso matagal que do outro lado do corrego se seguia.

Mas porque assim fizera a india?

E' que nas tapéras, como nos cemiterios, a crença geral desse povo fazia habitar os subditos crueis do Jurupary, chamados *Uiaupyas*.

Voltando agora á emburanna, onde a deixámos, temos a dizer ao leitor paciente, que a viajôra, gyrando um pedaço de páu sobre o furo de um outro, produziu fogo, que communicou a algumas accendalhas. Em breve uma grande fogueira crepitou no bosque, derramando aureos reflexos por aquellas brenhas, escuras de si mesmas, e agora ainda mais escuras, por causa dos negrumes da noute.

Ao seu flammejar metamorphoseou-se o aspecto dellas. A escuridão rarefez-se, a carregada densidão dos matos apresentou uma imagem menos lugubre.

Sentou-se então sobre um tronco vetusto. Os olhos tinha-os afogueados, como as lavas da fogueira. Dir-se-hia que o que animava o elemento que ardia eram os olhares da moça.

Passado um minuto foi armar a rêde a um braço de arvore, e meditou depois. A solidão por natural propriedade desafia á meditação.

A moça tinha além disso uma alma contemplativa. Avalie-se, por conseguinte, quanto não influiu no seu animo a mudez tumular dessas retiros.

Todos os pensamentos latejavam-lhe exaltados no cérebro. Os pensadores amam principalmente a solidão, porque ahi não encontram interrupções ao livre curso das suas idéas. A solidão é a alma do pensamento: é o seu elaterio.

Depois de ter meditado á farta, sentiu necessidade de repouso e houve somno. Chegou mais lenha ao fogo, pendurou de um dos punhos da rêde as suas armas e deitou-se para dormir.

A noute ia segeramente no meiado.

Os raios languorosos do planêta nocturno enfiavam-se obliquamente no pincaculo da folhagem. As cobras silvavam pelos anduriases no leito de folhas seccas, e os grilos, nos seus tugurios, pelas quebradas e chans das brenhas.

A india dormia e sonhou. Seu sonho foi horroroso, fatal, por ventura satanico: o sonho do superticioso é repleto de miragens atterradoras.

E elle consistia nisto.

Jurupary appareceu-lhe e lhe disse:

— Filha ingrata, a tua condição actual é mais penosa do que a dos sertões, opprimidos pelas sêccas. Desde que deixaste o povoado que o genio do mal te persegue, o genio do mal, que não eu. Tu' consultaste o pagé sobre o teu destino, que elle incensou de esperanças, fagueiras, perfumosas—é verdade—como o proprio fumo que exhalava do seu cachimbo, porém, como esse fumo, ephemeras, mentirosas, fugazes. No que te disse, calumniou a Tupan, ou aliás este calumniou a si mesmo. Este e aquelle são os dous genios maleficos destas paragens. Aconselharam os teus a partirem contra os Emboabas na fé propicia de vencerem-n'os, mas tal se não ha de realisar. O que te disseram mentira é, e bem manifesta: vê-lo-has. Mil casos infortunados cahirão sobre as filas dos guerreiros, quando nos campos dos brancos se acamparem, como formigas destruidoras costumam cahir sobre os mandiocaes. Haverão milhões de ferimentos, mutilações e mortes. Muitos serão traspassados, muitos serão prisioneiros, muitos vendidos e depois açoutados ou queimados em vida. Jaguary ficará em servidão, e se não ficar, ha de ser morto, e o não fôr, será mutilado ou inutilisado, de modo a mais nada valer nos combates. Pelo que te diz respeito, Japy não existirá mais; já os brancos venderam-n'o ou mataram-n'o. E se porventura existe ainda, ha de ser em duras e crueis prisões, que nunca poderão quebrar nem o braço, nem o tacápe de Japy. E se nesse tempo ainda viver e em liberdade, todas as suas affeições hão de estar então mudadas e tão differente das que comsigo levou, como differente é o espinho da juréma da sua candida flor. Affeições, blandicias, devotamentos, excessos, zelos, amor, nada disto has de achar, embora Japy exista ainda, e ainda mais se já elle não existir. Não te aventures pois ás terriveis provanças do resto da viagem. Volta. Por estes andurises e invios desertos ha grandes perigos. Ha despenhadeiros profundos, alcantilados, sêrros, enredadas florestas, famintas e bravias féras. Nestas cavernas ha muitos tigres sanguinarios, nestas catingas muitas serpes peçonhentas. Foge, filha de Uoharé, destas paragens agrestes, hediondas, deletéres. Acredita o que diz Jurupary e descrê do que disse Tupan por bocca de seu pagé: elle é teu pae, mas é impostor e fementido. Volta; eu o mando. Ao contrario um temporal de desventuras te persiga desde já. Maior seja o seu numero que o dos enxames de abelhas que demoram por estas matas. Todas as boicininngas, habitadoras deste bosque, te accommettam de um só jacto, e com crueis dentadas te dilacerem. Só espinhos encontres no teu andar, só espinhos e pedras ponti-agudas. Mil calamidades te assaltem, por mil despenhadeiros rolês, até que de uma vez depare com o termo, que deve receber o que descrê de Jurupary, ou não cumpre o que elle manda ou despreza-o por Tupan!

Ygaraby acordou horrorisada e em delirio. Estava fria, como o fundo das lagôas pela manhãa, e tiritava egualmente, como uma taboca, agitada pelos embates oppostos e contrariados do temporal.

(Continuar se-ha.)

PERNAMBUCO.—TYP. DE M.F. DE F. & FILHO.

ILEGÍVEL

MUTILADO